



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA**

**VYTAL HÍRVEY MAGALHÃES ARRUDA LINHARES**

**A TEMPORALIDADE EM EDMUND HUSSERL E AS CONTRIBUIÇÕES  
PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO LUÍS - MA**

**2021**

VYTAL HÍRVEY MAGALHÃES ARRUDA LINHARES

**A temporalidade em Edmund Husserl e as contribuições para a Psicologia Clínica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro – UFMA

Co-orientador: Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira – EEFRRP - USP

SÃO LUÍS - MA  
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Magalhães Arruda Linhares, Vytal Hírvey.

A Temporalidade em Edmund Husserl e as Contribuições para a Psicologia  
Clínica / Vytal Hírvey Magalhães ArrudaLinhares. - 2021.  
148 f.

Coorientador(a): Cristiano Roque Antunes Barreira. Orientador(a): Jean  
Marlos Pinheiro Borba.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

- |     |                                    |      |                              |    |          |    |             |
|-----|------------------------------------|------|------------------------------|----|----------|----|-------------|
| 1.  | Clínica.                           | 2.   | Fenomenologia.               | 3. | Husserl. | 4. | Psicologia. |
| 5.  | Tempo.                             | I.   | Pinheiro Borba, Jean Marlos. |    |          |    |             |
| II. | Roque Antunes Barreira, Cristiano. | III. | Título.                      |    |          |    |             |

**A TEMPORALIDADE EM EDMUND HUSSERL E AS CONTRIBUIÇÕES  
PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA**

Examinada em: 20/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA  
Orientador

---

Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira  
Escola de Educação Física de Ribeirão Preto – EEFRP  
Universidade de São Paulo - USP  
Co-Orientador

---

Profa. Dra. Scheila Cristiane Thomé  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
Membro externo

---

Prof. Dr. André Vinícius Dias Senra  
Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ  
Membro externo

---

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
Suplente

SÃO LUÍS - MA  
2021

## RESUMO

A pesquisa investigou os estudos husserlianos sobre consciência interna do tempo, extraindo as contribuições do entendimento de tempo fenomenológico para a Psicologia Clínica por meio da Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). Evidenciam-se suas contribuições acerca da teoria fenomenológica do tempo para a Psicologia clínica, ao conhecer o conceito de tempo nas obras dos pensadores que influenciaram Husserl em seu entendimento de tempo fenomenológico e consciência temporal, com posterior análise intencional da constituição e origem da mesma, culminando no estudo da possibilidade de uma psicologia fenomenológica e nas contribuições dos estudos husserlianos sobre temporalidade para a clínica psicológica, discutindo o aperfeiçoamento do método filosófico nessa área, por meio do estudo da temporalidade em produções de comentadores europeus e brasileiros. Portanto, é apresentado de maneira descritiva, nas obras de Husserl, a origem e constituição da consciência interna do tempo. A metodologia da pesquisa, de cunho qualitativo, seguiu a atitude e o método fenomenológico husserliano buscando a descrição, as evidências e a sistematização das ideias sobre o tempo. A análise intencional das produções husserlianas *Ideia para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica* (1913/2006) – *Hua V* e *Lições para uma Consciência Interna do Tempo* (1928/2002) – *Hua X*, e também de artigos, capítulos e livros, serviram para elencar possíveis contribuições para a Psicologia clínica. Discute-se a importância do tempo no processo de avaliação e intervenção psicológica; problematiza-se o alcance da Filosofia fenomenológica para a clínica psicológica contemporânea; além de sistematizar o conhecimento filosófico husserliano imbricando-o na Psicologia pura, ao compreender a operatividade do tempo fenomenológico à luz de rigorosa teoria temporal capaz de problematizar o conceito de tempo subjetivo e subjetividade intencional. Nesta pesquisa foram encontradas contribuições essenciais do arcabouço filosófico husserliano para a compreensão da operatividade temporal em uma atuação na clínica psicológica: a distinção entre tempo subjetivo e objetivo; e a importância do tempo fenomenológico para a clínica. Considerando a congruência do referencial epistemológico, teórico e metodológico, a Fenomenologia permitiu compreender o sentido do conhecimento temporal distinguindo as dimensões correlatas do tempo: subjetivo e objetivo, assim como retratando as contribuições para a Psicologia clínica.

**Palavras Chave:** Fenomenologia; Husserl; Tempo; Psicologia; clínica.

## ABSTRACT

The research investigated the husserlians studies about time internal conscience, extracting contributions of the understanding of phenomenological time for Clinical Psychology through Edmund Husserl (1859-1938) Phenomenology. Its contributions about phenomenological theory of time for Clinical Psychology are highlighted, knowing the concept of time in the works of the authors that influenced Husserl in his understanding of phenomenological time and temporal conscience, with later intentional analysis of constitution and origin of itself, culminating in the study of the possibility of a phenomenological psychology and in the contributions of husserlians studies about temporality for clinical psychology, discussing the improvement of the philosophical method in this área, through the study of temporality in productions of europeans and brazilians commentators. Therefore, is introduced in a descriptive way, in Husserl works, the origin and constitution of the time internal conscience. The research methodology, qualitative in its nature, followed the husserlians attitude and phenomenological method seeking the description, evidences and systematization of the ideas about the time. The intencional analysis of husserlians productions *Idea for a Pure Phenomenology and a Phenomenological Philosophy* (1913/2006) – Hua V and *Lessons for a Time Internal Conscience* (1928/2002) – Hua X, and also of articles, chapters and books, served for the casting of possible contributions for the Clinical Psychology. The relevance of time in the process of evaluation and psychological intervention is discussed; The phenomenological Philosophy's reach for the contemporary psychological clinic is problematized; in addition of the systematization of husserlian philosophical knowledge intertwining it in the pure Psychology, while comprehending the operativity of phenomenological time under the light of a rigorous temporal theory capable of problematizing the concept of subjective time and intentional subjectivity. In this research have been found essential contributions about the husserlian philosophical framework for the comprehension of temporal operativity in a clinical psychology approach: the distinction between subjective and objective time; and the importance of the phenomenological time for the clinic. Considering the congruence of the epistemological, theoretical and methodological referential, the Phenomenology allowed to understand the temporal knowledge sense distinguishing the correlate dimensions of time: subjective and objective, and also portraying the contributions for the clinical Psychology.

**Keywords:** Phenomenology; Husserl; Time; Psychology; clinic.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus e ao Todo, que colocou pessoas e materiais no meu caminho, que me destinaram à confecção desta dissertação.

Dedico à: Tereza de Jesus Aguiar.

Aos meus pais, Ana Hirley e José Vytal.

À Mariane de Sales, à Lucas Magalhães, à Jadir Machado, à Jean Marlos e à bolsa de pós-graduação (Mestrado) da FAPEMA.

*“O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente”.*

(Santo Agostinho)

## SUMÁRIO

|                                                                                                   |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                           | <b>9</b>   |
| <b>CAPÍTULO 1 – DESIGNAÇÕES DO TEMPO EM: AGOSTINHO, KANT E HUSSERL.....</b>                       | <b>18</b>  |
| 1.1 <i>Predecessores.....</i>                                                                     | 18         |
| 1.1.1 <i>Santo Agostinho .....</i>                                                                | 18         |
| 1.1.2 <i>Immanuel Kant (1724-1808).....</i>                                                       | 23         |
| 1.2 <i>Edmund Husserl.....</i>                                                                    | 29         |
| <b>CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DA ORIGEM E CONSTITUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA INTERNA DO TEMPO .....</b>        | <b>33</b>  |
| <b>CAPÍTULO 3 – POSSIBILIDADE DE UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA ..</b>                             | <b>56</b>  |
| <b>CAPÍTULO 4 - PSICOLOGIA CLÍNICA DE ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA</b>                               | <b>77</b>  |
| 4.1 <i>Operatividade do tempo subjetivo e objetivo na escuta de orientação fenomenológica ...</i> | 86         |
| 4.2 <i>Tempo e método .....</i>                                                                   | 104        |
| 4.3 <i>Aspectos clínicos da fenomenologia do tempo.....</i>                                       | 116        |
| 4.4 <i>Psicologia pura e a subjetividade transcendental .....</i>                                 | 121        |
| 4.5 <i>Possibilidade de uma clínica psicológica pura e o fluxo temporal .....</i>                 | 132        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                  | <b>142</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                          | <b>147</b> |

## INTRODUÇÃO

Findando a modernidade com a Filosofia de Georg Hegel (1770-1831), se inicia a era contemporânea com maior vigência do Idealismo alemão, que se sobressaía dentre as demais filosofias do século XX no contexto europeu. Vale ressaltar que todas as produções intelectuais daquele momento entravam cada vez mais em sérias discussões voltadas para a desconfiança da segurança metodológica e epistemológica no estudo das ciências, assim como da filosofia. Edmund Husserl (1859-1938) tomou para si a responsabilidade de elaborar um projeto epistemológico e metodológico de reformulação do modo de investigar os fenômenos, o qual emergiu para que trouxesse à luz um novo paradigma, onde fenômeno é tratado em sua origem, como retorno às *coisas elas mesmas* ou a *essência das coisas*. Dentre os fenômenos pelos quais Husserl se debruçou, um deles foi o tempo.

As inquietações sobre o estudo do tempo se sobressaíram como o meio pelo qual Husserl fundamentou o método fenomenológico, assim como a noção de intencionalidade. Tal método serviu como ponto de ruptura no *modus operandi* da ciência moderna e também no filosofar, proporcionando à Fenomenologia impactar os mais diversos campos de pesquisa na Alemanha e em toda Europa, mais tarde se expandindo entre os intelectuais e estudiosos de outros continentes. Ainda hoje continua reverberando seu pensamento enquanto atitude e método filosófico de rigor não-naturalista, demonstrando na Fenomenologia a potencialidade de compreensão do ser humano na contemporaneidade e sua apreensão perceptual do mundo no século XXI.

A temporalidade é, sem dúvidas, um tema de puro interesse por parte da Fenomenologia e assim foi em especial para seu fundador Edmund Husserl, o qual acabou por influenciar discípulos e pensadores que com ele tiveram contato. O professor que não partia de hipóteses elaborou o método fenomenológico, revolucionando o filosofar contemporâneo. O fenomenólogo afirmava que toda pesquisa deve partir do puro ver como uma investigação de essências, constituídas no campo apriorístico absolutamente dado em si mesmo, exclui do circuito e aceita apenas como fenômenos as vigências ou as realidades “derivadas nas ciências por indução ou dedução a partir de hipóteses, factos ou axiomas; e fica igualmente em suspenso todo o recursos a qualquer saber, a qualquer conhecimento” (HUSSERL, 1907/2000, p. 29).

A passagem da Filosofia fenomenológica para a Psicologia Fenomenológica ocorre no momento em que dispõem para a clínica, um arcabouço teórico e metodológico que traz à experiência vivida imediata a significação global da relação intersubjetiva, constituindo a

atitude fenomenológica como importante facilitadora para uma terapêutica nos tempos contemporâneos, quando cada vez mais a Psicologia clínica se constitui como espaço de escuta e cuidado, auxiliando as consciências afetadas pelo sofrimento em diversos níveis. Por este e outros motivos elegemos o conceito de temporalidade como de fundamental interesse para discutir o futuro da clínica e suas bases epistemológicas na Psicologia, também é relevante pontuar a escassez de trabalhos sobre noção de temporalidade em Husserl em língua portuguesa. Foram localizados apenas quatro artigos, sendo dois deles de origem lusitana, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado sobre o assunto no idioma português. Esta investigação ajudará a sanar parcialmente tal problemática da escassez de trabalhos sobre o assunto, somando com os pesquisadores da fenomenologia, e justificando assim, a realização desta pesquisa e suas contribuições para o estudo fenomenológico do tempo (PEREIRA JUNIOR, 1990) (ALVES, 2007) (HELENO, 2004).

O intuito do estudo teórico do tempo fenomenológico é contribuir para o aprimoramento da Psicologia clínica de orientação fenomenológica em sua base epistemológica, enquanto contribuição ao saber fazer psicoterapêutico em sua atitude intersubjetiva. Por meio da *epoché* fenomenológica, foi elucidada a temporalidade no seu aparecer originário, evidenciando em última análise a importância da operatividade temporal na clínica de cunho genético-fenomenológica e na clínica psicológica como um todo (SOUSA, 2014). A preocupação do pesquisador se evidenciou também na elucidação da atitude fenomenológica enquanto clínica dos saberes relacionais. Se o tempo para os empiristas se trata de uma dimensão psicológica da percepção cognoscente, para Husserl, trata-se da configuração fluente da essência humana e de tudo que é percebido intencionalmente a partir desta, livre de *a priori*s, apreendendo os fenômenos na impressão primordial, conforme acessa o método fenomenológico, se aproxima de particularidades fundamentais do vivido.

Husserl preconiza um modo de raciocinar fenomenológico, com a finalidade de uma descrição pura das objetividades correlativas. Para alcançar a compreensão filosófica do *cogito* transcendental, fora influenciado por estudiosos eminentes do passado, tais como Immanuel Kant (1724-1804), Franz Brentano (1838-1917) e René Descartes (1596-1650), assim como em pensadores da era medieval, a saber: Santo Agostinho (354-430), São Tomás de Aquino (1225-1274) e os primeiros filósofos gregos (390 a.C.). Seu objetivo é a fundamentação do escopo teórico-vivencial como caminho para o saber e o fazer da ciência, uma vez que o paradigma vigente estava sendo duramente criticado pelo idealismo cético e com alguma resistência do racionalismo vigente. Tal cenário remete aos tempos em que

Husserl produzia seus estudos, o estruturalismo e o racionalismo estavam fragilizados pelo avanço do empirismo naturalista na filosofia, assim como nas ciências de modo geral (HUSSERL, 1911/1965).

Os conceitos de subjetividade e objetividade estão correlacionados na visada intencional pela intersubjetividade, que se constitui como elo da relação empática entre os seres humanos no mundo. O método fenomenológico visa uma suspensão do mundo natural, uma redução no sentido fenomenológico, de recondução ao sentido, pondo-o entre parênteses para alcançar de maneira instantânea a apreensão da correlação entre os sujeitos em suas trocas interpessoais e da compreensão perceptual do contexto.

Explica o notável fenomenólogo que, a consciência empírica especulativa de base naturalista não pode compreender certos aspectos do conhecimento eidético transcendental, tal função caberia à atitude fenomenológica do eu puro que se constitui como ato apriorístico da vivência enquanto realização da consciência (*Realisierung des Bewusstseins*). O transcendente se caracteriza como modificações apreensivas que ocorrem no mundo psicofísico (*Psychophysische Welt*), conteúdo residual da consciência pura participando na corporeidade (HUSSERL, 1913/2006).

A apercepção que daí imana é perfilante, o vínculo participativo da consciência pura é levado a cabo, consolidando seu caráter imanente. Importante salientar que esta apercepção da atitude natural-psicológica ocorre em detrimento da postura fenomenológica, pois não se dão como figura, nem como forma, mas é apenas o fundo essencial do processo constitutivo da consciência temporal. Tal apercepção capta de maneira imanente o eu psicofísico, enquanto o olhar fenomenológico capta o eu puro. As vivências são contingentes e relativas no primeiro caso, e no segundo, necessárias e absolutas (HUSSERL, 1913/2006).

Da segmentação de estudiosos e estudiosas da Fenomenologia no Brasil, os psicólogos são uma das categorias profissionais que muito necessitam dos referenciais filosóficos para a problematização e discussão do saber psicológico. Baseando-me em duas obras clássicas de Edmund Husserl, *Ideias I* (1913/2006, *Hua V*) e *Lições sobre a consciência interna do tempo* (1928/2002, *Hua X*), além de artigos, capítulos e livros de comentadores rigorosos, busquei contribuições sobre a temporalidade, tema essencial enquanto dimensão que antecede o acontecimento das *coisas*. No caso da clínica psicológica, dando ênfase à escuta suspensiva e à atuação dos psicólogos permeada pela *epoché* no sentido fenomenológico, de recondução ao sentido original.

Consultando as obras filosóficas em Fenomenologia, me dei conta de que os estudos voltados para esse método e atitude na Psicologia estão muito dirigidos para alunos célebres

de Husserl, filósofos posteriores à Fenomenologia transcendental, que abandonaram o recurso primordial de acesso ao *eidós*, mas que de alguma maneira encontram na Fenomenologia genética um passaporte de regresso ao pensamento husserliano. Elaborando a pesquisa acerca das essências contidas nas “coisas mesmas”, assim como a transcendência do sujeito que vai além da empiria, por meio do salto transcendental. Conceito esse deixado em aberto por Husserl com relação à sua definição própria, o que nos faz retornar a Kant e suas produções, as quais enfatizam o tema da Filosofia transcendental, obras que pouco se traduziu em português.

Por esta constatação o pesquisador foi motivado a assumir uma postura fenomenológica genuína, considerando o pensamento husserliano como uma purificação da racionalidade que aprimora o trabalho de escuta clínica, assim como auxilia na evolução da ciência psicológica, trazendo uma alternativa de investigação não-naturalista, uma vez que é necessário aos profissionais darem conta da ética e das bases filosóficas que norteiam o cuidado psicológico.

Nas leituras em Psicologia e Filosofia que realizava na academia, sempre soou interessante sedimentar conhecimentos que propiciam o sustento da interdisciplinaridade entre ciência e conhecimento filosófico, a matriz científica dos gregos. Ao adentrar no Estado do Maranhão, várias foram as boas influências para a continuidade das investigações sobre esta proposta, dessa vez na Fenomenologia husserliana, culminando com a ideia da temporalidade, a fim de extrair desse laboroso e difícil estudo, contribuições para a clínica psicológica.

O II Encontro Nacional de Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e Filosofias da Existência, ocorreu no período de 8 a 10 de abril de 2019, o tema central foi o tempo e os fundamentos fenomenológico-existenciais para a compreensão, análise e tratamento de fenômenos clínicos e psicopatológicos da vida contemporânea. Nele estavam presentes diversos pesquisadores de várias regiões do Brasil, para apresentar seus estudos sobre o tempo por meio da Fenomenologia na clínica em tempos de crise humanitária, além de apresentarem também conhecimentos sobre as filosofias das quais estudaram, principalmente a Fenomenologia; enquanto psicólogos e psicólogas discursavam sobre a importância e necessidade do entendimento filosófico crítico para uma práxis incisiva e pós-moderna em Psicologia. Estando atento à manifestação livre e espontânea dos fenômenos, os psicólogos estudiosos da Fenomenologia estão aptos a apreender o universo de sentido das essências do cliente, não requisitando de forma obrigatória consultas prévias em manuais, diagnósticos apressados, nem guias de consulta psicológica.

Essencial para o treinamento do psicólogo clínico é a vivência de tornar-se um psicoterapeuta, apesar de não capacitá-lo de pronto, uma vez que as abordagens também precisam ser conhecidas, ao menos as três principais abordagens psicológicas: comportamentalismo, psicanálise e humanismo. Problematizações no contexto da Psicologia brasileira na contemporaneidade, onde os atendimentos psicológicos estão inseridos, necessitam de conhecimentos atualizados em Filosofia para uma prática eficaz na psicoterapia ou qualquer outro serviço psicológico. O arcabouço filosófico escolhido para o percurso da carreira de pesquisador, psicólogo e aprendiz da vida foi a Fenomenologia transcendental.

A consciência interna do tempo foi o foco da pesquisa, com o intuito de voltar às *coisas mesmas* da temporalidade, a fim de colaborar com as produções sobre a atitude fenomenológica na clínica. Objetiva-se apresentar as influências que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo do tempo na fenomenologia husserliana, discute-se o aperfeiçoamento da ciência e do método fundamental nas pesquisas sobre percepção temporal. A produção dos estudos de Husserl sobre a temporalidade foi diretamente influenciada por pensadores da era medieval – Santo Agostinho (354-430 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274) – e do idealista Immanuel Kant (1724-1804), pensador ao qual Husserl herdou a noção da origem dos fenômenos transcendentais.

Em 1928 é publicada na Alemanha a obra *Lições para uma consciência interna do tempo*, a qual impulsionou os estudos da constituição do tempo interno (subjetivo), buscando elucidar o tema subjetivamente ao empreender uma análise do tempo fenomenológico. Foi por meio da análise da descrição husserliana nessa sua obra clássica, que nos propomos a analisar fenomenologicamente as contribuições dos seus escritos sobre origem e constituição da consciência temporal para a Psicologia clínica, compreendendo a operatividade do tempo fenomenológico enquanto o que está *a priori* ao tempo cronológico, que para a clínica tradicional são os exatos cinquenta minutos. A intenção é extrair dos estudos desse tempo fenomenológico (*a priori*) valorosas colaborações para o estudo husserliano da temporalidade na clínica psicológica.

Os pontos principais abordados, além da distinção e apresentação da maneira como se correlacionam tempo objetivo e consciência subjetiva temporal, são os modos de constituição da objetividade temporal, enquanto objetividade subjetiva, e da análise de uma consciência subjetiva pura do tempo. Também as diferenças entre o sentir e o perceber, a herança brentaniana das representações temporais e seu conceito central de associações originárias; além da memória retencional (recordação primária) e a memória rememorativa (recordação secundária), resultando na importância do conceito de impressão e sua originalidade. Ainda

sobre: a constituição da objetividade de objetos e dos processos temporais subjetivos, níveis constituintes e constituídos da consciência temporal; e finalmente, sobre a subjetividade absoluta e os atos da percepção.

O presente trabalho pretende contribuir com a Psicologia brasileira quanto aos estudos husserlianos, a temporalidade foi escolhida por ser o último tema pelo qual o autor se debruçou, ainda que considerados os muitos obstáculos em produzir um texto dissertativo sobre um autor pouco comentado nos bancos acadêmicos de Psicologia, e quase desconhecido pelos profissionais que atuam no mercado de trabalho. Porém, a força de vontade e o empenho em perscrutar o arquivo husserliano em busca de clarificação para a práxis atual do psicólogo resultou em valiosa contribuição para a academia, assim como para todo o mundo, uma vez que é empolgante o fato de tal produto ser encontrado na *web*, ao voltar o olhar e os “ouvidos” para a crítica de Husserl ao psicologismo e sua proposição no método constituidor de um novo olhar sobre as ciências, tratando-se aqui especificamente da Psicologia pura.

A consciência da percepção temporal, como um *eureka* transcendental, evidencia que toda subjetividade se constitui na intersubjetividade pelas experiências no tempo e espaço, por isso tão importante tratar desse assunto. Constituir uma subjetividade significa instituir parâmetros de saúde e isto vem atrelado ao uso que se faz do tempo, se em atividades prazerosas encontramos-nos com o *tempo curto*; se em um estado de padecimento, sofrer, rancor, mágoa ou qualquer outro fator de adoecimento/estresse, lidamos com um cronômetro onde os minutos passam lentamente, ou pelo menos a percepção é de que as horas demoram a passar. As cinzas dessas horas é o conteúdo retencional, o qual é denominado no senso comum de passado, ora, nada mais é do que o processo de subjetivação da pessoa, seu percurso no mundo-da-vida, sua história contada em *carne e osso* numa presentificação.

A este sujeito dito cliente, direcionamos uma escuta qualificada, mas suspensiva. O treinamento vivencial de tornar-se psicoterapeuta num enfoque fenomenológico é direcionar nossa visada intencional para uma pessoa que sofre, como todas as outras, mas que sentiu uma dor seja física ou remanescente da angústia, que não mais pode lidar sozinha com fatos ou pensamentos e sentimentos, recorrendo a um profissional de psicoterapia, requer deste toda confiança relativa à sua intimidade, contratualizada no sigilo que busca esclarecer o cliente sobre a preparação para o início da sessão, mas não garante que ele acredite em algo institucional sendo cumprido apenas porque está escrito e assinado, tudo depende do vínculo terapêutico instituído na relação terapeuta-cliente, onde intencionalmente a intersubjetividade vinculante manifestará um caminho terapêutico para as vivências experimentadas no *setting* e

fora dele, aproximando o sujeito da consciência absoluta, remetemos à sua capacidade de transcendência.

Nestes pequenos passos que são evidenciados enquanto dados absolutos, oriundos de análise fenomenológica e de uma atitude de *epoché*, quase podemos ouvir Husserl nos alertar que tal movimento arriscado pode trazer um ar reformador, ao pretender a purificação dos fenômenos observados na Natureza, da percepção oriunda de nossa visada intencional. A possibilidade de uma Psicologia pura diz respeito ao fundamento metódico onde se baseia qualquer chance de cimentar fenomenologicamente uma Psicologia empírica cientificamente rigorosa. A aproximação da Fenomenologia ao pensamento natural é tarefa primeira da Psicologia fenomenológica, à qual marca uma introdução propedêutica para assim, nos ser possível compreender a Fenomenologia filosófica (HUSSERL, 1927/1992).

A aproximação desta Psicologia fenomenológica empírica da Psicologia pura é um processo fundamental para aprimorar o conhecimento fenomenológico husserliano por parte dos acadêmicos e para a disseminação do método filosófico entre os psicólogos empiristas. O presente estudo foi produzido objetivando uma melhor compreensão da temporalidade por parte principalmente dos profissionais que pesquisam a Psicologia clínica. Requereu-se como atitude apriorística o método de rigor (*epochê*) durante todo o trabalho de pesquisa, portanto, é necessário apresentar brevemente os passos realizados para iniciar a investigação.

No critério de inclusão foram selecionados os artigos, livros e trabalhos de conclusão de curso que versavam sobre a temática da fenomenologia que contemplasse: história da filosofia da temporalidade, características peculiares das obras raras de Husserl, ideia geral da Fenomenologia sobre o tempo, Husserl e Psicologia. Foram utilizados para a elaboração deste trabalho dissertativo materiais nos idiomas: português e espanhol. Como critério de exclusão institui-se as obras traduzidas para o alemão, francês ou outros idiomas.

Método fenomenológico é entendido aqui como atitude de análise da temporalidade no *cogito* transcendental, em sua relação intersubjetiva e com o mundo. Outrossim, uma postura filosófica ausente de pressupostos que busca analisar a temporalidade em seu sentido puro, que está relacionado com o sujeito transcendental e com a consciência interna do tempo. Podemos suspender o conceito de tempo cronológico, diferenciando-o do tempo fenomenológico, tornando possível uma análise das contribuições para a Psicologia clínica de orientação fenomenológica (HUSSERL, 1913/2006).

O método utilizado foi o da redução fenomenológica, Husserl nos explica que se trata de uma atitude filosófica pura, a qual oferece os meios para toda crítica da razão que se possa

almejar, requerendo, portanto a mais completa ausência de pressupostos, com o fim de evidenciar-se enquanto fenômeno da reflexão sobre si mesma (HUSSERL, 1913/2006).

A pesquisa se consistiu num estudo teórico baseado na pesquisa qualitativa fenomenológica que é a descrição dos resultados em busca do dado absoluto apreensível na Psicologia fenomenológica ou Psicologia pura, por meio de sua contribuição para a prática clínica e a fundamentação do tema da consciência interna do tempo no segmento psicoterapêutico e demais alcances da Psicologia clínica.

Foi realizado um levantamento bibliográfico prévio acerca do tema abordado, pesquisado em: artigos, periódicos, trabalhos de conclusão de cursos e livros, através de pesquisa bibliográfica documental e no meio virtual. O universo da pesquisa se configurou segundo os dados coletados nos materiais de base, as obras raras de Husserl traduzidas, conforme as regras da investigação qualitativa fenomenológica: *epoché*, primazia da intencionalidade, por meio dos atos da consciência, intersubjetividade e consciência temporal. Também constarão artigos e capítulos de livros oriundos de comentadores rigorosos.

Conforme Husserl (1907/2000), a Fenomenologia é atitude e método de rigor não-naturalista. A Fenomenologia propõe *um retorno às coisas mesmas*, então voltar ao tempo mesmo enquanto consciência interna que se direciona para uma diversidade de objetos. Pesquisou-se de modo originário a atitude fenomenológica na clínica em Psicologia mediante os estudos da temporalidade na orientação fenomenológica husserliana. A teoria do conhecimento tem como fundamento epistemológico a crítica da razão, por este motivo, a busca pela interdisciplinaridade entre Psicologia e Fenomenologia deu-se nessa pesquisa pelos seguintes procedimentos:

- Análise intencional suspensiva na leitura do material bibliográfico, ou seja, imersão sem hipotetização;
- Elaboração de análise com apoio das evidências apodíticas emergidas do estudo, aquelas consideradas científicas ou como dado absoluto (não-naturais);
- Compreensão fenomenológica do tempo a partir das leituras husserlianas;
- Elencar as contribuições dos estudos sobre a temporalidade em Husserl para a atitude clínica;

Os materiais utilizados na pesquisa foram obras raras de Edmund Husserl, assim como artigos elaborados por comentadores rigorosos sobre fenomenologia e temporalidade, envolvendo também a Psicologia clínica, examinando a distinção entre tempo cronológico e tempo fenomenológico. As obras *Confissões* (397/2004) de Santo Agostinho e *Crítica da Razão Pura* (1781/1995) de Kant foram utilizadas por influenciar as ideias de Husserl sobre o

tempo. Também constou como material de pesquisa dissertações de mestrado e teses de doutorado, assim como artigos e conferências proferidas por Husserl nos idiomas português e espanhol.

Diante do exposto, a pesquisa se justifica pela relevância e necessidade de aplicação do estudo da dinâmica temporal na Fenomenologia husserliana, a conclusão do trabalho culminará num entendimento de como pode operar a temporalidade na clínica psicológica. Desde já se faz importante salientar as influências dos pensadores que estudavam o tempo por um viés naturalista, mas que colaboraram para as análises da consciência do tempo de Husserl, por meio de seus estudos sobre a percepção do tempo e sua contagem, os principais são: Santo Agostinho, um dos percussores da filosofia cristã ou teologia; e Immanuel Kant, filósofo que revolucionou o Idealismo por meio da crítica à metafísica e à pureza das coisas (*a priori*), assim como a relação com o mundo a partir da percepção. Auxiliou Husserl na elaboração da fenomenologia transcendental, que muito contribui para a compreensão da noção de temporalidade nas obras husserlianas.

Trataremos então da temporalidade no universo cristão da obra Confissões de Santo Agostinho, buscando nas origens do conceito de tempo, a partir do referencial da fenomenologia de Husserl, a qual se baseou em partes na teoria sobre espaço e tempo apresentada na obra *Crítica da Razão Pura* por Kant, e na ruptura metodológica proporcionada pelo movimento cartesiano.

O Capítulo 1 introduz as influências dos pensadores nos quais Husserl se debruçou para elaboração da obra *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, são eles: Santo Agostinho e Immanuel Kant; finalizando com um breve resumo sobre a temporalidade tratada por Husserl em *A ideia da fenomenologia* e no *Ideias I*, além de comentadores rigorosos.

Em seguida, o Capítulo 2 abarca uma análise fenomenológica da obra *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, a qual fora realizada por meio de um estudo árduo da tradução em espanhol da obra, segunda língua do pesquisador.

O Capítulo 3 enfoca na possibilidade de uma Psicologia Fenomenológica e na maneira como o método filosófico transforma a atitude clínica, ampliando a escuta do profissional através da *epoché*.

Enfim, no Capítulo 4 segue-se em busca de contribuições para a Psicologia clínica, por meio dessa relação entre subjetividade e temporalidade, para tal consultou-se trabalhos monográficos, artigos, capítulos e livros, à luz do rigor husserliano, evidenciado na escrita dos comentadores.

## CAPÍTULO 1 – DESIGNAÇÕES DO TEMPO EM: AGOSTINHO, KANT E HUSSERL

### 1.1 Predecessores

#### 1.1.1 Santo Agostinho

Segundo Gomes (2004), a Psicologia dos teólogos cristãos constitui a alma como principal objeto de estudo e que por meio da reflexão e da fé, o homem se torna capaz de encontrar caminhos mais virtuosos e uma plenitude de espírito. A doutrina cristã não é algo radicalmente novo, mas a continuidade e o cumprimento da fé judaica, sua antítese e afirmação. A epistemologia está pautada na graça de Deus, uma vez que o “Eterno Mistério” detêm todo conhecimento prévio possível de ser acessado pela humanidade, pautando as limitações éticas do intelecto nos meandros da fé, a qual só pode ser entendida pelo amor a Deus e à criação.

Santo Agostinho foi um meticuloso observador da natureza humana, refletia no objeto de sua fé ao argumentar que somente a alma era capaz de conhecer a própria alma. O ser humano era seu principal objeto de estudo e definiu a memória como o melhor meio para conhecer a si mesmo, valorizava a vida anímica interior enquanto experiência do tempo e nele constituída. Lecionou e elaborou seu pensamento filosófico durante a chamada *idade das trevas*, que findou com o advento do renascimento francês, por volta de 1400. Na antiguidade, a Igreja tinha total controle sobre as publicações científicas e não tolerava discordâncias com a moral cristã institucionalizada pelo papado. Neste contexto viveu o santo doutor, uma época bem primitiva com relação ao pensamento renascentista, onde as ideias helênicas já não ecoavam como na era pagã (GOMES, 2014).

Porém, por volta de 384 d.C., em Milão, Agostinho conheceu a filosofia de Plotino (205-270), se instruindo por meio do ideal neoplatônico. O Cristianismo surge como olhar para a ciência, na medida em que a filosofia desta doutrina ganha espaço nas terras em que os cristãos primitivos passam a semear a nova religião. Neste aspecto, tem Agostinho valiosa contribuição, pois em seus estudos concentra-se a produção intelectual requerida pela Igreja para o entendimento de muitos temas relacionados à alma humana, dentre eles o tempo, que será tratado em restrita análise fenomenológica do conceito (GOMES, 2014).

Diante da obra *Confissões*, redigida por Santo Agostinho (397/2004) durante os anos de 397 e 398 d.C., percebemos sua preocupação com o princípio, quando foram criados o céu

e a terra e como o espírito que bate à porta da sabedoria, ou seja, sonda os mistérios de Deus pesquisando as nuances de sua criação para compreender a verdade, neste caso, o espírito do próprio douto. Mediante a leitura, somos impelidos pelo autor a filosofar sobre a gênese, em forma de poema ele tenta imaginar a criação como uma eterna mudança e constata as vicissitudes a que está sujeita a matéria, percebida por nós numa relação temporal com o espaço, no qual intervêm os sentidos como intérprete da figura cognoscível. Dito de outro modo, o que está contido no íntimo da consciência pode se materializar por meio dos sentidos e, no entanto, estes cinco sentidos nos permitem conhecer o mundo material, embora o conhecimento ou assimilação seja *a priori* à intervenção destes (AGOSTINHO, 397/2004).

Sobre o espaço, tendo como premissa sua dimensão sideral, afirma que o Universo não pode ter sido criado a partir de si mesmo, pois antes de ser criado, ainda não havia espaço onde pudesse existir. Fazendo uma analogia com os seres humanos, assegura que estes também não podem ter sido criados por eles próprios, mas sim pela Voz de Deus, por meio da palavra nos fez dele cópias imperfeitas. O Verbo que nos fez carne ecoou e sumiu-se, começou e findou. Passaram sílaba após sílaba e por fim o silêncio. Na vibração temporal, todas foram declaradas por ordem da sua eterna vontade. Esclarecemos com isso que há dois níveis de *palavreado*, um humano e outro divino; o primeiro, efêmero e passageiro, enquanto o segundo é eterno (AGOSTINHO, 397/2004).

Sobre a ordem temporal, averigua: tudo que começa a existir ou se finda só principia ou acaba quando se conhece as coisas em Deus, princípio de tudo quanto existe. Para Ele é que voltamos quando estamos equivocados sobre nossa percepção sensual e consciente do retorno como pré-requisito, a fim de escutarmos a verdadeira Voz do alto. Diferentemente do filósofo de Hipona, Husserl irá defender uma volta às coisas mesmas para certificação e validade do conhecimento original por meio da suspensão dos sentidos, sem necessariamente utilizar de ferramentas para a comunhão divinal (AGOSTINHO, 397/2004).

Para Agostinho, a duração do tempo é longa se compuser de muitos movimentos passageiros. No tempo divino é tudo presente e eterno, sendo o passado impelido pelo futuro, são ambos criados e dimanam do presente: “O vosso hoje é a eternidade” (AGOSTINHO, 397/2004, p. 243). O tempo é, por conseguinte, um ser de razão fundamentado na realidade.

Outra declaração agostiniana que não podemos deixar de mencionar é aquela em que ele diz saber o que significa o tempo quando ninguém o questiona, mas já não o sabe quando tem que explicar aos que perguntaram. Justifica-se por certo essa leitura, pois o presente que percebemos sempre passa para o pretérito, pode ser refutado e flui como um rio, em detrimento da eternidade. O presente voa rapidamente do futuro ao passado, não tem duração.

Contudo, percebemos os intervalos de tempo, comparamos e tecemos juízos quantitativos de longura ou brevidade, de comprimento e também o medimos. Agostinho trata a percepção temporal como um contínuo e não como uma sucessão de fatos isolados, tal aspecto servirá de herança para Husserl em sua elaboração sobre o tempo fenomenológico. “A memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios” (AGOSTINHO, 397/2004, p. 246).

Tudo que não mais existe no presente pode ser representado por uma descrição, rememorado por meio de uma imagem, embora não possua caráter imagético, que pode ser evocada a qualquer instante, e assim se tornar objeto para a consciência doadora de sentido, pois ainda está latente na memória do sujeito. Já com relação ao futuro, que não pode ser adivinhado previamente, pode sim, ser previsto em suas possibilidades, através da análise do histórico ou prognóstico. Portanto, quem presta serviços preventivos está diretamente ligado ao futuro na medida em que os acontecimentos passam a lhe ser presentes antes de vir a ser.

Tempo não é o movimento dos corpos, o tempo é distensão. Agostinho adota uma definição de tempo psicológica, pois remete à alma, vida anímica interior que percebe o tempo enquanto sucessão contínua, consciente de sua corporeidade no espaço e das retenções ou anterioridade. A alma mede o intervalo desde certo ponto até determinado limite, não medimos o tempo futuro, nem desde a origem de um fenômeno. Medimos o que está entre os tempos presentes do passado, do pretérito e do futuro (AGOSTINHO, 397/2004).

Agostinho dá notória importância aos sentidos, ao declarar que só podemos medir os intervalos de tempo por esse mecanismo. Kant irá criticá-lo, elucidando que este não é o *a priori* da percepção temporal, mas sim o espírito causal das coisas. Agostinho explica também nas Confissões: se pode medir algo que já não existe e que evocamos pela memória, é um exemplo da vida anímica interior atuando ativamente enquanto percepção temporal por meio de uma impressão produzida. Em delongas: “a presente atenção do espírito vai lançando o futuro para o passado. Com a diminuição do futuro, o passado cresce até ao momento em que seja tudo pretérito” (AGOSTINHO, 397/2004, p. 254).

O bispo filósofo relacionou o futuro a uma postura de expectativa, atenção enquanto cognição primordial do presente e a memória como possibilidade de resgate, vivência e presentificação do que passou. A duração é relativa, pois ela atesta que para Deus os instantes voam, mas ainda assim, implora à vontade divina para que possa meditar nos segredos da lei natural do tempo. O tempo é criação de Deus e a medida é criação do homem, cabe ao homem aproximar-se da verdade sobre o tempo de forma parcial, estando atento à sua própria alma

para desvendar os mistérios de Deus, por meio da atenção se pode medir o tempo, pois ela tem a função de síntese que liga o passado ao futuro. “A minha atenção está presente e por ela passa o que era futuro para se tornar pretérito” (AGOSTINHO, 397/2004, p. 255).

Por fim, Agostinho explica que não se deve usar a palavra “nunca” quando não se há tempo para referenciar esta palavra, uma vez que o advérbio não estende seu significado para as coisas que estão antes, por não ser um conceito universal, não evidencia o pensamento na amplitude da percepção temporal. Conclui humildemente direcionando-se a Deus, após elucidar valiosas exortações ressaltando que: “O vosso conhecimento diverge muito do nosso. É extraordinariamente mais admirável e incomparavelmente mais misterioso” (AGOSTINHO, 397/2004, p. 256).

São Tomás de Aquino nasceu quase oitocentos anos após Santo Agostinho, por estudar filosofia e teologia dentro dos domínios católicos, foi muito influenciado por seu predecessor, tendo em sua obra contribuições também do conhecimento derivado dos sentidos de Aristóteles. Com elegância e distinção, reconciliou o conhecimento empírico aos ensinamentos sobre a origem do espírito humano (GOMES, 2014). A Psicologia é abordada de maneira elementar na obra dos santos doutores, pois a definição de alma nesta época corresponde a uma concepção de psiquismo, que é a principal ferramenta de apreensão das coisas, determinando a maneira de conhecer o mundo e os seres vivos. Gomes (2014) afirma que Aquino reconhece a razão como de suma importância para tomar decisões práticas, e que as leis naturais e divinas se complementam para formar o mundo da vida.

São Tomás de Aquino utiliza o conceito *intentio*, emprestado de Avicena, o qual corresponde à concordância da forma do objeto com a forma da mente. (GOMES, 2014). Mostra-se de fundamental importância para a Psicologia, pois Husserl retorna a este conceito para estruturar a fenomenologia sob o pilar da intencionalidade, o que provavelmente aprendera de Franz Clemens Brentano (1838-1917). Intencionalidade ou referência é a maneira de existir da consciência perante o mundo e às outras consciências, se trata de um pré-determinante para a percepção, assim como a noção de temporalidade (GOMES, 2014).

Com o renascimento expandindo como revolução cultural pela Itália, França e mais tarde por toda a Europa, tornou-se possível o progresso no campo das ciências, artes e do saber em geral. Todas as áreas do conhecimento sofreram transformações drásticas, apoiadas no ideal antropocêntrico a epistemologia cristã foi contestada e a viragem metodológica se deu por base nas investigações filosóficas de René Descartes (1596-1650), o qual experienciou uma época em que a sociedade demonstrava conflitos internos, anunciando uma mudança em suas estruturas, onde o feudalismo determinava o modo de agir das pessoas

conforme a posição social exercida pela hereditariedade, e a religião contracenava sangrentas batalhas entre católicos e protestantes. Tal contexto foi propício para que o filósofo francês pudesse elaborar os conceitos de sua teoria sem precisar do apoio direto da Igreja, a qual detinha até então todo o conhecimento filosófico e teológico, pautando os estudos científicos exclusivamente no método escolástico.

Descartes (1637/2007) argumenta que todos deviam aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver as ações com clareza e poder caminhar seguro durante a vida. Com efeito, esta é a maneira pela qual ele irá formular seu método, é a primazia de um esboço científico que vai além da moral cristã. Pelo método, o filósofo tinha acesso ao conhecimento por meio do próprio intelecto ou razão, uma vez que “se penso, logo sou”, *cogito ergo sum*. Para ele, por meio da observação, podemos examinar ideias mais simples e generalistas, porém válidas, para poder encontrar regras que elucidasse outras verdades derivadas e por isso, mais complexas. Conhecendo o maior número de verdades possíveis o homem pode alcançar a felicidade, devendo preparar-se para desenraizar do espírito todas as más opiniões que recebera até então (DESCARTES, 1637/2007).

Lembra ainda que, tanto no estado de vigília, quanto no sono, nunca devemos nos deixar convencer por outra coisa que não seja a razão, pois daí emana toda evidência. Percebemos então que a tradição dos filósofos helênicos volta a vigorar em detrimento da teologia cristã, que prioriza a fé como instrumento para alcançar a verdade. Completa o discurso metodológico afirmando que as sensações são a ação que os objetos exercem na extremidade dos dutos nervosos, o qual transmite um impulso do espírito animal [sensitivo] para o cérebro, centro de localização da alma. Esta última é de uma natureza inteiramente independente do corpo e sobrevive após a falência dos órgãos (DESCARTES, 1637/2007).

Assim como Descartes, Husserl (1911/1965) dedicou sua vida em fundamentar e refazer a filosofia desde a última raiz da onde possa chegar o pensamento racional, tomando por base os antigos filósofos e o conceito antes empregado pelos céticos da *epoché*, para criticar o idealismo vigente de sua época, o historicismo e o próprio ceticismo. Para o fenomenólogo, toda economia do pensar está dirigida às considerações sistemáticas que esclarecem decisivamente sobre as condições de uma ciência de rigor, tal sistematização não foi levada a cabo pelas filosofias que propunham um rigoroso método, foi o caso da viragem socrático-platônica na Grécia e igualmente a crítica à Escolástica em nome da ciência, conhecida como viragem cartesiana (HUSSERL, 1911/1965).

O impulso cartesiano que revolucionou a pesquisa científica, assim como seu campo epistemológico, influenciou as filosofias dos séculos XVII e XVIII, se renovando de maneira

mais abrupta e radical na *Crítica da Razão Pura* de Kant, obra que transmitiu valores metodológicos e científicos a todo o movimento filosófico europeu até onde alcançaram os tentáculos do kantismo (HUSSERL, 1911/1965). Trataremos a seguir da obra explanando mais detidamente o conceito de temporalidade nela apresentado.

### 1.1.2 Immanuel Kant (1724-1808)

Kant estudou principalmente a metafísica e criticou o modo como fora direcionada até sua época por filósofos e pensadores da antiguidade. Para ele, a filosofia como ciência *a priori* de todo conhecimento, deveria se manter longe do ceticismo e de qualquer postura dogmática. Estando ciente do empirismo como método de validação nas ciências naturais, Kant busca um modo de fazer ciência *a priori*, anterior a qualquer experiência. Tal método serviria de fundamento para as ciências das humanidades, assim como da filosofia, tal é a temática principal do livro *Crítica da Razão Pura*, onde o pensador irá propor um sujeito transcendental que busca a verdade em suas formas puras (*a priori*).

No texto *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?* publicado em 1783, Kant demonstra a importância de abandonar a postura ingênua da menoridade, a qual nos impede de conhecer a natureza e seus objetos. Tal assertiva influencia diretamente a fenomenologia, uma vez que, para Husserl, os preconceitos devem ser suspensos por meio da *epoché* ou redução fenomenológica. Para Kant, o esclarecimento é possível por meio do exercício da liberdade, categoria imanente do ser humano que permite mudanças e aperfeiçoamentos. “Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade” (KANT, 1783/1985, p. 102).

Kant rejeita a metafísica tradicional, pois apresentava fundamentos fracos e inconsistentes, inapropriada perante o progresso, uma vez que já não respondia as principais questões que agitavam os tempos modernos. David Hume (1711-1776) o influenciou de tal modo, a ponto de fazê-lo compreender a necessidade de repensar toda a metafísica. Os estudos de Kant comprovam que o uso da razão não se limita à experiência, porque as realidades transcendentais estão *a priori* no horizonte do conhecimento. Neste domínio, onde a razão está desvencilhada de qualquer experiência dá-se a introspecção (PASCAL, 2005).

Ainda sobre a metafísica, Kant (1781/1966) nos indica que este conhecimento não encontrou o mesmo caminho seguro da ciência, mesmo que seja mais antigo. Porém, o serve como fundamento *a priori*, ou seja, continuaria a existir caso todas as demais ciências ou formas de conhecimento desapareçam. Este é o paradoxo inevitavelmente necessário da

metafísica, disciplina a qual Kant criticará com maestria, buscando discernir ou distinguir o que a razão pode fazer e o que está fora de suas possibilidades.

A crítica está diretamente preocupada com a questão do enunciado da verdade, a mesma preocupação de Sócrates e Descartes, o primeiro optando pela maiêutica e o último pelo recurso da dúvida. Kant intenciona em sua obra referir-se apenas ao valor dos conhecimentos puramente racionais, pois a razão é o princípio de nossas ações e fonte dos juízos estéticos e teológicos. Demonstra que a noção de contrariedade não é suficiente para eliminar um falso saber, pois qualquer bom argumento é passível de questionamento e não obrigatoriamente deve ser verdadeiro por se fazer lógico (PASCAL, 2005).

O método racional kantiano exige uma demonstração da racionalidade do conhecimento que deve modelar-se na realidade transcendente, registrando o real ou dado por meio da atividade do sujeito. Esta é a escola inaugurada pelo kantismo, denominada por ele de Idealismo crítico, ou transcendental. Dentro deste contexto, temos a atividade do sujeito como constituinte do conhecimento real, em outras palavras, o real para nós é resultado de uma construção ideológica. A razão só percebe o que a consciência produziu em seu caráter projetivo, ou seja, os significados das coisas são doados *a priori* pela própria razão (PASCAL, 2005). Mais tarde, Husserl elabora o método fenomenológico que divergir do kantismo, pois no método filosófico, são as “coisas mesmas” que nos dizem a verdade sobre o mundo e não o sujeito que a interpreta, contudo é influenciado por Kant no que diz respeito ao valor do *a priori* como campo constituinte dos atos da consciência.

Kant determina duas classes de elementos para os objetos: os dependentes do próprio objeto e constituintes da matéria a ser conhecida, e os que dependem do sujeito e constituem a forma do conhecimento. Se conhecer é dar forma, então a matéria ou conteúdo é dado *a posteriori*, enquanto a forma é uma proposição apriorística universal e necessária. O pensador ressalta ainda a importância da universalidade rigorosa do conhecimento, porque é indicativo de uma teoria constituída por sólidos *a prioris* e necessária para o posterior desenvolvimento da ciência, tal é o caso da herança kantiana na fenomenologia (PASCAL, 2005).

Segundo Kant (1781/1966), a *Crítica da Razão Pura* se caracteriza como um conjunto de formas *a priori* da compreensão do sujeito, enquanto ferramenta de conhecimento. Formas *a priori* são quadros universais e necessários para que o espírito do homem perceba o mundo, faz-se necessário ligar os conceitos à multiplicidade sensível das coisas para conhecer os objetos cientificamente. Objeto aqui entendido enquanto conjunto da multiplicidade de uma intuição dada por meio de um conceito (PASCAL, 2005).

O espaço e o tempo são as formas *a priori* da sensibilidade, as quais Kant (1781/1966) denomina de intuições puras. Se detendo mais longamente no estudo do capítulo “Estética transcendental” da obra *Crítica da Razão Pura*, especificamente no que concerne às noções de temporalidade ensinadas pelo pensador. O texto foi escrito por Kant no intuito de obter uma resposta para os juízos sintéticos *a priori* na matemática, extrairemos da Estética transcendental o que diz respeito às contribuições na ideia de tempo formulada por Husserl e na maneira como se entende o tempo na Psicologia clínica. O fundador da fenomenologia era matemático, e de certo percebeu o vasto campo a ser investigado na questão do tempo fenomenológico quando entrou em contato com a primeira parte da teoria elementar transcendental da *Crítica da Razão Pura*.

Transcendental é todo conhecimento que se ocupa da maneira como conhecemos os objetos e não deles em si mesmos, mas em geral do modo como podemos conhecer do objeto suas formas *a priori*. Não significa a relação do nosso conhecimento direcionado às coisas, mas apenas a relação da faculdade cognitiva com as coisas (KANT, 1781/1966, 1783/1959).

O conhecimento de tempo é transcendental na medida em que o conceito de tempo possibilita explicar os conhecimentos sintéticos *a priori*, isto é, de conhecimentos que não são extraídos da experiência e ao qual são dela determinantes. O tempo não está nas coisas, ele é apenas uma condição subjetiva de nossa percepção das coisas. Neste sentido, a transcendência se caracteriza como um esforço para desvendar no pensamento os elementos constitutivos da experiência, dos meios de apreensão e ordenação do real (PASCAL, 2005). As intuições sensíveis [tempo e espaço], não bastam para que conheçamos qualquer objeto em si mesmo, no entanto, são informes que necessitam da ordenação operada pelos conceitos do entendimento para que haja verdadeira captação do real, pois as intuições sem conceitos são cegas (KANT, 1781/1966).

O racionalismo crítico de Kant não é dogmático, nem cético, uma vez que admite a razão humana como impossibilitada de conhecer o mundo, pois ele é inteligível apenas no conjunto de realidades transcendentais no qual é constituído, contudo, mesmo atingindo apenas parte do conhecimento absoluto, a razão é capaz de chegar a verdades universais e necessárias. Não importa que a verdade seja absoluta, mas deve ser válida para todos os seres humanos (PASCAL, 2005).

O tempo é uma forma *a priori* na qual o sujeito apreende seus próprios estados, mas o ponto de partida do conhecimento é a sensação, impressão que um objeto produz nos sentidos. A intuição relacionada com o objeto por meio da sensibilidade se chama intuição empírica e fenômeno é o próprio objeto percebido nessa relação. Já a intuição pura é a forma da

sensibilidade, forma pura na qual não se encontra resquícios das sensações advindas pela experiência, pois estão *a priori* no espírito. O tempo e o espaço são intuições puras, Kant as denomina também de formas *a priori* da sensibilidade (PASCAL, 2005).

O eu empírico de Kant (1783/1985) é objeto de uma experiência íntima temporal que depende do trabalho de síntese realizado pelo eu transcendental na constituição da fonte de experiências dos objetos, do espaço e da objetividade buscada pela ciência de modo geral. A experiência interna é a aplicação no tempo das regras apodíticas universais e necessárias, que possibilitam o conhecimento objetivo e a experiência dos objetos. Tais regras são esquematismos da razão pura, “atemporais” como o próprio sujeito transcendental. Para Husserl (1927/2002), atemporal significa a dimensão última da subjetividade absoluta. Na psicologia empírica concebida por Kant, não há separação total entre sujeito e objeto, já que o mundo interno subjetivo e os objetos físicos se situam em uma só dimensão, o plano fenomênico da experiência (GOMES, 2005).

O espaço é a forma do “sentido exterior” e o tempo é a forma do “sentido interior”. O primeiro diz respeito à percepção das coisas, ou seja, é a intuição que nos valida os objetos como existentes no mundo; e o segundo está relacionado com a percepção intuitiva de nós mesmos, de nosso espírito ou do estado emocional latente. Para Kant (1781/1995), o tempo não pode ser percebido pelo meio externo e o espaço não pode ser examinado a partir do nosso interior, assim ponderou o autor da crítica transcendental. “O tempo nada mais é que a forma da nossa intuição interna” (KANT, 1983, p.47).

O espaço é constituído pela realidade empírica e sua idealidade transcendental, não é condição de possibilidade das coisas em si, mas apenas a condição de sua manifestação para o sujeito (PASCAL, 2005). O tempo é a forma determinada, onde se dá a intuição, no estado interno. Tudo o que é extensão ou o que é consequência dessa formatação designa-se relações temporais. O espaço não é um conceito discursivo, mas uma instituição pura, tendo como representação primitiva uma intuição *a priori* (KANT, 1781/1995).

Kant (1781/1995) denomina de receptividade, a posição de abertura existencial que podemos admitir perante o mundo, a qual segundo ele se dá por meio da sensibilidade, condição necessária de todas as relações espaciais em que os objetos são intuídos no meio externo. Segundo o filósofo, não podemos julgar as intuições das outras pessoas, nem saber se possuem as mesmas limitações da intuição particular. O que podemos fazer é captar os objetos exteriores por meios de representações da nossa sensibilidade, se pode também conhecer o espaço em que se situa determinado objeto, porém a coisa em si permanece desconhecida para a experiência.

Várias definições metafísicas são elencadas na segunda seção que trata sobre a Estética transcendental do tempo, enumerando-se da seguinte maneira: em primeiro lugar, o tempo não é conceito, nem empírico; o tempo é a base representativa da qual necessita todas as intuições, pois é *a priori*; o tempo é uma dimensão, um princípio apodítico, seus diferentes recortes [passagem do tempo] são sucessivos e não simultâneos. O princípio tem valor como esquematização da razão pura, possibilita a experiência em geral e nos proporciona o conhecimento desta (KANT, 1781/1995).

O tempo é uma forma pura da intuição sensível, tempos diferentes são partes do mesmo tempo e a natureza infinita do tempo requer um referencial para limitar seu fundamento no *continuum* da eternidade, pois a representação primitiva do tempo é ilimitada (KANT, 1781/1995). Para entender a temporalidade nos moldes de Kant, se faz necessário compreendê-lo como uma linha reta, a qual representa o curso ininterrupto dos estados internos do eu, é um incessante devir de modificações subjetivas (GOMES, 2005).

A mudança implica a justificação de predicados opostos coexistindo sucessivamente e contraditoriamente num mesmo objeto. Kant nos exemplifica demonstrando o fato de uma coisa estar num lugar e sua não-existência neste mesmo lugar. Não tem lógica temporal aí envolvida, mas o tempo não existe nas coisas, ou seja, não é apenas a sucessão dos acontecimentos, mas o que a possibilita (PASCAL, 2005). Os conceitos de mudança e de movimento só são possíveis na representação do tempo e por ela, somente na sucessão se pode encontrar duas determinações contraditórias em uma mesma coisa. O tempo não existe por si mesmo, mas possui uma intencionalidade no próprio ato da percepção temporal. Está na forma da intuição interna e garante seu sentido, portanto, não pertence e nem é determinado por fenômenos externos (KANT, 1781/1995).

O *continuum* é representado pela sucessão do tempo por uma linha que se prolonga até o infinito, suas diversas partes ou recortes constituem uma só dimensão, o tempo, condição formal *a priori* de todos os fenômenos interiores e condição imediata dos fenômenos externos. Todos os objetos dos sentidos estão no tempo, que como condição subjetiva de nossa intuição, se produz quando somos afetados pelos objetos. A mudança das representações só é possível no tempo, sua realidade empírica permanece como condição de todas as experiências, esta forma não pertence aos objetos em si, mas a percepção do sujeito. O filósofo esclarece ainda que a Estética transcendental não pode ter o conceito de mudança como dado apriorístico, porque o tempo não muda, mas apenas o que existe nele (KANT, 1781/1995).

Tempo e espaço se constituem como formas puras da percepção e a sensação é a sua matéria, figura ou conteúdo. Só podemos conhecer *a priori* as formas puras do espaço e do tempo antes de toda percepção efetiva. A intuição pura promove o conhecimento apriorístico, enquanto a intuição empírica se configura como conhecimento *a posteriori*. Para Kant (1781/1995), por mais que nos aproximemos da natureza das coisas com o intuito de ver com clareza, só se encontra representações do fenômeno, acessíveis por meio da sensibilidade, que é nosso modo de intuir. O conhecimento dos fenômenos não atinge o conhecimento dos objetos em si mesmos.

A representação do objeto na intuição não contém nada que possa pertencê-lo, mas somente o fenômeno, que é a manifestação de algo e a maneira como nos afeta. A diferença entre sensibilidade e entendimento será superada por Husserl ao adotar a noção de intencionalidade em seus estudos fenomenológicos. Contudo, nos adverte Kant, seu predecessor o qual também muito influenciou Brentano, para a seguinte tese: uma vez que sabemos distinguir nos fenômenos o que pertence a essência do mesmo, ou seja, a sua intuição, daquilo que lhe é peculiar ou accidental, devemos reconhecer que tal distinção se encontra apenas no universo empírico, pois é na distinção transcendental que cremos conhecer as coisas em si, ainda que sempre nos deparemos com o fenômeno ou representação do objeto percebido, o qual se relaciona com o objeto e nele intui algum significado (KANT, 1781/1995).

Esclarece ainda que a intuição pura dos objetos provém de uma proposição universal; já na intuição *a priori*, o objeto funda uma proposição sintética, unindo o empírico ao universal e se constitui como única possibilidade do objeto na intuição espacial. O tempo é a condição puramente subjetiva de todas as nossas intuições, e quando se julga necessário sair do conceito dado, encontra-se algo a desvelar *a priori* na intuição, a ele correspondendo como juízos que alcançam apenas os objetos dos sentidos e só valem para a experiência prática (KANT, 1781/1995).

Finda a apresentação da Estética transcendental afirmando que a consciência de si mesmo é conhecida pelo conceito de apercepção, e que esta é a representação do simples eu, o qual se constituindo espontaneamente em sua multiplicidade de representações seria então uma intuição intelectual refinada. Para que a capacidade de conscientizar-se de si próprio possa apreender o que encontra no espírito, deve ele ser afetado por algo, só assim se pode ter a intuição de nós mesmos a ponto de se conceber a forma desta intuição que existe *a priori* no espírito, a qual determina na representação do tempo a maneira como se constitui a diversidade desse espírito (KANT, 1781/1995).

## 1.2 Edmund Husserl

O filósofo nasceu no território da atual República Tcheca, em épocas de anexação ao Império Austro-Húngaro, mudou-se para a Alemanha onde ingressou na academia e se graduou em Matemática e Filosofia, esta última, área pela qual dedicou sua carreira, como professor e pesquisador da nascente Fenomenologia transcendental.

Edmund Husserl preconizou um modo de raciocinar fenomenológico das objetividades correlativas, pautado nos eminentes estudiosos do passado recente e antigo. Objetiva a fundamentação de um escopo teórico-vivencial que encaminham o saber e o fazer da ciência, sua epistemologia e metodologia. As duras críticas do idealismo cético ao modo predominante de fazer ciência da época, o empírico-naturalista, impulsionaram os ares de mudança e inspiraram não apenas Husserl, como também outros pensadores a pesquisar meios diferentes para trabalhar as ciências do espírito, assim como a filosofia.

Husserl toma parte da herança transcendental, proveniente do modo de pensar kantiano e também do *Cogito* cartesiano. Sendo o fenomenólogo um elo de transição entre o idealismo e as filosofias da existência, se observa que a fenomenologia transcendental ainda preserva traços idealistas. Ele traça uma correlação fundamental entre subjetividade e o mundo objetivo, dando ponto de partida ao problema central da fenomenologia, que é o sujeito transcendental ou a intersubjetividade no tempo. Aparta-se do pensamento de Descartes no sentido em que busca um fenômeno puro nas “coisas mesmas”, e não no autopensar intelectual da substância pensante apresentada pelo filósofo francês (SIEMEK, 2001).

Seguindo os caminhos trilhados por Fichte (1762-1814) e Kant, o fenomenólogo descobre na própria imanência do eu um sujeito transcendental constituído *a priori* pelos atos da consciência e que percebe o mundo e seus objetos por meio dos sentidos captando formas, estruturas que servem de fundamento para a unidade do significado. Já não pensa mais a transcendência como um dar-se das coisas externas em relação à consciência, mas como uma consciência que doa significado ao mundo por meio dos pensamentos simbólicos (SIEMEK, 2001).

Explica Husserl (1913/2006) que a fenomenologia é uma ciência essencialmente nova, que propõe à filosofia se tornar uma ciência de rigor distante do pensar e do fazer das ciências naturais, pois como ciência dos fenômenos pode apenas analisar a passagem deste à essência pura ou conhecimento essencial, em virtude de ter sido estatuída uma distinção entre *ser real* (ser empírico da realidade) e *ser individual* (ser puro e simplesmente temporal).

Colocar entre parênteses e reduzir todos os atuais hábitos de pensar, pôr abaixo os preconceitos infundados e apreender em plena liberdade de pensamento, tal é a peculiar e principal tarefa da fenomenologia enquanto método fenomenológico e atitude filosófica. Husserl partiu de um olhar transcendental para conceber a redução ou *epoché* como primeira condição de qualquer reflexão sólida do filosofar. Tal redução, leva do fenômeno psicológico à essência pura dos atos, parte da universalidade fática para desvelar a universalidade eidética, assim se dá a redução essencial (HUSSERL, 1913/2006; SIEMEK, 2001).

Busca uma clarificação do sentido íntimo das coisas por meio de uma auto-reflexão radical, a faticidade do mundo é posta fora de circuito para que o fenômeno se evidencie na forma originária de manifestação. Todo sentido imaginável, toda realidade imaginável, tudo se dá na subjetividade transcendental doadora de sentido e determinante da realidade. A *epoché* visa justamente recuperar a significação pura das coisas, como se desvelam ou evidenciam a consciência intencional (TOURINHO, 2011). O professor elenca que o tempo é comprovado no presente, no entanto, o passado é constatado apenas nas recordações e o futuro nas protensões. Por meio de uma fantasia clara, se pode rememorar uma vivência de maneira distinta do objeto em si, mas o dar-se evidente do fenômeno da recordação sempre está *a priori* como essência eidética. A recordação primeira é composta de retenções [memórias] e percepções das essências temporais (HUSSERL, 1907/2000).

A objetividade, ou seja, conteúdos da vivência, dura e varia e é constituída por fenômenos que na imediaticidade experimenta a manifestação do ser temporal no vivido. O dar-se como evidência dos fenômenos acontece tanto na recordação quanto na expectativa, é universal de caráter fenomenológico transcendental e são captados puramente pela essência do eu pela recordação. As universalidades dos atos da consciência são universalizantes perante a autenticidade que extrai dos fatos do mundo da vida (HUSSERL, 1907/2000).

O tempo fenomenológico é inerente por essência ao fluxo do vivido e doador das percepções do agora, do antes, do simultâneo, etc. O tempo cósmico pertence ao tempo fenomenológico na medida em que é a materialização e constituição final deste último, o qual se encontra latente na intersubjetividade. O tempo objetivo ou cronológico diz respeito à realidade material, meio físico, espaço e a posição dos astros, assim como a medição do tempo em sua multiplicidade instrumental. O tempo fenomenológico se constitui enquanto perfil e o tempo cósmico é a ele perfilante (HUSSERL, 1913/2006).

O tempo é a designação para uma esfera totalmente fechada de problemas excepcionalmente difíceis, como por exemplo, a dupla intencionalidade da percepção de tempo. A característica essencial que o conceito de temporalidade exprime no vivido não é

particular, nem individual, mas comum a todos os vividos, é uma forma necessária de vinculação destes. “O vivido tem um horizonte temporal preenchido infinitamente dos seus lados” (HUSSERL, 1913/2006, p. 185). Isto significa que ele acontece num fluxo de vividos único e infinito, interagindo intersubjetivamente com outras consciências e com o mundo.

Creemos que, para melhor compreender as ideias de Husserl, é sempre importante se reportar à Alemanha do século XX, em um espaço de transição temporal que se constitui como captação da essência e das origens dos fenômenos, assim como os impactos na atual contemporaneidade. Por meio da *epoché* suspensiva, o pesquisador se remeteu ao fluxo temporal e seus nexos para compreender a filosofia como ciência de rigor, nos moldes de Husserl e a Fenomenologia como base epistemológica para a clínica praticada e estudada na Psicologia.

O conceito de “objeto” em sua consideração fenomenológica é entendido como a síntese de múltiplas significações descritivas, ou seja, o X idêntico e vazio de uma multiplicidade noemática (MOURA, 2006 apud HUSSERL, 1913/2006, p. 21-22). Em determinados níveis, as funções noéticas costumam se configurar como um contingente de subjetivações, ocasionando falhas na percepção do *noema*. Neste caso, a Psicologia Fenomenológica apresentada por Husserl em sua obra *Ideias I*, vem a colaborar com o caráter tético (existencial) da clínica psicológica, que é um marco fundamental para a Psicologia e seus respectivos procedimentos clínicos. A pesquisa trata dos percursos iniciais do pensamento de Husserl como princípio, para apresentar o tempo e a Fenomenologia como indissociáveis indicadores de uma proposta de Psicologia nos moldes husserlianos.

Husserl busca uma maneira essencialmente nova de fazer ciência, discordando da filosofia naturalista (HUSSERL, 1911/1965); e valorizando o conhecimento primeiro ou original das coisas, é essa a ciência contemporânea que se denomina fenomenologia, pois dá conta do estudo dos próprios “fenômenos”. Eles ocorrem no tempo e no espaço, dão-se no meio intuitivo e relacional e atendem à compreensão humana em conformidade com a postura fenomenológica, elevar à consciência científica o que lhe é específico (HUSSERL, 1913/2006).

Husserl escreveu o livro *Ideias I* (1913/2006) em meandros da Primeira Guerra Mundial, mas passado o conflito, muito foi debatido sobre o objetivo da filosofia na educação e qual a importância da ciência para sociedade. Em época prévia à Segunda Guerra Mundial, em um clima de medo, justificando-se cinco anos depois com a ascensão do Partido Nacional Socialista ao poder político da Alemanha, é publicada a obra *Lições sobre a consciência interna do tempo* em 1928, organizada por Edith Stein (1891-1942) graças aos escritos de seu

professor elaborados entre 1893 e 1917. Nela, Husserl amadurece suas ideias sobre a consciência do tempo e seu modo de dar-se no fluxo do vivido.

Husserl percebeu dois caminhos indissociáveis e de seleta predileção pela consciência natural, o passado e o futuro, que inevitavelmente o levou a eleger a analítica intencional como ponto de partida de uma concepção de tempo fenomenológico, a qual direcionada às retenções e às protensões constitui a visada da consciência pura, determinando o sentido da *hylé*. O marco histórico do pensar filosófico da fenomenologia husserliana sobre a questão do tempo é a publicação da obra citada no parágrafo anterior, pela qual o filósofo explicita sua estrita preocupação com a modalidade temporal na constituição da consciência.

Uma importante introdução faz Husserl (1928/2002) na obra que trata das lições sobre o tempo, a qual pode interessar à Psicologia, é com relação ao aspecto objetivo da individualidade, em contraponto com a objetividade que é o dar-se manifesto no espaço, pois a objetividade individual é a constituição da consciência subjetiva do tempo. Uma vez mais, quando analisamos a consciência pura do tempo em seu caráter íntimo, é na consciência subjetiva que se encontrarão os atos que servirão de conteúdo fenomenológico das vivências de tempo. O filósofo não busca compreender a existência de um tempo do mundo, tampouco a existência de uma duração das coisas, mas sim o tempo que aparece e a duração que se manifesta como tal.

O fenomenólogo deve estudar sua base de dados investigando fenômenos absolutos ou apodícticos, dos quais não se pode duvidar. Para nós, o tempo constituinte é o imanente ao processo da consciência e não o tempo do mundo da experiência, cósmico, que se faz medível a partir da compreensão de um tempo que existe na imanência do acontecido. Já a consciência do espaço, pertence à esfera do fenomenologicamente dado, pois é a vivência que possibilita intuir o espaço como percepção e fantasia.

Diante do exposto a seguinte questão norteadora é formulada: Quais são e como analisar as contribuições da noção de temporalidade em Husserl para a Clínica Psicológica de orientação fenomenológica? Outrossim, de que modo o estudo da temporalidade em Edmund Husserl pode contribuir para a atuação clínica numa Psicologia de orientação fenomenológica?

## CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DA ORIGEM E CONSTITUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA INTERNA DO TEMPO

Se o tempo para os naturalistas trata de uma dimensão psicológica da percepção cognoscente, para Husserl ele permeia o perfil, que trata da configuração fluente da essência humana e de tudo que é percebido intencionalmente a partir desta, livre de *a priori* na mais súbita e espontânea apreensão dos fenômenos como acesso fundamental do método fenomenológico à particular versão do vivido. Perfil é vivido, se determina pelo referencial ao qual se perfila perante o fenômeno em sua aparição integral, se evidencia como elemento de apreensão dos objetos intencionais por parte da consciência, que unifica em síntese, recordação e percepção atual (HUSSERL, 1913/2006).

O conceito de apercepção é utilizado por Husserl (1913/2006) para caracterizá-la como correlata à imanência do fenômeno, ou seja, é seu caráter empírico mutável. Anteriormente, os filósofos alemães do século XIX tratavam a apercepção como uma conscientização meditativa dos estados internos, porém, com o advento da fenomenologia, passamos a concebê-la como plano de fundo essencial do processo constitutivo da consciência temporal. A apercepção enquanto conceito captava apenas a imanência do eu psicofísico, mas enquanto olhar fenomenológico capta as nuances do eu puro.

O professor Husserl argumentou que o tempo é comprovado no presente, no entanto, o passado é constatado apenas nas recordações e o futuro nas protensões. Por meio de uma fantasia clara, é possível rememorar uma vivência de maneira distinta do objeto em si, mas o dar-se evidente do fenômeno da recordação sempre está *a priori* como essência eidética. A recordação primeira é composta de retenções (memórias) e percepções das essências temporais (HUSSERL, 1907/2000).

A objetividade, ou seja, conteúdos da vivência, dura e varia; e é constituída por fenômenos que na imediatividade experimenta a manifestação do ser temporal no vivido. O dar-se como evidência dos fenômenos acontece tanto na recordação quanto na expectativa, é universal de caráter fenomenológico transcendental e são captados puramente pela essência do eu que recorda. As universalidades dos atos da consciência são universalizantes perante a autenticidade que extrai dos fatos do mundo da vida (HUSSERL, 1907/2000).

O fluxo do vivido não pode iniciar nem findar, todo vivido é um ser temporal e, no entanto, é vivido no eu puro. O olhar depurado almeja uma percepção das evidências que se dão no tempo em forma de fenômenos e assim apreendê-lo como existente na realidade ou como demorando (durando) no tempo fenomenológico. Assim, se conclui afirmando que

temporalidade é a forma necessária de vinculação entre vividos por meio da intuição direcionada à evidência efetiva da objetividade em sua duração e continuidade (HUSSERL, 1913/2006).

O agora é sempre uma forma atual carente de preencher-se com nova matéria, a “impressão” se constitui como fase-limite deste *continuum* de retenções, como a cauda de um cometa. Os momentos não se situam no mesmo ponto, mas dialogam entre si como referência e contestação de validade numa continuidade intencional. O vivido é dado num contínuo de consciência da forma constante, o tempo. O agora se dá como princípio de qualquer agora e se acrescenta a ele sempre um novo agora, desta maneira podemos verificar a existência do “ainda há pouco” ou “quase agora”, o qual é uma evidência da continuidade e duração do tempo (HUSSERL, 1913/2006).

Sendo formado por contínuas alterações, o antes nada mais é do que um depois que já passou, ou seja, sempre irão se corresponder um após o outro no contínuo de retenções, e também no contínuo de protensões. Como anteriormente exposto, a forma sempre recebe um novo conteúdo, portanto, quando se dá um vivido-agora, daí surge uma nova “impressão” que lhe é imanente e corresponde a uma nova continuidade ou duração, em seguida, a impressão se transforma em retenção que dá origem a uma multiplicidade de retenções (HUSSERL, 1913/2006).

A forma pela qual Husserl concebe a temporalidade é permeada pelas ideias que aprendera junto ao seu professor e teórico Franz Clemenz Brentano, tratando o objeto temporal como regido por uma intencionalidade própria, constituído na continuidade da ação empregada na percepção empírica. O sujeito ao estar consciente do que se mostra no tempo, também flutua sua atenção nas fases e ciclos do fenômeno, mas o objeto mantém sua identidade, o modo de aparecer do objeto é que muda (PEREIRA JUNIOR, 1990).

A pesquisa trata dos percursos iniciais do pensamento de Husserl como princípio para apresentar o tempo e a fenomenologia como indissociáveis indicadores de uma Psicologia vindoura, capaz de evidenciar exatidão em sua *empiria*. “[...] é da remoção dessas falhas (preconceitos) que depende necessariamente, a meu ver, a elevação da Psicologia a um nível científico mais alto e uma ampliação extraordinária do seu campo de trabalho” (HUSSERL, 1913/2006, p. 26).

Os fenômenos se modificam no decorrer do tempo, assim, entram na esfera fenomenológica e nos possibilitam estarmos conscientes do fluxo temporal do objeto e/ou de tempo do vivido; parafraseando o pai da fenomenologia: “Colocar fora de circuito todos os atuais hábitos de pensar, reconhecer e pôr abaixo as barreiras espirituais com que eles

restringem o horizonte de nosso pensar, e então apreender, em plena liberdade de pensamento” (HUSSERL, 1913/2006, p. 27).

Ressaltou ainda a importância de um método de “reduções fenomenológicas” que possa:

(...) remover as barreiras cognitivas inerentes à essência de todo modo natural de investigar, diversificando a direção unilateral própria ao olhar até obtermos o livre horizonte do fenômeno transcendentalmente purificados e, com ele, o campo da fenomenologia em nosso sentido próprio (HUSSERL, 1913/2006, p. 27).

Ao se deparar com o conceito de fenomenologia pura, é possível deduzir uma postura diante do mundo com uma percepção que se relaciona e foca na atitude retencional, que é a temporalidade envolvida no fluxo do vivido. Dá-se de tal maneira que nos possibilita captar as nuances do fenômeno no que ele tem de mais essencial. Tendo em vista que Husserl (1913/2006) nos apresenta a intencionalidade que liga o fato à essência, a contingência com que as coisas e pessoas se conectam no mundo passa a fazer mais sentido, inclusive com as plantas, animais e o reino mineral. Todo contingente é formado por uma essência que possui uma ideia central para se apreender, o puro *eidós*.

O *eidós* do tempo é ele mesmo, pois se justifica como dimensão onde todas as coisas e seres existem e vivenciam suas experiências, já a temporalidade é o conjunto de todos os objetos temporais intencionados à consciência que projeta em seus atos um modo fenomenológico perante o mundo (HUSSERL, 1913/2006). É fundamental que se compreenda o motivo central da pesquisa fenomenológica no método proposto por Husserl, que é o posicionamento correto na esfera da investigação pré-filosófica ou pré-reflexiva, acolhendo as objetividades do conhecimento onde efetivamente as encontre, toda epistemologia posterior será posta em análise como possível reflexão de tais objetividades (HUSSERL, 1913/2006).

Para Husserl (1913/2006), as coisas e os animais são percebidos imediatamente aí, no mundo. Direcionando o olhar para eles, vemos e ouvimos se aproximarem, é possível cumprimentar, conversar com alguém entendendo instantaneamente suas representações e pensamentos, assim como o que sentem, verificamos o desejo envolvido por meio do dar-se das essências do fenômeno que se mostra.

Sobre os fenômenos alheios à percepção, define Husserl (1913/2006) como o que está claramente copresente, mas não faz parte da visada intencional, é em parte impregnado ou envolto por um horizonte de realidade indeterminada, tendo uma consciência apenas parcial e obscura dele. Se pode designar como o que está no fundo e fornece ao fenômeno percebido a

forma pela qual se apresenta, diz de sua origem eidética, mas é secundário em relação à atualidade do fenômeno que se desvela. O meio que circunda toda indeterminidade é conhecido como infinito constituído fundamentalmente pela difusão dos interesses engendrados.

As coisas, enquanto objeto, estão dotadas de propriedades materiais e de caracteres de valor, é possível julgar quanto a sua aparência, apazibilidade, etc. Assim são constituídos os objetos “disponíveis” como tais, estando dentro ou longe da percepção atual são fundamentos do objeto em geral. Na imersão da vida natural, se vive continuamente na forma *a priori* de toda vida “atual”. Enquanto vivo, sempre há um novo *cogito* que vive irrefletidamente como atualizador da minha essência (HUSSERL, 1913/2006).

Os outros seres humanos aparecem para mim pela apreensão da experiência que se tem deles, os aceitando e entendendo-os como eus-sujeito. Conforme o movimento do fluxo temporal, cada ser ocupa um lugar no espaço, o meio, o tempo e as circunstâncias constituem parcialmente o processo de subjetivação da pessoa, onde modula seu caráter, modo de pensar, hábitos e a moral, etc. A capacidade de compreender a redução fenomenológica nos leva a suspender obstáculos, desde o idioma, até posições geográficas, uma vez que a comunicação é condição para encontro consigo mesmo, com a própria essência. O sujeito transcendental é também comunitário e convive intersubjetivamente com as pessoas que lhe são próximas, estabelecendo em conjunto uma realidade espaço-temporal objetiva, *Lebenswelt*.

Em tom de crítica, Husserl (1913/2006) insiste que a tarefa da fenomenologia não consiste em descrever puramente um fenômeno como uma forma de esgotar todo o conteúdo do assunto, mas buscar conhecer o objeto de modo mais abrangente, mais confiável e em seu aparecer fenomenológico, pois dá-se mais perfeito para a visada perceptual do que o conhecimento empírico ingênuo é capaz de fazer. Não obstante, “certa suspensão de juízo que é compatível com a convicção da verdade” (HUSSERL, 1913/2006, p. 80).

A parentesiação é outra maneira de denominar o conceito de *epoché* fenomenológica proposta por Husserl, se trata de pôr o mundo entre parênteses para acessar imediatamente a essência do fenômeno, sem distrair-se com as impermanências difundidas pela percepção naturalista, a qual esconde o fenômeno. Os fractais oriundos do tempo objetivo se difundem, constituindo o fundo e a abrangência do fenômeno, mas focando a atenção no núcleo do que se apresenta por meio de uma consciência efetiva de tempo e espaço. O propósito do filósofo é descobrir um novo domínio da ciência por meio deste método, dito fenomenológico (HUSSERL, 1913/2006).

Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente “para nós aí”, “a nosso dispor”, e que continuará sempre aí como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses (HUSSERL, 1913/2006, p. 81).

Em busca de explorar a relação entre consciência e efetividade natural, Husserl esclarece que o ser é designado como “puro vivido” ou “consciência pura”, pois está existindo no fluxo de vividos enquanto “correlato da consciência” que é da orientação natural, e de outro lado, seu “eu puro”. Atos da consciência são também denominados de *cogitationes*. A expressão consciência abrange todos os vividos (HUSSERL, 1913/2006).

Com isso, se delineia o intuito de realizar uma análise eidética sistemática acerca da consciência interna do tempo, tendo o olhar firmemente voltado para a consciência e a evidência geral sobre a essência da consciência. Em uma escala temporal, a consciência é um “resíduo fenomenológico” ou uma propriedade do ser, pois se estende na linha temporal em um sentido próprio relacionado aos princípios, podendo se tornar uma área científica conforme pronuncia a fenomenologia (HUSSERL, 1913/2006).

Explicando como isso se dá conosco elucida Husserl (1913/2006, p. 85) que é:

Exatamente como faríamos se nada tivéssemos ouvido do novo tipo de orientação, nós nos aprofundamos na essência da “consciência de algo”, na qual estamos conscientes, por exemplo, da existência das coisas materiais, dos corpos, dos seres humanos, [...]

O título que o pai da fenomenologia queria cunhar em seu trabalho eidético da fenomenologia geral era “consciência”, mas ele encontrou um conceito mais específico, que diz respeito ao “vivido de consciência em geral”. Num sentido mais amplo, o seu objetivo principal gira em torno da análise à apreensão da essência, ou seja, o “fluxo de vivido”, nexos que encadeia todas as essências pertencentes à unidade da consciência (HUSSERL, 1913/2006).

A *cogitatio* significa para Husserl (1913/2006), vivido de consciência, enquanto *cogitatum* seria a extensão da *cogitatio*, como situado objetivamente no espaço percebido em relação ao corpo do sujeito. O ato de apreender funciona como um destacar do fundo experiencial, pois tudo o que é extenso à vivência também faz parte dela enquanto “intuições de fundo” sendo também um “vivido de consciência” ou consciência de tudo aquilo que está contido no “fundo” cointuído. O vivido possui uma característica plástica, pois tem um caráter de possibilidade, que seria a “consciência implícita” e o ato efetivo da consciência constatado em sua existência factual, que se dá na “consciência explícita” (HUSSERL, 1913/2006).

Como característica temporal, o vivido está circundado por um “halo” de vividos pretéritos, pois o “fluxo do vivido” percorre todas as percepções rememoradas até chegar à atualidade.

Podemos definir um eu “desperto” como aquele que, no interior de seu fluxo de vivido, efetua continuamente consciência na forma específica do *cogito*; o que naturalmente não quer dizer que traga ou possa trazer constantemente ou em geral esses vividos a expressão predicativa (HUSSERL, 1913/2006, p. 88).

O vivido possui por si uma carga de intencionalidade que o torna um “vivido intencional” ou modificado; estes têm uma significativa relação com a essência dos vividos originários ou vividos em geral. Esta distinção procura Husserl fazer de maneira didática com o intuito de melhor elucidar sobre o fluxo do vivido, que é o modo pelo qual a consciência se define no tempo. A modificação sugere um efeito residual da razão eidética geral da consciência, ela permanece propriamente no *eidós* da consciência (HUSSERL, 1913/2006).

A essência pura é apreendida na ideação, as ideias puras são a constituição *a priori* do fluxo de vividos. Já a essência da percepção concreta é o componente do “real” ou conteúdo que dá suporte ao todo intencionado, está como consciência enquanto a atenção estiver mantida por meio da intencionalidade. Ainda sobre essências, Husserl (1913/2006) nos fala dos “sentimentos sensíveis” como possibilidade investigativa no campo eidético da fenomenologia geral.

Apreender é “voltar-se para” e aí está incluso o ato da atenção, só é possível apreender uma coisa, se estivermos voltados para ela devidamente abertos à compreensão mútua, que é o verdadeiro juízo de valor. A modificação do ato de atenção está relacionada com a possibilidade de captar o objeto intencional, sejam representações ou essências factuais que estatuem a análise da consciência do vivido, nos oferecendo predicções, explicações e compreensões sobre o fenômeno (HUSSERL, 1913/2006).

Toda *cogitatio* pode se tornar uma “percepção interna” e posteriormente objeto de uma valoração elaborada ou refletida. Aí reside tal condição temporal, que está sujeita a consciência no mundo da vida, onde os atos efetivos podem ser rememorados, se pode até reviver atos alheios por meio da relação empática. Os atos da consciência e seus objetos formam uma unidade individual ou uma única *cogitatio* concreta. A recordação faz parte sempre da atualidade recordada como componente real significante de sua concretude (HUSSERL, 1913/2006).

A percepção é um constante fluxo de consciência: o agora se transforma na consciência subsequente de um passado recente e, ao mesmo tempo um novo agora que já se

inicia. Numa linha temporal, uma única e mesma forma aparece continuamente sempre “diferente”, em outra forma de perfis. Uma vez que é instituída tal concepção, se atribui à consciência empírica um *sistema multifacetado de contínuas diversificações na forma de aparecer e dos perfis*<sup>1</sup>. Perfil é vivido. “Toda determinidade tem seu sistema de perfis, e de cada uma delas, assim como da coisa inteira, [...] está ali como a mesma para a consciência que a apreende e que unifica sinteticamente recordação e nova percepção [...]” (HUSSERL, 1913/2006, p. 98).

A composição real dos vividos intencionais concretos é o que conhecemos como percepção da coisa. O que constitui a composição real da percepção é a unidade intencional de concepção fundada na essência das apreensões, que possibilita uma síntese de identificação da multiplicidade numa só e mesma consciência (HUSSERL, 1913/2006). Tal multiplicidade de percepções se dá em sua estrutura essencial como unidade de uma consciência doadora, ampliando o raio de compreensão do objeto na medida em que percebe a coisa de modo cada vez mais perfeito. Neste íterim, a coisa transcende em si mesma seu significado, passando a ter para quem a apreende um valor de juízo. Na percepção de coisa apreende-se um “algo ele mesmo” conforme a coisa mesma se apresenta em carne e osso, ela se dá como presença em seu sentido próprio (HUSSERL, 1913/2006).

A percepção de coisa nos remete a nexos contínuos de unidade como possibilidade de percepções, já a percepção do vivido se dá visando simplesmente algo dado como “absoluto” na percepção. Esta última possui caráter temporal e acontece por meio da retenção, onde temos consciência do que acaba de passar em sua imediatez na forma de rememoração intuível (HUSSERL, 1913/2006). Todo fluxo de vivido é uma unidade de vivido que é percebido como efetivo em sua própria essência. Por meio dos nexos de percepções a coisa “vem ao aparecimento” e à apreensão, em outras palavras, se desvela para a consciência dirigida. “[...] dirijo meu olhar para a vida fluindo em seu presente efetivo e nela apreendo a mim mesmo como o puro sujeito desta vida [...], eu digo de maneira cabal e necessária: eu sou, esta vida é, eu vivo: cogito” (HUSSERL, 1913/2006, p. 108).

Para Husserl (1913/2006), o entendimento recíproco só é possível por meio de uma identificação com a experiência de mundo do outro, deste modo entramos em contato com a amplidão da experiência anímica comum e enriquecedora mediante a multiplicidade da consciência. Segundo ele, todos trazem em si mesmos uma possibilidade de princípio: a garantia de ser uma existência absoluta. No fluxo de vivido subsiste a situação empática

---

<sup>1</sup> HUSSERL, 1913/2006

absolutamente dada em sua origem essencial, mas também existindo perfilada à experiência de empatia pela possibilidade de interagir com consciências alheias. Isto deve explicar por que a percepção vivencial apreende não só a essência intuitiva, mas também a existência absoluta refletida no mundo da vida, conhecida como *atualidade de vivido* (HUSSERL, 1913/2006).

Em época prévia à Segunda Guerra Mundial, num clima de medo que se justificou decorridos cinco anos quando ascendeu o Partido Nacional Socialista ao poder político da Alemanha, é publicada a obra *Lições sobre a consciência interna do tempo* em 1928. Nela, Husserl amadurece suas ideias sobre a consciência do tempo e seu modo de dar-se no fluxo do vivido.

Uma importante introdução faz Husserl (1928/2002) na obra que trata das lições sobre o tempo, a qual pode interessar à Psicologia, se relaciona ao aspecto objetivo da individualidade, em contraponto com a objetividade que é o dar-se manifesto no espaço, pois a objetividade individual é a constituição da consciência subjetiva do tempo. Ou seja, quando tentamos analisar a consciência pura do tempo em seu caráter íntimo, é no sujeito que se encontrarão os atos que servirão de conteúdo fenomenológico das vivências de tempo. O filósofo não busca compreender a existência de um tempo do mundo, tampouco a existência de uma duração das coisas, mas sim o tempo que aparece e a duração que se manifesta como tal na consciência.

As apreensões temporais são chamadas de dados fenomenológicos do tempo ou fenômenos puros, podem ser captados nas vivências onde o sentido objetivo do tempo aparece. Os momentos da vivência fundam a apreensão do tempo como tal e a análise fenomenológica se dá sobre as qualidades, propriedades constitutivas da coisa que aparece, uma vez que, por meio da sensação a coisa passa a exigir o valor de “momento que expõe uma qualidade de uma coisa”, a qual se efetiva na apreensão (HUSSERL, 1928/2002, p. 23).

Apesar de possibilitar a ligação da consciência com os objetos partindo de um ato intencional, se constituindo assim como “caráter do ato”, a apreensão é imanente e está fenomenologicamente dada na consciência operando no campo dos sentidos ou sensações. O tempo também é percebido e não apenas sentido, logo nem toda constituição temporal se enquadra no esquema “conteúdo da apreensão-apreensão”. O tempo percebido é o tempo objetivo por si e a apreensão ou tempo “sentido” é o dado fenomenológico, cuja aprecepção empírica se constitui intencionalmente direcionada ao tempo objetivo e tendo como referência a percepção (HUSSERL, 1928/2002).

O tempo objetivo para Husserl (1928/2002) é validado por sua constituição infinita e una, onde todas as coisas e acontecimentos, os corpos e suas propriedades físicas, o estado existencial e o sujeito têm determinados lugares no tempo cronológico. O dado absoluto do tempo que se sente é o tempo objetivo fazendo-se vivência, o fenômeno absoluto do agora passa sincronicamente para todos e aí está a simultaneidade objetiva. Evidentemente que, captar um conteúdo tal como é vivido não significa captar o sentido empírico e objetivo do tempo, pois há separação entre sensação e percepção, sendo a primeira condição de captação da vivência, a fim de percebê-la objetivamente em seu dar-se absoluto.

O objeto temporal não é a soma ou a junção dos conteúdos sobre ele, mas um todo que se apresenta como um conteúdo a mais, percebido pela consciência, pois a objetividade é do campo da experiência, enquanto a unidade da experiência pertence à ordenação natural. A objetividade se constitui nos caracteres da apreensão e nas leis da essência que regem tais caracteres, a fenomenologia do conhecimento deve se propor a alcançar clara compreensão e esclarecer a constituição da apreensão do tempo objetivo, assim como a apercepção e suas peculiaridades (HUSSERL, 1928/2002).

Uma noção que merece destaque na obra husserliana é a de configurações primitivas da consciência do tempo, pois são nelas “*que las diferencias primitivas de lo temporal se constituyen de manera intuitiva y auténtica como las fuentes originarias de todas las evidencias relativas al tiempo*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 31).

A origem do tempo está associada ao caráter imanente da temporalidade e a origem psicológica do tempo diz respeito ao âmbito empírico da temporalidade. Husserl (1928/2002) não se interessa pela gênese empírica do fluxo do vivido, mas pelas vivências doadoras de sentido objetivo em conjunto com as descrições dos seus conteúdos. A realidade só é fenômeno enquanto realidade refletida, representada, intuída ou pensada em conceitos, uma vez que o caráter objetivo da vivência do tempo importa mais que qualquer realidade, pois são as vivências que emitem dados “objetivamente temporais”. Os atos da consciência falam sobre determinado momento objetivo e apresentam verdades apriorísticas que pertencem à sucessão de fatos que constituem a objetividade.

Para esclarecer o *a priori* do tempo nas profundezas de sua consciência interna, o filósofo lança mão da constituição eidética do tempo para focar nos conteúdos de apreensão e nas características dos atos específicos da consciência do tempo. Finaliza a introdução da obra elucidando que existe uma ordenação temporal fixa, que é bidimensional e infinita, uma vez que dois tempos diferentes não podem ser simultâneos, revelando assim um aspecto de sua influência kantiana. O que rege a transitividade do tempo é nossa capacidade de medi-lo,

apesar do tempo não ser simétrico, o que corresponde ao fato de um momento não corresponde ao outro, mas o sucede num tempo anterior e é sucedido posteriormente. Foram expostas algumas leis formuladas para o início dos estudos sobre a origem do tempo, que será investigada na doutrina de Brentano, aprofundemo-las (HUSSERL, 1928/2002).

A solução brentaniana para essa questão repousa no conceito da associação originária, que surge das representações imediatas da memória, representações aderentes às representações perceptivas em processo imediato. Ele esclarece que, quando um fenômeno se dá, não significa que o precedente deixou de existir sem deixar nenhum resíduo, pois na sequência do *continuum* de momentos, a intuição adverte a consciência para a relação entre o que se sucede dum momento a outro. (HUSSERL, 1928/2002). A fantasia [imaginação] tomada como modo *operandis* apriorístico ao pensar e a qualquer racionalidade se revela produtiva, pois é condição de “*un momento verdaderamente nuevo de las representaciones, a saber: el momento de tiempo. Con ello se ha descubierto el origen de las representaciones del tiempo en el dominio de la fantasía*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 34).

Pontua o filósofo que até Brentano, os psicólogos se esforçaram buscando a verdadeira fonte das representações de tempo, mas foi em vão porque não se levou em consideração a distinção entre tempo subjetivo e tempo objetivo. Por confundirem os dois conceitos, fracassaram nas pesquisas que visavam o problema autêntico do tempo, não alcançando sua imanente questão. O estímulo pode durar, mas não significa que a sensação seja sentida enquanto duradora, apenas que a sensação dura. Para lançar luz sobre essa nova noção trazida pelo pensador como exemplo de problema da concepção psicológica de tempo, elucida que “*duración de la sensación y sensación de duración son dos cosas distintas. Y otro tanto ocurre con la sucesión. Sucesión de sensaciones y sensación de sucesión no es lo mismo*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 35).

Brentano contribuiu com a possibilidade de uma distinção conceitual entre tempo subjetivo e tempo objetivo, o que permitiu Husserl (1928/2002) prosseguir nos estudos sobre a origem do tempo nos passos de seu professor, buscando na consciência o modo pelo qual se opera o tempo fenomenológico, tarefa na qual os atos psíquicos não dão conta de abarcar a via representativa da duração ou da sucessão. O estímulo produz o conteúdo da sensação, uma vez que cessa o estímulo, desaparece também a sensação. Porém, quando esta última se torna agora, temos uma sensação criadora produtora de representações da fantasia, de conteúdo similar ao conteúdo original e enriquecida com o caráter temporal. A cada representação reúne-se outra nova, formando um agregado numa constância de sucessões. A esta constante

junção das mesmas dadas como representações temporalmente modificadas, Brentano chama *associação originária*.

Com isso, Husserl lembra-nos outra importante lição de Brentano, que tem a ver com a funcionalidade dos caracteres temporais, ou melhor, como eles podem modificar as representações de tempo. A sensação da passagem de tempo, que é sentida e pode ser medida por qualquer de nós, não determina o conteúdo das nossas impressões sensíveis, mas modificam ou alteram os elementos determinantes da vivência. Dito de outro modo, as determinações temporais alteram as representações em seu nível eidético. Tal mecanismo fenomenal não se aplica somente às representações, mas também aos desejos, propósitos, sentimentos e demais aspectos da vivência (HUSSERL, 1928/2002).

As modificações funcionam como um acessório do agora, mas frequentemente relacionadas às lembranças, pois tudo que se mostra à percepção é a representação de um agora. Assim como Kant, Brentano opera com preconceitos transcendentais de causa-efeito ou estímulo-resposta, o que impede uma análise fenomenológica estrita. Husserl (1928/2002) reconhece como uma teoria da origem do tempo enquanto representação psicológica, detida na cognição. O fenomenólogo não descarta a existência de uma operacionalização psicológica do tempo, mas ressalta a importância dos predicados temporais que se relacionam com aspectos fenomenológicos e psicológicos. O tempo fenomenológico em sua manifestação na consciência objetiva é o cerne da investigação husserliana sobre a temporalidade, sendo condição de possibilidade para a percepção temporal empírica, que é intuída pela cognição e está apta para ser medida em uma escala cronológica pressuposta pela tradição (HUSSERL, 1928/2002).

Elucida Husserl que as vivências psíquicas ocorrem no tempo e são objeto de estudo da Psicologia, campo da ciência ao qual Brentano está intimamente ligado, mas no qual Husserl irá desvincular-se. Criticando o psicologismo, o filósofo afirma que o interessante para a fenomenologia é o núcleo fenomenológico do problema sobre a temporalidade: duração, sucessão, passagens e as transformações que suscitam o tempo. Estas noções se mostram como problemas centrais para o estudo de Husserl (1928/2002, p. 38) sobre a temporalidade, parafraseando-o: *“La unidad de la conciencia que abarca intencionalmente lo presente y lo pasado es un dato fenomenológico”*.

O fenomenólogo analisa o discurso brentaniano dos signos temporais, que se traduzem numa contínua passagem de momentos, conceito que lança bases no momento do agora, onde o passado é tido como uma junção projetada pela psique, uma vez que as associações originárias são de maneira geral uma vivência presente, a qual incrementa elementos irrealis

do passado. A impossibilidade de se realizar uma análise fenomenológica desse assunto, brilhantemente introduzido por Brentano, diz respeito ao conteúdo do tempo não compreender com o complexo de novos conteúdos que se juntam ao conteúdo do tempo, apenas a descrição fenomenológica das formas temporais abarcaria tal amplitude de conhecimento, uma vez que, realizando as reduções necessárias da consciência do tempo, deve-se chegar ao núcleo do problema geral da temporalidade (HUSSERL, 1928/2002).

Já no capítulo que trata sobre a análise da consciência do tempo, Husserl (1928/2002) vem a discordar do modelo momentista idealizado por Brentano de uma sucessão temporal, limitando o agora a um lapso no tempo ou um ponto na trajetória das representações de tempo. *“Toda conciencia que apunta a un todo de cualquiera tipo, a una pluralidad cualquiera de momentos diferenciabiles – toda conciencia, pues, de relaciones o de complexiones-, abraza su objeto en un instante indivisible”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 43).

A unidade da intuição momentânea é um conceito brentaniano que fortalece o “dogma da momentaneidade”, recusado pelo fenomenólogo que prefere uma noção de fluxo ou *continuum* dos atos da consciência, para que se faça compreender o “tempo de presença”. Por meio do ato unitário da apreensão, uma sucessão de elementos pode articular-se formando unitariamente um sentido ou significado, independente da simultaneidade atribuída, desta maneira se dá a vinculação da consciência aos objetos temporais. O conteúdo da consciência que se destaca no tempo da presença é o fundamento da apreensão resultante de igualdade [continuidade] ou de diferença [interrupção] (HUSSERL, 1928/2002).

Uma vez que a percepção de um objeto temporal possui temporalidade, também a percepção de duração possui sua própria duração perceptual, logo o ato de perceber qualquer figura temporal tem sua representação de figura no tempo. Colocando fora de circuito todas as transcendências [transcendente], a percepção conserva sua essência de tempo ou temporalidade fenomenológica. A temporalidade objetiva se constitui em cada caso de modo fenomenológico, para assim nos aparecer como objetividade ou como momento de uma objetividade. A análise fenomenológica do tempo busca evidenciar a constituição do tempo, considerando a constituição dos objetos temporais (HUSSERL, 1928/2002).

Os objetos temporais são unidades no tempo que contêm “extensões temporais”. Extensão é tudo o que funciona como elemento significante de um momento seguinte, a duração propriamente dita. O objeto temporal é a coisa que dura como tal, assim também está para as melodias ou tudo o que persiste no tempo. Com este apanhado inicial, pode-se inferir que a pesquisa fenomenológica nessa área se dá seguindo estrita ordem: primeiramente analisa-se a constituição dos objetos temporais, possibilitando a análise da constituição do

tempo em si. A recordação ou lembrança é o que se tem de objetivo como apreensão do fenômeno [dado] temporal, pois a expectativa para que se conclua a recitação de um poema ou a execução de uma música, por exemplo, está direcionada para toda a extensão de tempo e não só para um único momento. Ao iniciar algo no mundo-da-vida, tudo vai se tornando passado à medida que o tempo passa e a objetividade dessa percepção está na duração, ou melhor, no contínuo do ato que é parte da recordação (HUSSERL, 1928/2002).

Qualquer que seja o fenômeno, este possui temporalidade apenas quando uma retenção persiste na consciência intencional, uma vez que posso dirigir a atenção para todos os modos de dar-se do fenômeno. O fluxo incessante de momentos prediz uma continuidade de “modos” de manifestação do fenômeno à consciência, é a “consciência incipiente” que marca o início do fenômeno durando no modo do agora. No percurso temporal é comum que o conteúdo da percepção se modifique no tempo, tal modificação é idêntica ao fragmento de uma situação experimentada na duração do período atual [empírico], é a essência do “agora” que demarca o ponto referencial do fluxo do vivido, que é a consciência em curso produzindo sempre novas formas e novos conteúdos (HUSSERL, 1928/2002).

O objeto temporal é imanente e aparece no tempo como fenômeno ou dado, mas não se trata do tempo em si, e sim de uma representação rememorativa que nos é atestada quando evidenciado na consciência por este resgate do passado. Husserl (1928/2002) esclarece que, descrever um objeto no tempo é diferente de descrevê-lo em sua própria duração no tempo que aparece. A duração encontra sua unidade no agora, se constitui na atualidade, passa e transcorre na consciência do tempo, e sempre pode ser produzida novamente na rememoração. *“Los puntos de la duración de tiempo se alejan de mi conciencia de modo análogo a como los puntos de un objeto espacial en reposo se alejan de mi conciencia cuando yo me alejo del objeto”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 47).

Há uma preocupação de Husserl (1928/2002) com a claridade das ideias quando se apresentam objetos imanentes à consciência. Seu conteúdo apreendido na duração é percebido no agora, situado no trecho em que transcorre o fluxo retencional da consciência, operando juntamente com os momentos ou fases duradouras mais próximas do ponto atual de agora. Tais momentos das retenções são formas de estar consciente que vão decrescendo com relação à claridade, quanto mais distante for o momento do passado recente, menos consciente é sua lembrança, ou seja, falta claridade nas rememorações longínquas onde a consciência gera novos conteúdos numa forma pretérita vazia. Dependendo da distância do agora ou atualidade, se evidencia a questão da claridade de um fenômeno do passado ou retencional, aproximando-se do atual, temos maior claridade do processo e de todo o resto que passa, que

desaparece na escuridão das lembranças em uma consciência retencional vazia, uma vez cessada a retenção, desaparece da consciência todo o processo de sua duração.

Para Husserl (1928/2002) quanto mais nos distanciamos do agora, mais evidente é a manifestação de um apagamento do momento passado e uma crescente contração do pretérito, evidenciando assim que, a retenção diminui devido aos sucessivos *novos agoras*. Um fragmento de tempo articulado num conjunto de sucessões se contrai em si mesmo, submergindo no passado dentro do aparecer temporal originário. O fenômeno de constituição da consciência do tempo dá-se na medida em que se constituem os objetos temporais com suas determinações temporais. Os objetos temporais se classificam em: duradouro, imanente; e o objeto em si, como aparece ou manifesta-se, este último é o objeto propriamente dotado de caráter apodítico, pode estar relacionado com o passado ou ao presente.

Segundo o filósofo e pai da fenomenologia, todo ser temporal “aparece” em algum modo de decurso e continuamente em mudança. O objeto no modo decursivo é sempre particular a sua modalidade temporal, isto significa que o objeto e seus diversos momentos, assim como o tempo propriamente dito se conjugam numa unidade. O objeto temporal em decurso não é a consciência, “*la conciencia, la vivencia se refiere a su objeto por medio de un aparecer, en el cual se ofrece justo el objeto en el cómo*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 49).

Aos fenômenos que constituem os objetos temporais denominamos decursivos, que são caracteres do agora e do passado, diferenciando este objeto de orientação temporal do objeto imanente, o qual aparece como tal. O fenômeno decursivo relaciona-se com o suceder das vivências no fluxo do vivido, sucessão que se manifesta como estrutura intencional da passagem do tempo, ou seja, o dar-se intuitivo do curso dos objetos temporais. O tempo vivido é imutável em sua forma, pois os pontos de continuidade o outorgam a inseparabilidade das fases no passar do tempo (HUSSERL, 1928/2002).

O objeto que dura é produzido no ponto fonte da impressão originária. Para Husserl (1928/2002), se dá quando a consciência do agora, que é a impressão originária, passa à retenção para tornar-se um agora parcial, algo na existência atual. Segundo a lei de modificação retencional, um raio dirigido pela intenção pode ir ao agora ou ao que está consciente no passado, a modificação opera em cada agora atual da consciência. O ponto de atualidade se constitui na continuidade das retenções, pois cada modificação retencional faz parte da continuidade do ponto de atualidade que se reduz no fundo das retenções. “*Cada retención posterior no es mera modificación continuada que nace de la impresión originaria, sino modificación continuada de todas las modificaciones incesantes previas del mismo punto inaugural*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 52).

Cabe à percepção o papel de constituir originariamente os objetos temporais, transcendendo a “coisa ela mesma” para a apreensão do sentido, já os objetos imanentes se constituem na impressão, diferente dos objetos transcendentais, que são do campo da percepção. Toda consciência do objeto temporal acaba quando ele transcorre por completo sua duração tornando-se passado. A continuidade das retenções termina a todo momento numa apreensão de agora, a posição que o objeto ocupa no espaço e no tempo é que determina o agora, e sua apreensão se opera percebendo o “núcleo da cauda do cometa”, metáfora que Husserl utiliza para explicar a continuidade das retenções (HUSSERL, 1928/2002). Nesta parte das lições, se observa com nitidez a aproximação do professor à ideia de tempo adotada por Santo Agostinho, pois este último afirma: o tempo não muda. Tal assertiva está de acordo com Husserl, o qual examinou o campo do tempo sempre com a mesma extensão espacial, pois a sucessão de momentos é ininterrupta e retrocede ao passado se modificando até o nível de esquecimento ou inadvertência (HUSSERL, 1928/2002).

A retenção enquanto intencionalidade peculiar parte de uma modificação retencional em direção à análise perceptiva dos conteúdos da sensação. O fenômeno que funda esta relação peculiar é o recordado primeiramente no agora, o qual também se denomina retencional, tal fenômeno não está contido na consciência retencional, mas é a ela *a priori*. Sendo assim, qualquer percepção que esteja direcionada para uma lembrança é antecipada por esta recordação mesma na forma de uma intuição do passado, que é retenção do momento originário ou consciência originária. A ressonância do material recordado ativará o sistema perceptivo e as lembranças longínquas [recordação secundária] virão *a posteriori* na consciência como imagens, já a consciência originária não pode dar-se por imagens, pelo seu caráter pré-reflexivo é sempre intuição do passado (HUSSERL, 1928/2002).

Segundo Husserl (1928/2002), o que pertence à essência da intuição de tempo é ser em cada ponto de sua duração, existir enquanto dura. Se por sua vez, a retenção tem em sua essência o caráter de imagens [imaginativo]; a essência do ponto de duração reside no objeto. O que une estes dois momentos na consciência do tempo é a continuidade, que pode ser entendida por consciência do que acaba de ser. A apreensão do que se percebe enquanto as imagens recordadas e que nos vêm à consciência, é a apreensão do objeto lembrado e/ou percebido que se apresenta como uma fase da extensão temporal, como um ponto da intuição, o qual percebe a qualidade do conteúdo e apreende a forma da vivência. Com isto já percorrido, Husserl (1928/2002) nos adverte para a distinção entre a consciência retencional das sensações e recordações, o elo que as liga está na categoria de fundo e figura e jamais se

mesclam, pois enquanto as sensações e recordações estão na *hylé*, a consciência retencional pertence à categoria de *morphé* ou forma (HUSSERL, 1928/2002).

Ela se evidencia enquanto necessidade de uma impressão vir antes de cada retenção, uma vez que ao reter a impressão originária, a retenção sucede ao momento original do agora, trata-se de uma necessidade apriórica da percepção. Enquanto a fase retencional está em um ponto do contínuo, a fase do agora está no limite da continuidade de retenções, tais fases se sucedem no agora da consciência do tempo. Se cada retenção está direcionada retrospectivamente a uma impressão, então o passado acontece na recordação primeira e a doação do conteúdo pretérito é recordação. Elucidando uma vez mais, toda impressão é sucedida de uma retenção, pois na percepção se intui o agora e em sua extensão se constitui o ser que dura na recordação da consciência retencional, trata-se de uma recordação primária que intui o passado, e duração, diz respeito à unidade do objeto temporal (HUSSERL, 1928/2002).

Explicita Husserl (1928/2002) que, dentro do processo rememorativo se encontra a recordação secundária ou recordação refletida, enquanto a recordação primária diz respeito à recordação intuída. A recordação secundária é designada pelas evocações ou re-presentações que são independentes das percepções do mundo-da-vida, comumente conhecidas como rememorações, elas não se encaixam no sistema perceptivo que é parte funcional da apreensão e captação das coisas, pois é antes, uma mudança na continuidade das apreensões, de algo que se deixou de sentir.

A rememoração se mostra no presente enquanto rememoração constituída de forma originária e depois passa a ser rememoração do que passou ainda há pouco. “*En la rememoración el presente de tiempo es un presente recordado, un presente evocado, re-presentado; y igual que él, el pasado es una recordación, re-presentado, no un pasado percibido, no es un dado intuido primariamente*” (HUSSERL, 2002, p. 58). Em suma, a rememoração é constituída por um contínuo de “protodados” e de retenções, forma assim uma objetividade duradoura, seja ela imanente ou transcendente. Tal contínuo é intencional e constituinte da duração do ato no tempo interno, e também da maneira como ele se apresenta.

O contínuo de evocações é o modo como se dá a reprodução ou rememoração, constituindo um novo objeto na percepção imanente da temporalidade em que ele dura. Repetindo a recordação, é construído um novo objeto temporal que se dá por meio de uma modificação na evocação ou re-presentação do contínuo perceptivo até a fase das retenções. A objetividade do pensamento é um fenômeno temporal de sucessão que possibilita a unidade da retenção no contínuo das retenções. “*Las objetividades que se construyen de modo originario*

*en procesos temporales constituyéndose miembro a miembro o fase por fase (como correlatos de actos conexos y unitarios de manera prolongada y multiforme), estas mismas objetividades se dejan captar, con todo, en una retrospectiva como se fueran objetos que estan listos en un punto temporal”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 59).

Já fora examinado anteriormente que, segundo Husserl (1928/2002), a unidade da consciência retencional é que mantêm no contínuo de retenções a possibilidade de ser evocado ou rememorado, a percepção adequada do objeto temporal é o ato constituído pelo agora presente e pelo passado, consciência de agora e consciência retencional respectivamente. O nexos de apreensão parte das diferenças de tempo que se constituem nos atos de protoconsciência, retenção e protensão, tais atos estão constantemente distinguindo o passar do tempo pelas diferenças retencionais de mudança. “[...] *lo opuesto a la percepción es entonces el recuerdo primario y la expectativa primaria (retención y protención)* [...]” (HUSSERL, 1928/2002, p. 61). A percepção do objeto temporal acontece enquanto as impressões originárias se renovam, pois nesse estágio as apreensões constituem o agora como limite ideal para análise.

O ato intencional da consciência é um dos principais conceitos da fenomenologia husserliana, ligado diretamente à percepção que possibilita a análise da consciência interna do tempo até o polo oposto da reprodução rememorativa. O agora reprodutivo é evocado, não é percebido, pois o agora da re-produção não está dado em si, mas depende de uma vivência anterior ou recordação primária, a qual é percepção designada como ato que se desvela em si constituindo originariamente o objeto. A evocação apenas re-presenta o *acaba de ser*, o antes como ponto de referência que é intuído diretamente na recordação primeira ou primária (HUSSERL, 1928/2002).

O conceito de duração se mostra de fundamental importância também enquanto consciência de sucessão na rememoração. De acordo com a forma temporal, ou o trecho de tempo no qual determinada sequência comporta o conteúdo do fenômeno, se manifesta a consciência de sucessão que é doadora de sentido, ou seja, percepção da sequência. Portanto, a rememoração é uma modificação reprodutiva da percepção que Husserl designa como consciência temporal da qual se apresenta a partir de *conteúdos de ser* e *formas de ser*. Neste âmbito, o filósofo advoga pela causa de uma consciência *a priori*, onde se encontra a fantasia [imaginação] ou domínio da liberdade na re-presentação de uma vivência recordada (HUSSERL, 1928/2002).

Apesar do *presente* ter possibilidade de ser revivido, este não pode voltar a dar-se, ainda que o conteúdo de ser tendo um caráter volátil na temporalidade, a forma de apresentar-

se jamais será a mesma [forma de ser]. O horizonte vivo do agora é constituído por retenção, pela consciência do que *acaba de passar*. Todavia, as vivências rememorativas enquanto sucessão abarca a unidade de uma consciência sucessiva neste caso, uma vez que a lei de essência está de acordo com a recuperação de qualquer conteúdo recordado por meio da intuição, que recorda a esfera do possível em qualquer grau ou nível, ou seja, é tanto possibilidade de ação [recordação primária] como de re-produção [recordação secundária]. A presença é a forma original da sucessão global das vivências, ela pode ser recordada ou rememorada pela recordação intuída *in infinitum*. A escala dos graus está condicionada à liberdade, pois uma vivência de grau superior é originalmente uma ação de liberdade (HUSSERL, 1928/2002).

Seguindo no entendimento da consciência interna do tempo, Husserl (1928/2002) nos apresenta no capítulo 19 da obra homônima das Lições<sup>2</sup> a distinção entre retenção [recordação primária] e reprodução [reprodução secundária ou fantasia], a primeira diz respeito ao tempo percebido no presente de maneira original e a segunda designa um modo de tempo evocado na consciência fantasiada ou de ficção. O ato atesta sua oposição ao fenômeno da evocação porque é originário e não pode ser reproduzido ou representado. A diferença fenomenológica aqui está posta entre dois modos de vivenciar o passado: a recordação rememorativa, na qual se volta a representar evocando um conteúdo pretérito, e a recordação primária que é o princípio da extensão temporal e do caráter plástico da consciência, caracterizando assim a unidade do objeto temporal.

As graduações ou gradações de tempo dizem respeito ao percurso de uma vivência. Já a apreensão do agora reproduzido ou do próprio passado, se dá pelo caráter intuitivo da consciência do tempo enquanto modificação da apreensão. Na continuidade contêm a essência das vivências, pois o que se estende no percurso temporal existe deste modo de forma pontual numa fase determinada da cronologia, “*lo que llamamos conciencia originaria, impresión o también percepción, es un acto que constantemente declina o se gradúa*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 68).

Foram encontrados nestas Lições sobre a Consciência Interna do Tempo (1928/2002) argumentos suficientes para aferir que o re-presentar está direcionado à liberdade da reprodução, portanto, se trata de um livre recorrer que contêm variados graus de clareza reprodutivos. O grau de clarificação do fenômeno está em sua perfeita luminosidade no dar-se originário de um objeto temporal, pois se desvela vívidamente em sua clareza,

---

<sup>2</sup> Ao longo do texto utilizo Lições para fazer referência à obra Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo.

obscurecendo no percurso do tempo até o vazio do passado. Evidencia-se a reprodução enquanto consciência de uma sucessão, um percurso temporal que se encontra no passado advindo de um curso presente de vivências. Husserl (1928/2002) nos adverte que as apreensões individuais podem ser falsas, e por isso há necessidade de verificar sua correspondência com a realidade, retrocedendo no tempo e buscando a intenção objetiva da apreensão, seja de um objeto transcendente ou de um objeto temporal, pois desta maneira se pode encontrar o conteúdo que constitui o objeto e sua teia de relações com os outros objetos.

A objetivação do conteúdo pretérito é uma síntese intencional da reflexão fenomenológica que está formulada no sentido de uma objetivação imanente, que acontece na consciência originária do tempo em relação ao agora reproduzido, retrocedendo até o fluxo de evocações de algo passado. A recordação parte de uma intenção de expectativa direcionada ao presente, o processo constituinte dessa relação são também os fenômenos de protensão, que se configura como elo de formatação das retenções, as quais estão intencionalmente projetadas para o futuro, aí reside o caráter de novidade do processo rememorativo, que se preenche com acontecimentos rememorados sempre novamente modificados. A expectativa é pré-direcionada para uma forma da rememoração *incompleta* que se cumpre no horizonte das protensões. Contudo, a rememoração não é expectativa, mas contém em si um horizonte direcionado para o futuro até a posição atual do objeto em seu próprio horizonte (HUSSERL, 1928/2002).

No capítulo 25 da obra *Lições sobre a consciência interna do tempo*, Husserl (1928/2002) realiza uma explanação sobre a dupla intencionalidade da rememoração, pois ela se dá por meio de uma intencionalidade formal que está relacionada com a duração do objeto temporal e outra que está diretamente ligada ao conteúdo do objeto. Para o exímio professor, é esta via dupla da intencionalidade que garante a ordem do tempo na rememoração, uma vez que evidencia a localização do objeto evocado. Uma duração não é representável absolutamente do mesmo modo que veio à imanência, mas sim modificada no constante fluxo da unidade da consciência de tempo.

Importante discernir a esta altura que não temos uma cadeia de intenções sucessivas, mas sim uma única intenção do passado, a qual é evocada para dar cabo a possíveis direcionamentos à consciência. Cumprem uma dupla intencionalidade na medida em que preenchem o lugar [espaço] e a duração [tempo]: “*la duración reproducida es el primer plano; y las intenciones que la insertan (en el orden del tiempo) hacen consciente un fondo, un fondo temporal*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 76). A aparição da coisa temporal se dá no mundo-da-vida, aos quais estão direcionados respectivamente o espaço situacional e a forma

do tempo, buscar-se-á algumas diretrizes sobre as recordações a partir de diferenciações eleitas por Husserl como de maior importância para o desenvolvimento de uma análise da consciência do tempo.

A protensão possui forte elo com a recordação, pois a partir da representação intuitiva do futuro, se pode reproduzir na consciência temporal uma linha de sucessão na qual transcorrem imagens de maneira reprodutiva, uma vez que a percepção é o estágio final da expectativa. As reproduções intuitivas manifestam as intenções do passado, pois estão conexas em uma sequência unitária da linha temporal determinada pela essência do esperado, que é o *haverá de ser percebido*. Constata-se desta maneira que a recordação é um fenômeno importante da consciência interna do tempo, o qual une os tempos pretéritos ao presente e à expectativa de futuro, pois ao projetar-se para o presente, o esperado já cumpre sua função enquanto expectativa e se lança ao futuro transformando o presente em *já passado* (HUSSERL, 1928/2002).

Todavia, a recordação enquanto consciência de passado está diretamente relacionada à consciência interna e sua essência não pertence à esfera reprodutiva de um ser no tempo, mas se dá em si mesma de maneira apodítica. A essência da recordação é a consciência de *ter-se percebido* e sua respectiva vivência é o desvelar-se externo da unidade da consciência interna, este fenômeno se correlaciona com a reprodução interna a qual acontece no presente; uma vez que a recordação está relacionada à sucessão externa da intuição ou reprodução do passado. Para que um objeto se apresente, tem-se que perceber, logo a percepção constitui o presente e, para representar este presente se tem que perceber as retenções rememorativas pela imaginação, modificadas para representar o percebido. A reprodução interna está de acordo com o tempo fenomenológico e à sucessão exterior podemos designar como tempo objetivo ou cósmico, os dois aspectos da temporalidade estão intimamente ligados à recordação que é sempre a percepção prévia dos fatos no universo pré-reflexivo da compreensão, uma vez que projetado no mundo, o Eu puro pode ver o não-agora no agora de modo imediatamente intuitivo, *como se existisse agora* (HUSSERL, 1928/2002).

Ela também pode se manifestar com a intenção de reproduzir conteúdos, esta é a consciência de imagens [imaginária], a qual compõe o processo rememorativo. Lembrando que a evocação é a re-presentação do objeto, por sua vez, a recordação no presente é análoga ao fenômeno perceptivo, porém modificado com relação ao agora presente. A re-presentação dá o sentido de passado ao objeto e remete à recordação uma ordem decursiva de vivências, se ordenando perante um percurso que minguia ou que tende a acabar. Já a recordação do presente, é a intuição reprodutiva imediata de objetos temporais que habitam determinada

posição no espaço. Objeto de posição é o que dura e aparece ao intuído, pois a temporalidade só pode ser intuída por modos temporais, seja uma recordação ou uma percepção atual. Algo lembrado pode existir na recordação do presente por meio da representação a partir do objeto que dura [objeto de posição] e o caráter motivador que é a intenção (HUSSERL, 1928/2002).

A intenção objetiva na modificação da retenção acontece através de imagens reprodutivas do objeto temporal que conservam e mantêm fixa a identidade estrita do objeto, pois a consciência conserva sua intenção objetiva ao modificar-se. A consciência da identidade se dá por meio da renovação interna na evocação do agora com a reprodução das recordações de curto prazo sempre novas, identificando assim o vir a ser entre um e outro agora, ou seja, diferenciando os pontos “presentados” de agora numa sucessão de agoras. “*La conciencia de ahora, que se constituye sobre la base de la materia A, se transforma constantemente en una conciencia de pasado, mientras que al mismo tiempo se alza siempre una nueva conciencia de ahora*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 82). As séries de constantes variações constituem uma perpétua novidade, onde tal intenção objetiva permanece a mesma, idêntica no contínuo de impressões originárias e de retenções, a qual por meio da sensação apreende o lugar no tempo e a distensão do objeto temporal (HUSSERL, 1928/2002).

O ponto objetivo de tempo é a característica da recordação primária, que não muda seu lugar no tempo, mas sim sua distância com relação ao agora presente. Já o ponto de tempo individual está ligado ao aspecto contínuo da temporalidade, que permanece sendo o que é mesmo com o passar do tempo, esta é uma das capacidades extensivas da continuidade. As fases de agora da percepção se modificam no contínuo e fluem no percurso do tempo objetivo, fundindo-se na sucessão do tempo, ou seja, não se conservam como eram na intuição originária. O tempo objetivo está mais ligado ao tempo imanente no sentido de unidade do ponto temporal ou *agora mesmo*, e o tempo fenomenológico está relacionado com o ponto de tempo individual, o qual é mantido fixo no tempo (HUSSERL, 1928/2002).

No que concerne à extensão da consciência, ela se dá por constante imersão do que já se estendeu anteriormente, possibilitando o contínuo de modificações de conteúdos e da própria apreensão. Se por um lado o tempo é rígido, por outro lado ele é fluido, pois mesmo com o lugar de tempo [*Zeitstelle*] constituindo a individualidade, a apreensão volta a modificar os conteúdos oriundos do fluxo da vivência, e são as fases que constituem o fluxo. “*Este contenido, puramente como contenido de sensación, tal y como subyace a la apercepción objetivante, está extendido [...]*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 87). A individuação que distingue um agora de outro diz respeito à modificação do conteúdo de sensação proveniente de cada fase da sucessão, porém, a modificação contínua da apreensão no fluxo

contínuo de tempo, não afeta o sentido da apreensão do objeto temporal (HUSSERL, 1928/2002).

O momento contínuo de individuação se origina do lugar de tempo, que se designa como condição primitiva de uma ordem temporal, ocupando fixamente um lugar na linha temporal assim como no plano espacial, os lugares de tempo distinguem-se pelas diferentes sensações de cada agora que correspondem a uma diferenciação fenomenológica que corresponde ao lugar absoluto de tempo. O individual é a forma originária da sensação, enquanto o objetivo diz respeito ao conteúdo do fenômeno em questão, à ligação com o mundo material e sua própria intencionalidade. Em delongas, o agora estrito está diretamente relacionado à impressão originária, o que diferencia as impressões é o momento individualizador da impressão originária de lugares de tempo, ou seja, o momento do lugar originário de tempo possibilita o processo de individuação. O presente é melhor designado como um “ponto limite” por onde se referenciam os demais pontos individuais de tempo, pois cada agora tem seu conteúdo de sensação, cada novo agora produz uma nova impressão originária (HUSSERL, 1928/2002).

*“El punto de ahora íntegro, la entera impresión original, experimenta la modificación de pasado, y sólo por medio de ella agotamos el concepto íntegro del ahora, en la medida en que es un concepto relativo y que apunta a um pasado, como pasado apunta al ahora”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 88). Nesta forma de dar-se modificada, a matéria é a mesma, o lugar de tempo também, só muda a forma como se dá ou seu desvelar. O processo de extensão temporal é sucessivo e identicamente o mesmo apontando para uma duração do fenômeno, uma evidência da objetividade relacionada à consciência de unidade ou identidade. O tempo é percebido sempre como um passado que termina no presente, a sucessão que aparece é recheada de valores temporais absolutos e o ponto-vivo fonte do ser é a relação da primeira vivência, da experiência originária e dos sucessivos pontos de tempo que direcionam os fenômenos para suas finalidades (HUSSERL, 1928/2002).

O tempo objetivo pertence ao universo hilético, sendo unificado em sua constituição com direta participação do processo reprodutivo. Por saber apriorístico, Husserl nos afirma que a efetivação de tudo que sabemos sobre tempo se dá no tempo unificado. Uma vez conservada no passado, a consciência temporal adquire *status* de individualidade íntegra identificada em cada ponto de tempo que se fundem ao passado enquanto consciência subjetiva. Conforme a recordação reprodutiva, um agora é sempre intuído antes e sua essência consiste numa extensão do seu próprio tempo, também por intermédio de formas intencionais

vazias é que a consciência retrocede aos pontos de tempo tanto pelo seu conteúdo, como pela necessidade de sentido ou preenchimento da vivência. (HUSSERL, 1928/2002)

A recordação intuída é aquela *recente*, uma recordação do que acaba de passar, esse fenômeno demarca ou identifica os pontos de tempo que ainda se presentificam na vivência. Doravante, este último possui duas fases: o lapso, que diz respeito ao que passou antes e a intensidade, que pode ser analisada conforma a passagem de determinado ponto de tempo, e só a intuição garante à vivência o caráter de continuidade numa cadeia fixa de objetividades conectadas se interligando em suas constantes reidentificações (HUSSERL, 1928/2002).

Quanto às leis que devem ser obedecidas para o estudo do tempo fenomenológico temos que, sua validade no tempo efetivo está na capacidade própria de captar imediatamente uma vivência, esta já é uma evidência fundamental. Os *agoras* são dados originários simultâneos que estão em diferentes posições no espaço, são constituídos por impressões originárias pertencentes ao mesmo grau impressional e se distinguem entre si pelo conteúdo da matéria que são determinados *a posteriori*. O que é sucessivo, conserva sempre sua identidade, por mais que o conteúdo de passado se modifique e venha a transformar o dado originário em dado modificado no percurso do tempo (HUSSERL, 1928/2002).

“*A la esencia apriórica de tiempo pertenece el ser una continuidad de lugares de tiempo con objetividades ora idénticas, ora cambiantes, que la llenan, y también pertenece a ella el que la homogeneidad del tiempo absoluto [...]*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 92). Esta homogeneidade citada pelo filósofo se constitui integralmente no fluxo das modificações de passado e nos novos “agoras”, os quais são geradores de pontos de tempo. Diante do caráter sucessivo do tempo absoluto objetivado, se evidencia que tal percurso de tempo é constituído por sensações e apreensões, pois o tempo objetivo é o mesmo que pertence à sensação e à apreensão. Já o tempo da percepção se constitui por atos perceptivos que se fundem no tempo passado, e como uma cauda de cometa, o fenômeno passa a ser percebido, possibilitando a reflexão das fases perceptivas no mesmo lugar fenomenológico de tempo (HUSSERL, 1928/2002).

No decorrer do texto dissertativo, será exposta a necessidade de uma possível Psicologia Fenomenológica, para em seguida, dar cabo do encaminhamento dessa proposta para o universo da Psicologia clínica.

### CAPÍTULO 3 – POSSIBILIDADE DE UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Acredito que o elo entre a Fenomenologia e a Psicologia parte da possível elaboração de uma Psicologia Fenomenológica, proposta por Edmund Husserl como tal área do conhecimento e um projeto para uma Psicologia pura ou eidética, fenomenológica e antipsicologista. Ao tomar a consciência analiticamente como essência imanente, percebemos as evidências ontológicas que dão validade à Psicologia Fenomenológica, que nos permite examinar descrições de essências do ente, aferidas pela intuição, eliminando assim erros oriundos dos preconceitos não válidos para tal análise intencional de cunho fenomenológico.

Tais premissas fazem da Psicologia Fenomenológica um potente arcabouço teórico, auxiliando na postura do psicólogo em sua área de trabalho e/ou pesquisa, ao considerar o método das reduções aplicáveis *a posteriori* no atendimento ou avaliação psicológica. O vivido é analisado a partir de diferentes perspectivas em busca da multiplicidade dos sentidos que emergem na realidade constituinte do sujeito, seu processo de subjetivação. Por exemplo: visadas intencionais, apreensões de sentido do objeto, o que está no campo periférico do *visado*, explicitações, relações, suposições, o ato de escolha, crenças, valores, etc. (HUSSERL, 1913/2006).

O sentido é também denominado por Husserl (1913/2006) de correlato noemático, que é a maneira apodítica pela qual ele está contido no vivido imanente da percepção, remetem a julgamento, prazer ou enfim, pelo modo que estes fenômenos se apresentam na consciência pura que percebe o vivido. Para que haja o desvelamento do fenômeno e este possa se manifestar enquanto dado puro, se necessita pôr nos parênteses a relação *real* entre percebido e a percepção em si, resultará daí uma purificação da percepção que clarificada pela evidência eidética, apresentando uma relação ideal da percepção com o percebido, se evidencia assim a depuração essencial como uma volta às “coisas mesmas” ou uma legítima relação noético-noemática.

O sentido perceptivo “também” faz obviamente parte da percepção fenomenologicamente não reduzida (da percepção no sentido da psicologia). Aqui, portanto, se pode ao mesmo tempo esclarecer como a redução fenomenológica pode passar a ter para o psicólogo a útil função metódica de fixar o sentido noemático em sua nítida diferença com o objeto e de reconhecer algo que pertence indissociavelmente à essência psicológica do vivido intencional – ali apreendida realmente (HUSSERL, 1913/2006, p. 206).

O sentido noemático mencionado por Husserl na obra *Ideais I* diz respeito à relação do vivido com o objeto intencional, que constitui o sentido objetivo. O vivido “noético” se

caracteriza como doador de sentido do momento vivido, denominado noema. O momento específico é uma das camadas fundadas em momentos passados, já o momento presente carrega o sentido que se manifesta na extensão de sentido. Para concluir esta necessária elucidação conceitual se faz necessário confirmar que o noema pleno constitui e dá sentido aos sucessivos momentos noemáticos (HUSSERL, 1913/2006).

Ainda no Capítulo 3 do livro *Ideias I* Husserl apresenta suas primeiras ideias sobre o tema da retenção, conceito do qual na época de publicação da obra, não era ainda trabalhado pelo autor. Ele parte de uma premissa do método fenomenológico para discutir a amplitude da esfera da intencionalidade, afirma: “Depois da redução, encontramos na recordação o recordado como tal, na expectativa, o esperado como tal, na imaginação fictícia, o imaginado como tal” (HUSSERL, 1913/2006, p. 209).

Husserl (1913/2006) considera a mudança atencional como a mudança da consciência em sua visada intencional, exemplifica que uma única camada intencional ou noese contém em sua imanência sua pura e simples certeza, a qual nos é dado conhecimento por meio da percepção, pois em toda a consciência concreta do intervalo de momento, corresponde uma duração fenomenológica.

Costuma-se comparar a atenção a uma luz que ilumina. Aquilo que se nota, no sentido específico, encontra-se num cone de luz mais ou menos iluminado, mas ele também pode recuar para a penumbra ou para a escuridão total. Mesmo que essa imagem seja insuficiente para marcar distintivamente todos os modos a ser fenomenologicamente fixados, ela é, no entanto, bastante significativa para indicar alterações naquilo que aparece enquanto tal (HUSSERL, 1913/2006, p. 212).

Continuando sua descrição sobre as situações atencionais, Husserl esclarece que no momento presente, as configurações de atenção possuem o caráter da subjetividade ou modo de ser. O raio da atenção parte do eu e termina no objeto, se orientando referencialmente conforme sua direção ou se afastando do mesmo. O eu vive nos atos intencionais e daí extrai seus vividos que constituem o modo de ser [subjetividade], não significa que o eu é os conteúdos vivenciados, mas sua multiplicidade ou alteridade, passíveis de descrição (HUSSERL, 1913/2006).

Ao apreender um objeto pelo raio atencional, o eu puro adentra ao campo de possibilidades para os *atos livres do eu*, que são manifestos a partir das trocas atencionais e seus aspectos noéticos e noemáticos. Somente a descrição fenomenológica é capaz de alcançar a dinâmica de liberdade que constitui a consciência pura por meio do caminho das ideias ou horizonte compreensivo, o conceito de ideia aqui postulado faz menção ao sentido

kantiano. Constata-se por essas vias que a reflexão instrui enquanto ferramenta de compreensão, mas também como elemento de verificação e análise do fenômeno.

Um dos problemas transcendentais fenomenológicos que estão diretamente relacionados à Psicologia diz respeito à racionalização [*Rationalisierung*], sobre como o processo de irracionalidade emerge da matéria, passando para a forma de racionalização, tais problemáticas podem ser elucidadas com maior amplitude por estudos rigorosos considerando em toda a pesquisa: a redução, o método e a atitude fenomenológica, que perpassa a visada do psicólogo ou do cientista devidamente a par de uma possível Psicologia Fenomenológica em termos husserlianos (ONATE, 2019).

A elaboração geral da distinção entre noese (isto é, o vivido intencional concreto e completo, assinalado com ênfase em seus componentes noéticos) e noema exigiu muito cuidado de nossa parte, porque apreendê-la e dominá-la é da maior importância para a fenomenologia e diretamente decisivo para sua correta fundação (HUSSERL, 1913/2006, p. 220).

A partir do correto funcionamento do ato de empatizar [*Einfühlen*], que é inerente à natureza humana, a consciência geral está intencionada para a existência, esta determinada por sua vez pelo conjunto de essências. Logo, a percepção imanente é restrita ao eu e ao fluxo vivencial. A Psicologia Fenomenológica, fazendo uso destes elementos consegue alcançar seu grau de pureza, pois apesar de não transcender à esfera pura das essências, mantém contato direto com os determinantes da percepção do fenômeno enquanto tal, condensado em forma de existência no mundo-da-vida [*Lebenswelt*]. A motivação das partes é fundamental para manter uma relação pessoal ou profissional e a atenção é consequência do vínculo intencional. Husserl elucida que a vontade do fim motiva o querer dos meios, assim como querer um início mantém o ímpeto para o desenvolvimento do ínterim (ONATE, 2019).

A realização da consciência se perfila ou se forma enquanto unidade psicofísica natural fundada na corporalidade aperceptivamente. Já as atitudes natural-psicologista e fenomenológica se constituem na apercepção, que capta o eu psicofísico na primeira e o eu puro na segunda, assim o que está no meio ou no entre estas apreensões é tarefa de estudo para a Psicologia Fenomenológica. A Psicologia pura sendo uma ciência eidética, parte das presentificações ou momento presente do aqui-e-agora para estar diante de fantasias, imaginações ou crenças, que são modos de subjetivação e constituem a personalidade. A percepção atencional é posta em segundo plano durante um trabalho fenomenológico para que sejam privilegiados os modos de ser íntimos do sujeito, considerando em igualdade de

importância a percepção dos dados sensíveis oriundos da *hylé*, onde os fenômenos se manifestam à consciência enquanto dar-se evidente (ONATE, 2019).

O eu puro é a mera possibilidade de ser, suas características são: de intencionalidade, constituinte, intencional, desprovido de qualquer componente efetivo, pleno, imaterial e inapreensível. Sendo objeto de estudo da Psicologia Fenomenológica, a relação entre o eu puro e o mundo pode ser descrita com ampla fecundidade se considerados o transcendente e o transcendental, que é a ontologia fundamental necessária para a superação parcial do binômio eu-mundo e sujeito-objeto.

Existem dois conceitos para o termo *psicologia fenomenológica*: o primeiro faz jus ao sentido fenomenológico e se caracteriza como uma possibilidade ou necessidade de abordar os temas centrais da Psicologia; e o segundo diz respeito às análises empíricas dos significados psicológicos advindos de determinada experiência. A Psicologia Fenomenológica que Husserl (1936/2012) elabora em suas obras tem relação com o primeiro conceito apresentado, o de Psicologia Fenomenológica Eidética, capaz de clarificar os conceitos da Psicologia através de uma análise fenomenológica. Todavia, o método fenomenológico utilizado na prática clínica e para investigações de cunho empírico na ciência psicológica se relaciona com o segundo conceito mencionado, trata-se da Psicologia Fenomenológica Empírica.

Afirma Husserl (1911/1965) que a Psicologia experimental moderna não deveria clamar para si um posto de psicologia verdadeiramente científica, pois uma mera pesquisa de fatos isolados não fornece conhecimento científico, tampouco apodítico. Não cabe à ciência verdadeiramente psicológica se conformar com uma coleção de fatos interdependentes, mas deve-se ater ao sentido original das coisas manifestado nas formas de visadas intencionais, tal é a tarefa da Psicologia Fenomenológica, seguir o mais elementar rigor científico ao analisar detalhadamente a consciência com a finalidade de apreender as essências dos fenômenos psíquicos e seus correlatos na experiência.

A necessidade de transpor as experiências e verificações individuais para o campo das experiências universais e/ou comunitárias faz com que o conceito de eu na Fenomenologia husserliana adote traços intersubjetivos da psique. Husserl (1936/2012) cita ainda elementos que devem ser levados em consideração para o desenvolvimento de uma possível Psicologia Fenomenológica, são eles: o caráter eidético, o caráter intencional da consciência, cientificidade a partir do conhecimento *a priori* e a investigação dos nexos psíquicos. Já a intersubjetividade é tema que ainda carece de maiores estudos, os quais virão também com o desenvolvimento da Psicologia Fenomenológica como disciplina apriorística dos estudos da

consciência, onde se busca compreender os nexos psíquicos universais emanados das vivências essencialmente humanas, as psíquicas. É a Psicologia Fenomenológica uma teoria que requer solidez para garantir à Psicologia um modo estrutural, no qual a ciência psicológica possa alcançar pleno desenvolvimento epistemológico.

O objetivo de fundamentar uma filosofia científica se dirige à reformulação do método aplicado pela ciência por meio de um rigor fenomenológico não-positivista, como consequência dos estudos do eminente fenomenólogo, surge a Psicologia Fenomenológica, para tratar dos conteúdos da Psicologia pura ou fenomenológica. Segundo Husserl (1927/1992) a “fenomenologia psicológica” é necessária enquanto ciência de rigor que se aproxima do pensamento naturalista para validar uma Psicologia empírica cientificamente rigorosa. Pretende ele com as investigações da Psicologia Fenomenológica, tornar mais entendível o campo de estudos da Fenomenologia Transcendental, introduzindo assim compreensões iniciais da filosofia apriorística.

*La psicología moderna es la ciencia de lo “psíquico” en el nexo concreto de las realidades [real] espacio-temporales, o sea, de lo que en la naturaleza se encuentra, por así decirlo, con carácter de yo, con todo lo que inseparablemente le pertenece en cuanto vivir psíquico (...), en cuanto facultad y hábito (HUSSERL, 1927/1992, p. 1).*

Descrevendo tal ciência empírica pura, o filósofo pretende mostrar a necessidade de uma Psicologia pura que possibilite o acesso ao núcleo das essências do experimentar, pensar, sentir e do querer, em seu súbito momento de aparição. Por meio de um estudo interdisciplinar entre a Psicologia pura e a Psicologia natural será possível realizar uma pesquisa psicológica pura, que serve de fundamento dos conceitos para formação da Psicologia atualmente. Pergunta-se o filósofo até que ponto pode de fato existir esse paralelo e qual a legitimidade para continuar com tal empreitada, o sentido para tal expõe no decorrer do artigo publicado na Enciclopédia Britânica de 1927.

Afirma Husserl (1927/1992) que o viver da psique, é um fenômeno e apenas se confirma na reflexão que apreende a consciência sinteticamente unitária de si ou do objeto em si, cada fase ou trecho da visada intencional já está direcionado para o surgimento de novas fases de produção da consciência no fluxo temporal. “*Si la misma cosa es intuita de otros modos, por ejemplo en el modo del recuerdo de la fantasía, de la exhibición en imagen, entonces en cierta manera se repiten todos los contenidos internacionales de la percepción, pero todos peculiarmente modificados en la forma correspondiente*” (HUSSERL, 1927/1992, p. 2).

A tarefa universal da Psicologia é segundo Husserl, explorar de maneira sistemática os caracteres exclusivos das vivências intencionais, considerando suas possíveis sínteses futuras, variáveis e sua estrutura mais básica. Trata-se de alcançar, a partir destas premissas, um conhecimento descritivo da vivência em sua integridade que abarque a totalidade da vida anímica. Desta maneira, o psicólogo deve pôr entre parênteses o experimentado exteriormente, pois não faz parte da intencionalidade intrínseca à experiência, por mais que a experiência em si tenha decorrido como extensão da pura experiência eidética. A experiência fenomenológica tendo em princípio que partir do psicólogo, ressoará no horizonte de experiência do cliente, o qual também efetuará o método redutivo na sua própria vida, podendo assim melhor descrever o sentimento, sensação ou pensamento que aparece nele próprio enquanto subjetividade emergente e de conformidade com a experiência intersubjetiva em sua totalidade (HUSSERL, 1927/1992).

A experiência intersubjetiva possui um caráter comunitário e nela é posto em parênteses além dos campos intencionais da própria psique ilhada, também a unidade da vida comunitária intersubjetiva, que põe todos os seres humanos em relação. O *eidos* ou estilo formal constitui tal campo experiencial e necessário para o esclarecimento das singularidades, das sínteses agrupadas como crença e da totalidade do indivíduo. A maneira pela qual o sujeito percebe a si mesmo e o mundo se reduzida eideticamente, possibilita o acesso às configurações invariantes, ou essencialidades da esfera pura do vivido, estas se manifestam em um sistema estrutural que é *a priori* da percepção do corpo e de todas as múltiplas percepções que dela emanam. A Psicologia extrai seu rigor dessa racionalidade da essência e pode angariar a exatidão científica transladando de modo imediato, da totalidade do espírito individual e comunitário para a exploração empírica da consciência, tal é o caráter intencional do nexos psicofísico (HUSSERL, 1927/1992).

A Psicologia puramente fenomenológica corresponde ao primeiro escalão da pesquisa da essência de uma fenomenologia transcendental, sendo também uma ponte entre o conhecimento *a priori* filosófico e a empiria psicofísica, conforme é percebido no mundo-da-vida. A maneira de ver fenomenológica permite ao sujeito acessar uma nova situação cognoscitiva, dirigido intencionalmente para fora de si mesmo, ele capta o sentido do real que é determinado pelos significantes da vida perceptiva interior com suas representações, valores e seu modo de subjetivação [gênese subjetiva], que se dá em cada ser humano de modo imanente, evidenciando a experiência fundamental da auto-reflexão radical. Fatos podem ser rememorados em fantasia, os modificamos com conteúdos próprios, tal relatividade da

consciência parte da necessidade eidética de nos modificar junto dos outros, em comunidade ampliamos nosso leque subjetivo, ou seja, de possibilidades de ser (HUSSERL, 1927/1992).

Ao reduzir o conteúdo mundano, sobra o que é essencialmente próprio dos sujeitos conscientes, campo frutífero para as pesquisas da Psicologia Fenomenológica pura. Sabemos até então que a redução psicológica é a primeira etapa do método fenomenológico, a qual serve apenas para alcançar o que é tipicamente psíquico nas essências das realidades animais, assim como de seus nexos, que lhe são próprios e constituintes do fenômeno temporal. Segundo Husserl (1927/1992, p. 7):

*(...) esta psicología fenomenológica comprende en su ejecución sistemática la exploración total de las correlaciones para el ser y la conciencia y, desde luego, en una generalidad de principio (precisamente eidética, y por ende parece que es la morada de todos los esclarecimientos transcendentales.*

A Filosofia Transcendental é o *a priori* da Psicologia Fenomenológica, considerando-se a Psicologia um problema transcendental capaz de esclarecer a transcendência do mundo fático, ainda não é uma ciência que clarifica questões transcendentais de ordem filosófica, uma vez que a subjetividade, seu campo de estudo, não é capaz de fornecer premissas pré-reflexivas à Filosofia Transcendental (HUSSERL, 1927/1992).

*El tema filosófico-transcendental es un esclarecimiento concreto y sistemático de aquellas referencias intencionales múltiples que pertenecen por esencia a un mundo posible en general como mundo circundante, de una subjetividad posible correspondiente, para la cual tal mundo fuera el mundo que estuviera ahí delante, asequible práctica y teóricamente. Esta accesibilidad significa para las subjetividades, respecto de todas las categorías de objetos mundanos y estructuras mundanas que para ellas estén ahí delante, regulaciones de su vida de conciencia posible que hay que descubrir primeramente en su tipología (HUSSERL, 1927/1992, p. 7).*

A questão da Psicologia Fenomenológica diz respeito à questionabilidade do campo transcendente, pois tal disciplina dá conta também do mundo possível da atitude natural. O que guia, fundamenta e lhe dá bases é a questão transcendental em sua universalidade, campo da Filosofia transcendental. A Psicologia, submetida transcendentemente a uma *epoché*, assim como também a totalidade do significante da psique, serve para facilitar o acesso ao campo da Filosofia fenomenológica, todavia não responde à questão transcendental. A redução eidética pura funciona como uma ferramenta de clarificação para que se chegue ao sujeito transcendental ou subjetividade transcendental, base do ser enquanto sujeito da vida consciencial, pré-reflexivo e alcançável por meio de uma experiência transcendental (HUSSERL, 1927/1992).

As vivências do mundo fático se convertem em vivências transcendentais quando é possível colocar entre parênteses eu mesmo enquanto ser humano e o mundo, os considerando apenas como fenômenos e me concentro na vida intencional do agora, configurando assim a apercepção total do mundo, em particular apercepção de mim mesmo e de minhas vivências, onde está o fundamento da percepção psicológica do real. A reflexão da consciência nos remete à transcendentalidade e à pureza das essências intuídas em novas experiências de cunho eidético, de caráter interno (íntimo) e transcendentais.

*Mi yo transcendental es por ende evidentemente “diferente” del yo natural, pero de ninguna manera como un segundo yo, como un yo separado de él en el sentido natural. Es precisamente el campo (concebido en concreción plena) de la experiencia transcendental de sí mismo, que en todo momento puede convertirse, mediante una mera modificación de la actitud, en experiencia psicológica de sí mismo (HUSSERL, 1927/1992, p. 9).*

O tema de pleno interesse da Psicologia Fenomenológica é propriamente a intersubjetividade pura, direcionada tanto para o transcendente, onde extrai o sentido de ser, como para o transcendental, que é doador de sentido. Esta característica é denominada pelo professor Edmund Husserl de dupla significação da subjetividade consciente. Embora a Fenomenologia Transcendental seja independente de qualquer Psicologia, a Psicologia Fenomenológica pura pode sistematizar a realização de tal Filosofia Fenomenológica, alcançando assim os materiais e conteúdos transcendentais. A vida do sujeito transcendental não é compreendida de modo tão fácil porque a intuição transcendental doa o sentido de qualquer atitude transcendental, que é uma mudança de toda a vida inteira até o momento transcendental, afetando toda a percepção das experiências anteriores, atuando como uma linha de demarcação de uma nova vida, que se inicia no momento posterior a uma experiência transcendental (HUSSERL, 1927/1992).

Evidentemente que não há facilidade para o acesso à compreensão da mudança terapêutica ou transcendental do sujeito, mas a Psicologia Fenomenológica, enquanto método inovador de análise intencional pode auxiliar nesta tarefa devido sua acessibilidade ao campo das essências, possibilita também a compreensão do mundo físico e dos conteúdos naturais, como determinados por um núcleo eidético. A Fenomenologia é a ciência de todos os fenômenos concebíveis, assim como também de todos os entes e a comunidade de seres humanos, que se constituem eideticamente na consciência intencional absoluta, gênese da subjetividade transcendental. Uma Fenomenologia desenvolvida não possui dogmas, mas é antes uma ontologia universal da aparição de objetos, do que se apresenta aí no mundo-da-vida na percepção.

A Fenomenologia devolve à Filosofia seu próprio conceito primitivo de ciência universal, investigando as fontes absolutas da experiência transcendental ou de alguma intuição, é reconhecida como função do autoexame universal da humanidade [transcendental], prestando serviços para o esclarecimento da práxis racional universal, “*esto es, al servicio de la aspiración que dicho descubrimiento pone en libertad: la aspiración a la idea universal, que yace en lo infinito, de la perfección absoluta o, (...), la aspiración a la idea de una humanidad que sea y viva de hecho y cabalmente en verdad y en genuinidad*” (HUSSERL, 1927/1992, p. 11).

Reis, Holanda e Goto (2016) elucidam alguns pontos do projeto da Psicologia Fenomenológica presentes no artigo husserliano para a Enciclopédia Britânica de 1927, demarcando a Psicologia *a priori* pura como fundamentação da metodologia de uma ciência psicológica empírica rigorosa. Cinco temas se mostram de maior importância para Husserl ao discutir tal projeto, são eles: aparição dos fenômenos à consciência, intencionalidade, as fases da *epoché* (redução fenomenológica e redução eidética) e a problemática transcendental da consciência. A Psicologia eidética ou fenomenológica tem como uma de suas funções, proporcionar uma base filosófica para a Psicologia empírica, já a fundamentação da Filosofia fica por conta da Fenomenologia enquanto ciência de rigor e originária apriorística em relação à Psicologia e às demais ciências.

O que há de novo em 1927 é o modo com que Husserl concebeu a redução psicológica, passando a distinguir explicitamente entre uma redução psicológico-fenomenológica e uma redução fenomenológico-transcendental, e nesse período houve a compreensão e superação final e definitiva do psicologismo transcendental (REIS, HOLANDA e GOTO, 2016, p. 631).

A Psicologia tendo como lugar epistemológico as ciências do espírito ou as humanidades considera a natureza espiritual dos fenômenos psíquicos, desta maneira os princípios da Psicologia Empírica podem ser fundamentados *a priori* na Psicologia Eidética Fenomenológica, tornando assim o objeto [mundo natural] símbolo da *hylé* em determinado noema. A Psicologia Empírica [ciência natural da consciência] se caracteriza como uma ponte entre o caráter essencialmente físico do mundo-da-vida e a consciência que a ele está direcionada. É importante distinguir, portanto a Psicologia que trata das ciências naturais, constituída por uma consciência empírica investigada conforme critério experimental-naturalista e a Psicologia Eidética que lhe é apriorística, necessária para a consolidação de uma Psicologia Empírica exata. A objeção do professor não está dirigida a todo e qualquer empirismo psicológico, mas àquele “que segue produzindo informações com base em

conceitos psicológicos que carecem de uma rigorosa análise prévia: a análise intencional da consciência pura” (STRUCHINER, 2003, p. 149).

Cabe à Fenomenologia oferecer conceitos puros do psíquico para que a Psicologia possa se inclinar no estudo de temas fenomenológicos por meio da análise intencional da consciência pura, entendendo que os fenômenos psíquicos apresentam características próprias e específicas, distintas dos fatos que determinam o ambiente natural, sua essência transcende a natureza.

Uma coisa parece já ter ficado clara no que se refere à forma como Husserl pensava a relação entre psicologia e fenomenologia: somente o “ver puro das essências”, efetuado pela fenomenologia, pode dar sentido e um entendimento mais profundos aos fatos que resultam dos experimentos da psicologia empírica (STRUCHINER, 2003, p. 150).

A possibilidade de uma Psicologia Fenomenológica torna possível solucionar a problemática da cientificidade na Psicologia, que diz respeito à construção do conhecimento biofisiológico próprio da ciência natural como causa primeira dos fenômenos psíquicos. A Psicologia Fenomenológica tem enquanto princípio epistemológico o conhecimento das essências, considerando os fenômenos da subjetividade de uma natureza transcendental ou espiritual, no sentido de que vai além da empiria e é a esta *a priori*. Sendo a Psicologia pura uma intermediária entre a Fenomenologia e a Psicologia, reforça a postura fenomenológica enquanto ciência rigorosa na prática psicológica de bases eidético-transcendentais. O método fenomenológico, a intencionalidade e a intersubjetividade são conceitos chave que fundamentam o estudo da psique humana em vias husserianas (CASTAÑON; CORMANICH, 2018).

É necessária uma aproximação dos estudos de Edmund Husserl (1927/1992) devido aos escassos trabalhos sobre uma prática psicológica baseada na Psicologia Fenomenológica, que fora ensaiada pelo pai da Fenomenologia. Estudar a raiz desse tema é mergulhar na fonte essencial do conhecimento psicológico, que melhor alcança o rigor filosófico numa ciência empírica, tal fonte é a Psicologia eidética, que tem por tarefa conhecer a estrutura dos atos psíquicos e sua manifestação. A análise reflexiva do fluxo da consciência se dá por meio da valorização das descrições sobre o vivido e o desvelar do sentido na consciência que se dirige à “coisa mesma”. Conforme o mecanismo da visada intencional, o foco se desloca do empírico nas experiências vividas do sujeito, sendo a atenção reconduzida para o fundamento do fenômeno, sua essência.

A psicologia fenomenológica apresentada por Husserl é uma disciplina recente paralela à fenomenologia, pois utiliza o método da redução psicológica até o nível eidético e aborda em sua matriz de conteúdo temas empíricos, a fim de alcançar as essências por meio do desvelamento ou “puro ver”. Já a fenomenologia tem como finalidade metodológica chegar ao sujeito transcendental por meio de uma atitude transcendental (STRUCHINER, 2003). A Psicologia Fenomenológica é uma ponte entre os dois extremos da escala de reduções, une o empírico ao eidético, mais precisamente, põe a *hylé* em relação com a noese [significado], que é extensão da *morphé*. É por isso considerada um degrau de iniciação para compreender a filosofia fenomenológica (STRUCHINER, 2003).

Husserl propõe a efetivação de uma pesquisa psicológica pura como tarefa principal da psicologia genética ou originária, com o intuito de investigar os conceitos básicos do psiquismo em suas essências e especificidades [existência], para que posteriormente possam ser incorporados tais conceitos eidéticos ao universo psicofísico da psicologia empírica. Apenas munida destes conceitos reduzidos fenomenologicamente, torna-se válida e científica uma psicologia empírica de rigor. (HUSSERL, 1901/1986). Tais conceitos puros do psiquismo são àqueles derivados da experiência pura do psíquico, logo deve este ser o tema principal de uma psicologia pura.

A experiência imediata nos revela o nosso próprio ser psíquico: pela reflexão, devemos focar nossa consciência sobre as experiências subjetivas nas quais nos tornamos conscientes das coisas. Fenômenos psíquicos são essas experiências subjetivas (o perceber, o julgar, o desejar, o perdoar, o lembrar, o imaginar etc.), nas quais as coisas aparecem e sua característica mais geral é a intencionalidade, isto é, a relação entre o aparecer e aquilo que aparece, entre a consciência e a coisa da qual se é consciente. À psicologia fenomenológica cabe estudar esse campo de fenômenos psíquicos, em sua característica mais essencial: a intencionalidade (STRUCHINER, 2003, p. 152).

Os fenômenos intencionam o objeto cada um a seu modo, eles tem uma estrutura intencional própria que os distinguem. Para Husserl (1901/1986) é necessário investigar sistematicamente as intencionalidades elementares, para que sejam manifestas as formas de operação dos processos intencionais, pois conhecendo a estrutura do processo, se pode avançar para uma descrição da totalidade dos processos mentais, assim é possível desfrutar de um conhecimento direcionado para um modelo geral de vida psíquica.

O campo do psiquismo puro põe fora de circuito tudo o que é psicofísico e se manifesta na experiência fenomenológica por meio do método da redução fenomenológica. Há dois tipos de redução fenomenológica: o primeiro é o da redução fenomenológico-psicológica, que é próprio da psicologia fenomenológica; e o segundo, diz respeito à redução

fenomenológica-transcendental, que possibilita o acesso à consciência transcendental e é próprio da fenomenologia pura. A transição da atitude natural para a postura fenomenológica possibilita que o psicólogo perceba fidedignamente os fenômenos puros ao suspender tudo o que é extrapsíquico (STRUCHINER, 2003).

O psicólogo, enquanto investigador das vivências concretas de seres empíricos, tem como objetivo buscar alcançar o significado de tais vivências, como experienciadas pela pessoa. Para tanto, deve desenvolver meios e técnicas não apenas para ajudar a pessoa a se expressar, mas também para que ele mesmo (psicólogo) possa escutar com o maior rigor possível (STRUCHINER, 2003, p. 155).

O principal na consolidação da Psicologia Fenomenológica enquanto disciplina eidética é a possibilidade de fundamentação da ciência psicológica. O psíquico enquanto correlato das objetividades reais ou ideais são múltiplos modos de ser, que se evidenciam em unidades de sentido na pura imanência da vida psíquica. A partir do método fenomenológico surge uma Psicologia descritiva dos atos psíquicos que pretende também clarificar suas essências em termos de constituições e origem, possibilitando o alcance do substrato da essência da vida psíquica, tal método pretende purificar os conteúdos vivenciados pelo sujeito no mundo concreto [consciência na continuidade da Natureza] para ter acesso à consciência “pura” e assim prosseguir com uma análise fenomenológica (CASTAÑON; CORMANICH, 2018).

Uma Psicologia científica deve partir necessariamente de uma ciência eidética que a preceda, levando em conta os aspectos intencionais dos atos psíquicos. A Psicologia Eidética trata do que é transcendental na vida psíquica, compreendendo as essências a partir do entendimento do fenômeno psíquico que aparece em “carne e osso”. A compreensão da dimensão universal da vida psíquica é a meta da Psicologia Eidética, possibilitando estar com o outro intersubjetivamente; e sua validação está na possibilidade da compreensão de uma unidade intrínseca a todas as consciências, tal Psicologia de caráter subjetivo não deve abrir mão de sua característica elementar por nenhum conceito advindo da objetividade, por conhecer justamente apenas a subjetividade. O campo da intersubjetividade anexa o aspecto transcendental às essências das coisas na consciência pura, portanto, uma Psicologia pura deve abarcar o entrelaçamento intencional dos sujeitos e sua vida transcendental (HUSSERL, 1962/1977).

Segundo Husserl (1962/1977), a Psicologia Fenomenológica para assim ser considerada enquanto tal necessita operar por meio das seguintes características básicas: Aprioridade, eidética, intuição ou descrição pura e intencionalidade. A proposta de Psicologia

Científica husserliana está alicerçada nestas características que se relacionam com os fundamentos da Psicologia Fenomenológica. Além de não conseguir estabelecer uma metodologia própria, a Psicologia positivista sequer dá conta de caracterizar o objeto de estudo, para que seja garantido o acesso e a compreensão do mesmo; por fim, não faz parte da lógica pura, pois o psicologismo é fundado na ciência natural, âmbito da existência. Por não priorizar o estudo das essências, o psicologismo não transcende às ciências do espírito e trata a consciência e seus funcionamentos sob a égide das leis da natureza.

Husserl assume que, embora os fenômenos mentais não possuam uma existência no plano da realidade (tais como os objetos das ciências naturais), a possibilidade do conhecimento dos fenômenos mentais se baseia na mesma fundamentação epistemológica das ciências apriorísticas que fundamentam as ciências do espírito e as ciências naturais (CASTAÑON; CORMANICH, 2018, p. 155).

Portanto, a Psicologia Científica possuir caráter eidético, e estar sob os auspícios da ciência do espírito, para que seja garantida a interdisciplinaridade a partir de sua evidenciação. Tratar das essências dos fenômenos psíquicos é redescobrir o caráter eidético dos mesmos, estando nos objetos ideais com uma lógica intrínseca, que guiará seu estudo e a compreensão do mesmo. Todos os atos psíquicos estão dirigidos para algum objeto presente no mundo físico, assim versa o princípio brentiano da intencionalidade ao tratar das emoções, pensamentos, lembranças, relacionando-os com as experiências concretas do sujeito e sendo destas, consequência. Edmund Husserl aperfeiçoa o conceito da intencionalidade ao unificar os dois aspectos da experiência por meio da Psicologia Eidética, responsável por descrever e explicitar os nexos intrínsecos da subjetividade (CASTAÑON; CORMANICH, 2018).

A experiência pura é o objeto de estudo da Psicologia Fenomenológica, a nova tipologia diz respeito à “nova psicologia” que se pretende alcançar, estudando seu “novo objeto” por meio de evidenciações da intuição originária da experiência. Fundamentar uma ciência psicológica e a própria teoria do conhecimento é também uma das tarefas da Psicologia Fenomenológica, redescobindo a intuição enquanto ferramenta essencial no desvelar constitutivo da psique, de caráter apriorístico com relação ao entendimento da vida psíquica. A intuição não é mera subjetividade, se trata da possibilidade de verificação da verdade, manifesta-se de maneira apodítica, sem pressupostos, existe por si mesmo e a partir de suas essências (CASTAÑON; CORMANICH, 2018).

A doação de sentido é de caráter pré-reflexivo e advinda da intuição pura da experiência. O sentido reduzido pelo método fenomenológico é a própria essência da coisa em si e o que possibilita sua conscientização e retenção enquanto marca definitiva da própria

experiência de ser. A experiência original, que é a mesma experiência pura, está relacionada à noção de intuição, a qual se manifesta nas experiências vividas, ou melhor, no modo como as percebemos vivenciando-as. Segundo Husserl (1962/1977 apud CASTAÑON; CORMANICH, 2018), a vida da consciência é o sinônimo de vida psíquica e consciência é sempre consciência de algo ou de alguma coisa. Há uma consciência essencial que está baseada na visão interior e que é *a priori* a qualquer consciência objetiva de eu ou personalidade.

Sendo a experiência pura evidência dos fenômenos psíquicos, se apresenta em sua essência isenta de ruídos naturalistas, a transcendentalidade da experiência não é apenas um reflexo mental do objeto, mas dá-se como fenômeno na consciência direcionada ao mundo e que o experiencia. Tornado possível uma análise intuitiva das essências, surge também, a possibilidade de uma Psicologia intuitiva de base fenomenológica. Dissertando sobre as características dos nexos internos da vida psíquica, Castañon e Cormanich (2018) elencam a unicidade como um importante conceito para o entendimento do tema. Não se pode dividir o todo das partes, pois o psíquico não deve ser estudado à parte da consciência genética, uma vez que isso acarretaria na perda do caráter teleológico da vivência. “Assim como há nexos psíquicos entre as diversas experiências psíquicas, separá-las, sem levar em conta a unicidade que os formam, seria descaracterizá-las daquilo que confere sua própria essência” (CASTAÑON; CORMANICH, 2018, p. 161).

Se a Fenomenologia possibilita uma Psicologia Fenomenológica, é esta última que tem o papel de estruturar a Psicologia enquanto ciência. O surgimento desta nova disciplina psicológica reivindica a refundação da Filosofia ao fornecer bases para que o método fenomenológico possa operar nas ciências do espírito, assim como o método natural fundamenta os conceitos de uma Psicologia científica empírica. A característica fundamental da psique é a intencionalidade e por meio dela se compreende as experiências subjetivas correspondentes, as quais vêm à consciência para que se tornem conscientes, pois todo aparecer é aparecer de algo em relação a alguma coisa. Aquilo que se pode intuir espontaneamente e de forma livre são as “coisas mesmas”, condição para descrever o fenômeno manifesto buscando o sentido do ato intencional, uma vez que não vivemos separados do objeto, nesta aparição está contida a vivência integral do fenômeno (REIS, HOLANDA e GOTO, 2016).

A toda experiência singular e concreta, isto é, a todo “fenômeno” ou dado patente à consciência, correspondem, assim, essências (*eidos*), mediante as quais as experiências, dados ou fenômenos se situam e ordenam numa “região”, que

representa a suprema unidade genérica relativa a essas experiências, fenômenos ou dados (CARVALHO, 1965).

Em resumo, para que se possa efetuar a construção sistemática de uma Psicologia fenomenologicamente pura é imprescindível descrever as peculiaridades universais, que pertencem à essência processual da psique intencional, o “eu” direcionado para o mundo-da-vida assume características temáticas de crenças, hábitos, saberes adquiridos e de algumas qualidades do caráter. A Fenomenologia não pretendendo conceber uma nova abordagem psicológica, se apresenta como pressuposto epistemológico da Filosofia, assim como da Psicologia. Estando o eu transcendental totalmente vinculado ao objeto, todos os atos são manifestos pela intencionalidade, daí a denominação atos intencionais. A redução fenomenológica é o método de acesso intuitivo ao sujeito transcendental, pois toda subjetividade imanente tem um processo subjetivo de fundação ou processo de subjetivação (REIS; HOLANDA; GOTO, 2016).

A experiência interior do sujeito se dirige para algo e não está voltada para ela mesma, tal é o caráter intencional da consciência que evidencia também a imediatez da experiência subjetiva. Vivenciamos o mundo entre aquilo que é conhecido imediatamente e a tomada de consciência de quem o conhece, que também se dá de maneira instantânea. A intencionalidade possibilita a *epoché*, para que assim possa dar cabo de uma descrição intencional da consciência fomentada em uma compreensão e distinção entre atos da consciência e o ato de vivenciar o objeto, que é próprio da percepção. Unindo a natureza da psique à possibilidade de conhecimento do mundo, de si mesmo e de qualquer ciência possível, a intencionalidade revela a dependência mútua entre a natureza do fenômeno psíquico e o objeto vivenciado (CASTAÑON; CORMANICH, 2018).

A síntese intencional é um mecanismo próprio da consciência, que confere unidade ao significado das experiências, o qual está direcionado para as “coisas mesmas”. Já o estado intencional é o que na filosofia moderna consideram como *cogito*, estudado na Fenomenologia propriamente pela descrição científica da consciência, através do método. “A análise da vida psíquica consiste, pois, antes de tudo, na capacidade do psicólogo em colocar em evidência essa mútua relação entre a experiência e sua significação, em outras palavras, sua imanência e sua transcendentalidade” (CASTAÑON; CORMANICH, 2018, p. 158).

O nível transcendental é o nível da consciência pura que reduz completamente o mundo empírico em busca do fundamento absoluto da consciência, é condição de possibilidade transcendental. Por meio da Psicologia Fenomenológica se é capaz de descobrir, em virtude do método filosófico, a própria essência do sujeito consciente e seu universo

essencial, o nexa vivencial eidético. Segundo Husserl (1907/2000), todo transcendente tem o sentido determinado ou doado por uma unidade intencional de sentido, que é transcendental ao sentido relativo e incompleto do transcendente. A Psicologia Fenomenológica atual, enquanto análise intencional no sentido pleno tem como temática de seus estudos o sujeito de habitualidades e sua comunidade intersubjetiva. Apenas através da Psicologia se pode reduzir a subjetividade especificamente, aplicando o método para transformar a atitude do sujeito perante o mundo-da-vida, buscando sempre uma postura eidética própria das ciências do espírito, onde não se naturaliza os fenômenos, mas se está em face do momento espontâneo em que eles aparecem (REIS; HOLANDA; GOTO, 2016).

No processo de objetivação está contido o processo de subjetivação. Ao fundamentar esse processo, chega ao centro sintetizador, o “Ego”, interessado em ir além, à esfera do ego transcendental. Pois, de acordo com o autor, somente quando se alcança a transcendentalidade é que a fenomenologia pode ser considerada como filosofia primeira. Parte, então, para o estudo da redução fenomenológico-transcendental, com a intenção de descrever a consciência pura. Portanto, a psicologia pura implica uma conversão dos vividos orientados a objetos, tornando os próprios vividos em objetos investigados (HUSSERL, 1927 apud REIS; HOLANDA; GOTO, 2016, p. 639).

A subjetividade pura é validada por uma *epoché* do mundo e das relações nele existente, cabe à Filosofia Transcendental aprimorar o método para alcançar a amplitude e complexidade do ser enquanto consciência dirigida para o fluxo do vivido, por meio de atos intencionais constituintes das relações intersubjetivas, onde geralmente se tornam verificáveis os fenômenos psíquicos. Subjetividade é vida pessoal e em última instância, é um viver em comunidade, se percebendo como eu e outras vezes como nós dentro de um horizonte comunitário familiar, nacional ou planetário. O conceito de vida nas ciências do espírito diz respeito à atividade que objetiva criar formas espirituais: cocriando a cultura, em seu sentido pleno de amplitude no fluxo de vivido unitário.

A psique da humanidade ou o “humanamente psíquico” está em constante modificação e nunca encontrará uma forma acabada de si. O ponto espiritual da humanidade está compreendido na particularidade dos povos, em suas singularidades e nos seres que lhe constituem e que modificam constantemente as ideias *in infinitum*, a manifestação prática deste ponto nodal ou espiritual é a prática da vontade [*Willensziel*]. A expressão de um pré-sentimento vivo serve-nos de guia intencional [*intentionale Leitung*] e como ferramenta de discernimento das relações verdadeiramente significativas, a característica essencial do pré-sentimento é detectar afetividades, ou de ser um detector [*Wegweiser*] afetivo (HUSSERL, 1936/2002).

As ideias mudam o homem no tempo e assim as singularidades dão significados às formas que abrigam em si infinitudes intencionais, já as coisas reais ou espaciais, não são capazes de mudar o ser humano. Pelo simples fatos de conceber ideias, pensar, o ser humano continua se renovando no fluxo de vivido próprio de sua finitude, se orientando para o polo do infinito. No mundo circundante, os conteúdos dos atos ou produções culturais que são contemplados pela ciência, reduzidos pelo método fenomenológico, passam a ser de um modo distinto (eidético) e a ter uma temporalidade diferente, pois não são consumidos pelo tempo nem perecem nele.

Nesta nova atitude, se reconhece a necessidade de uma purificação do conhecimento, designando um interesse puramente teórico. A partir daí, se dispõe antecipadamente de como se voluntariar em um futuro breve e de como percorrer o horizonte do campo de serviço, conscientemente. Dois princípios regem as bases da atitude filosófica rigorosa: a universalidade da postura crítica, que reduz toda tradição universal pré-dada idealmente ou empiricamente, e a tendência a incorporar comunidade científica e/ou de estudiosos na comunidade dos que filosofam, mesmo que não sejam filósofos. Pela possibilidade fenomenológica, a Psicologia pode aderir ao método de análise da consciência intencional para problematizar questões profundas do campo das essências, a religião, por exemplo, e a evidência da fé, como um modo singular de fundamentar um ser verdadeiro (HUSSERL, 1936/2002).

Husserl (1936/2002) não pretende invalidar o que foi estudado até então pela Psicologia moderna [empírica ou racionalista], pois esta ofereceu para a humanidade numerosas regras empíricas com valor prático. O filósofo elenca de fundamental para o entendimento da Fenomenologia, assim como de uma Psicologia Fenomenológica, a natureza apodítica como verdadeira obra do espírito, que lhe é *a priori*, explora o domínio do natural e lhe fornece os pressupostos. Já que o espírito é imune à objetivação, não se pode tratá-lo com uma epistemologia científica natural, pois a “alma” e as comunidades pessoais são fundamentadas pelo conhecimento eidético, que vai além do empirismo e deve a este servir de base. O espírito dá forma à subjetividade transcendental, que está num nível dimensional paralelo às intuições sensíveis da estética transcendental [espaço e tempo]. Ele se situa no campo do *eidos*, caractere de acessos restrito às transcendências, portanto neste campo científico, o pesquisador escapa à qualquer objeção que venha a encobrir o puro dar-se das coisas, por meio da percepção ele constitui seu saber a partir das vivências intencionais.

O espírito não é espírito na natureza ou a seu lado, mas a própria natureza entra na esfera do espírito. O eu então já não mais é uma coisa isolada ao lado de outras

coisas similares dentro de um mundo dado de antemão; a exterioridade e a justaposição dos eus pessoais cede lugar a uma relação íntima entre os seres que são um *no* outro e um *para* o outro (HUSSERL, 1936/2002, p. 63).

É certo que a Fenomenologia Transcendental foi o projeto a que Husserl mais se dedicou e está em primeiro plano no debate fenomenológico, mas a Psicologia Fenomenológica foi apresentada como uma ferramenta necessária de acesso às essências dos fenômenos psíquicos. Assim ocorreu na legitimação da nova disciplina psicológica eidética, a qual, dentro de certos parâmetros, visa combater também o psicologismo transcendental, herança da filosofia idealista anterior a Husserl. A Psicologia descritiva desenvolvida pelo filósofo, na obra *Investigações Lógicas* (1900) propõe uma análise detalhada das vivências intencionais, para a comentadora, ele abandona em certa altura o termo “Psicologia” para designar a descrição pura apenas pelo nome de Fenomenologia. Partindo então do estudo de “como” se dá a apreensão dos fenômenos na consciência, buscou uma visão interior capaz de desvelar vivências e acessar seus dados puros na interioridade do sujeito, emergindo assim um novo e rigoroso método de abordar a psique. A Psicologia *a priori* se realiza com uma Psicologia eidética, que dê conta das estruturas essenciais das vivências intencionais, incluindo as vivências cognitivas (PERES, 2014).

Com o intuito de preencher o hiato entre Fenomenologia e Psicologia, Husserl (1936/2012) sente a necessidade de retomar a noção de Psicologia eidética para explicitar as leis essenciais da consciência de forma apriorística, partindo de uma ontologia da alma pelo esclarecimento dos atos intencionais, seguida de uma investigação dos fatos psíquicos, que são objetos de estudo da Psicologia empírica. O sujeito transcendental constitui o sujeito psicológico e assim, a consciência apercebida se incorpora ao nível de um corpo próprio subjetivo [*Leib*], percebido na experiência que se tem dele em particular e também ao nível do corpo objetivo [*Körper*]. Sendo a consciência condição para o aparecimento de qualquer objeto possível, ela está direcionada para os três vínculos totais do ser humano: o mundo material, o mundo vivo [animal] e o mundo histórico [sociocultural]. A motivação possibilita a atenção dirigida, “lei fundamental da vida intencional”, Husserl elenca esta última como conceito-chave para a compreensão do nexos vivencial do homem com seu meio cultural, sendo assim, a Fenomenologia tem como tarefa fornecer o fundamento para a Psicologia pura e para as demais ciências do espírito (PERES, 2014).

A característica base da nova disciplina psicológica é a intencionalidade, possui caráter intuitivo e se mostra puramente descritiva, apesar de atrelada à atitude natural, a possível Psicologia Fenomenológica é apriorística em relação a qualquer dado empírico,

investiga nas essências a origem dos fenômenos psíquicos e serve de via à Filosofia transcendental, tomando a natureza possível como ponto de partida para ascender à Fenomenologia. A Psicologia pura exige uma relação entre sujeito mundano e sujeito transcendental por meio do nexos vivencial, a intersubjetividade. O paradoxo da Psicologia eidética é ser eminentemente subjetiva e assim mesmo ter que se relacionar com a Psicologia positivista, a partir de uma atitude autônoma enquanto ciência do espírito, auxiliando na obtenção de conhecimentos essenciais da psique [*Seele*] ou alma. Apenas excluindo ingênuas concepções de realidade é possível alcançar a relação intersubjetiva e entre sujeito-objeto, campo de investigação da Filosofia transcendental, a qual apoiada na prática da Psicologia Fenomenológica pode ampliar o raio da atitude transcendental, com a finalidade de analisar por si mesmo a estrutura essencial das próprias vivências (PERES, 2014).

A ingenuidade. O mundo pré-dado [*vorgegeben*], a verdade e a falsidade relativas a homens racionais e normais no tocante a sua sensibilidade. Nós, homens, como sendo no mundo – isto me diz a tomada de consciência [*Besinnung*], na qual eu o afirmo e os outros concordam comigo, digo eu, compreendo-os como tendo consciência de si [*sich besinnend*] e me entendendo com eles. A finalidade de uma verdade incondicionada, não relativa – o mundo que é em si como finalidade do conhecimento humano – o conhecimento dos maduros, dos racionais – daqueles que têm uma visão geral das possibilidades universais do conhecimento sempre relativo aos racionais, os quais se colocam como sujeitos racionais em todas as situações possíveis e de lá refletem sobre as possibilidades de verdade (HUSSERL, 1934/2009, p. 661).

A subjetividade pressupõe o homem racional, tal é o campo de estudos da Psicologia considerando o ser humano enquanto pessoa que imagina e também que raciocina, deve buscar neste ínterim garantir a verdade da experiência transcendental, direito de possibilidade para fundamentação do estudo psicológico como ciência racional autêntica. A atualidade da Psicologia Fenomenológica nesta época se deve a necessidades originais de nível espiritual, aquilo que se mantém válido cientificamente para que se possa aprender de modo pensado [filosófico], entendendo, averiguando e aperfeiçoando a ciência psicológica a partir de sua base materna, a Filosofia. Satisfazendo assim a necessidade de verificação evidente e rigorosa, que sonda o sentido original, se modifica na constituição da unidade de sentido por meio dos atos intencionais, que transformados em fatos reais, encontram seu sentido final (HUSSERL, 1934/2009).

O caráter universal da Fenomenologia diz respeito ao nexos perceptivo elucidado entre sujeito e mundo, no qual estes não se distinguem, mas remontam ao universo de apreensão da subjetividade transcendental na comunidade humana. A razão filosófica representa um novo estágio da existência enquanto ser humano e possibilita o desenvolvimento de normas ideais

para serem utilizadas em tarefas infinitas, assim reza a premissa da universalidade absoluta. A Filosofia autêntica é o que busca Husserl em seus últimos estudos, aquela livre de pressupostos, apriorística e que demonstre uma racionalidade genuína condizente com o “humano da humanidade superior”, superando assim aberrações racionalistas da época do iluminismo que tanto enxertaram ingenuidade na Filosofia, embora o autor considere o racionalismo uma aberração compreensível, visão que influenciou bastante a metafísica e todas as ciências dela derivada. A Psicologia pura, assim como a Filosofia Transcendental, deve tratar da totalidade dos infinitos horizontes, nada pode ser absolutizado sem o crivo do método fenomenológico, assim como nada poderá se efetivar enquanto verdade sem um conhecimento apodítico que lhe dê bases apriorísticas (HUSSERL, 1936/2002).

É a constante atividade reflexiva [*ständige Reflexivität*] que garante a universalidade do conhecimento, o homem vivendo na natureza age intencionalmente sobre o mundo e vem a conhecê-lo por meio dos sentidos, sua consciência intencional direcionada para as intuições sensíveis [espaço e tempo] põe atenção ao que lhe é próximo, o sujeito entra então em contato com o mundo e com os outros, tendo também a possibilidade de contatar a si mesmo, dar-se conta de si. Tudo que é dado no espaço e no tempo tem em sua base a forma de existência corporal, sendo o corpo então codificado enquanto um conjunto de símbolos para apreensão de transcendências. A essência espaço-temporal é um todo homogêneo e está para nós como *res extensae* através da totalidade de objetos dados no mundo, percebendo as essências pode-se determinar o significado e o sentido da disposição das coisas, enfim, a natureza é infinita, assim como o tempo e o espaço (HUSSERL, 1936/2002).

Devido à importância que fora dada à psicofísica no passado, o conhecimento natural acerca da consciência material progrediu vertiginosamente, agora, é importante e necessária fundamentar as ciências com uma Filosofia de rigor que alcance também os estudos empíricos. Tal tarefa deve ser levada a cabo pela Psicologia Fenomenológica a partir do estudo da consciência eidética, introduzindo nas ciências do espírito conceitos que possam servir de base apriorística para o estudo da subjetividade em seus diversos níveis interpessoais.

Esta disciplina psicológica não deve se ater às explicações, mas ao entendimento dos fenômenos em sua aparição, também não deve cultivar em suas investigações análises introspectivas, pois a partir da interdisciplinaridade é possível alcançar um caminho exterior para a psique, uma vez que está direcionada para os outros e para os objetos por meio da intencionalidade. O espírito, não vivendo numa realidade natural, não configura assim um anexo real da corporeidade e tampouco se faz determinado pelas dimensões espaço-temporal,

a subjetividade que dele emana jamais poderá ser objetivada, embora se manifeste no mundo objetivante como identidade, que é a representação objetivada da alteridade latente (HUSSERL, 1936/2002).

É verdade que, desde Kant, possuímos uma teoria do conhecimento própria e, de outro lado, existe uma psicologia que quer ser, com suas pretensões a uma exatidão científico-natural, a ciência geral e fundamental do espírito. Mas nossa esperança numa racionalidade genuína, isto é, de um conhecimento genuíno, aqui e em toda parte é decepcionada. Os psicólogos sequer percebem que, em suas colocações, como homens criadores de ciência, não têm acesso a si mesmos e a seu mundo circundante. Não percebem que, de antemão, se pressupõem a si mesmos necessariamente como seres humanos vivendo em comunidade de seu mundo circundante e de sua época histórica, e que querem alcançar a verdade em si, válida para todos. Por causa de seu objetivismo, a psicologia não consegue incluir em seu tema de reflexão a alma, ou seja, o eu, que age e sofre, em seu sentido mais próprio e essencial (HUSSERL, 1936/2002, p. 61).

Por conta da postura ingênua adotada pela ciência psicológica em seu início, no século XIX, Husserl teceu críticas rigorosas denominando de “psicologismo” esta forma pretensamente científica de trabalhar com o conhecimento natural aplicando-o à consciência. Buscando construir e objetivar medidas que pudessem tratar dos processos volitivos e valorativos da própria vivência em si, os psicologistas não lograram êxito em tratar dos fenômenos psíquicos à luz da razão, aderindo assim ao conhecimento empírico como atestado de verificação da verdade. O conhecimento objetivista pressupõe normas e não pode alcançar a significação real e/ou ideal dos fatos, porque já lhes atribui sentido antes que o fenômeno se desvele em sua pureza manifesta. Uma vez que não se pode isolar a psique num controle laboratorial, o psicologismo não alcança as essências psíquicas através do método natural, pois estas pertencem a outro campo de estudo, o qual exige um novo método, o das ciências do espírito.

## CAPÍTULO 4 - PSICOLOGIA CLÍNICA DE ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA

Entendendo o método fenomenológico como possibilidade de alcançar a compreensão dos fenômenos vividos e apreender o conteúdo essencial da “coisa mesma”, se expõe aqui a Fenomenologia enquanto base para uma clínica psicológica partindo da escuta atenta livre de *a priori*, de onde emana a compreensão direta e imediata do que é vivenciado pelo sujeito. A fundamentação teórica de uma Psicologia clínica de orientação fenomenológica é necessariamente desenvolvida pela pesquisa científica e se perpetua por meio de constatações clínicas, auxiliando assim nas reflexões, análises e também na qualidade das intervenções considerando a legislação sobre o serviço do psicólogo no Brasil e a ética da profissão.

A característica transcendental da Fenomenologia, sua essencialidade, decorre por seu objeto de estudo não se circunscrever ao fato propriamente dito, indo além do evento, além daquilo que se manifesta como fenômeno. É justamente na análise dos fenômenos vividos pelo sujeito que deve implicar a práxis psicológica, uma vez que o foco do estudo fenomenológico está no movimento da consciência, de caráter pré-científico, não se investigando por vias pressupostas pela ciência natural, pois estas não possuem arcabouço epistêmico para a compreensão das essências psíquicas, não sendo possível assim, tratar da pureza do assunto, a consciência e seus atos intencionais de caráter perceptivo, volitivo, imaginativo, etc., os quais revelam tal movimento consciencial (BORBA; OLIVEIRA, 2019).

A experiência compartilhada por cliente e psicólogo se inicia na entrevista em que firmam o contrato terapêutico, em decorrência da suspensão dos pressupostos e da representação social do eu, ambos se tornam aptos a acessar o conhecimento comum entre eles e, por meio da relação empática, experienciam o objeto intersubjetivamente com o foco nos fenômenos vividos pessoalmente pelo cliente. Se abstendo de saberes anteriores, o psicólogo entrevistador está inteiramente direcionado para a expressão do sentido que é vivenciado pelo entrevistado. Saindo da orientação natural por meio da *epoché*, ele adentra no horizonte intencional do sujeito, apreendendo de maneira mais próxima seus valores, afetos e sentidos vividos no mundo-da-vida (BARREIRA, 2018).

A entrevista é, portanto, um momento coadjuvante do processo de análise intencional, o psicólogo não deve se atentar em demasia para conteúdos verborrágicos advindos da opinião do cliente, pensamentos ou sentimentos, mas se direcionar para a experiência vivenciada, pois a tarefa principal da escuta suspensiva é analisar a vivência até seu limite constitutivo, sem desperdícios do tempo disponível para a sessão. Já o ato de empatizar, diz respeito a entrar em contato com a experiência alheia por meio da atitude fenomenológica,

que permite acessar a personalidade do outro assim como ela se dá na experiência vivida durante o relato (BARREIRA, 2018).

Ele se inclina atentamente sobre a fala do outro para que possa soar mais próxima e vívida, passível de apreensão. “A emergência de um sentido originário da experiência vivida numa ‘fala primeira’ é favorecida e mesmo dependente de um silêncio essencial pelo qual o sentido ganha e encontra expressão, se formulando numa fala nova” (BARREIRA, 2018, p. 5). É necessário ressaltar que uma fala interventiva não é eficaz sem uma escuta atenta e sensível do silêncio que se manifesta na relação terapêutica, todavia a fala significativa não pode ser abandonada à mera casualidade, mas deve ser intencionalmente requisitada a dar-se. O ingrediente afetivo modifica a atitude natural e lhe propicia vias de acesso fenomenológicas, a ação da corporeidade é fundamental na expressão de uma fala significativa, tudo isso graças à escuta suspensiva que atua enquanto operação dialógica, que corresponde ao processo de reorientação fenomenológica (BARREIRA, 2018).

O sentido originário é a meta investigativa da Psicologia Fenomenológica, uma vez atento às essências dos fenômenos, o psicólogo se desloca do âmbito natural, que diz respeito aos fatos contingentes, para alçar parcialmente um salto transcendental. A partir da visada pura intencional, o profissional passa a constatar a ingenuidade da percepção naturalista dos fenômenos, emanados na fala ou manifestos pelo cliente, possibilitando assim a descrição fenomenológica advinda do movimento intencional da consciência. Ao se desvelar em sua manifestação originária, o vivido se encontra apto a ser analisado a partir do princípio de cuidado, que é a característica universal da clínica, em uma investigação original realizada pela própria pessoa direcionada ao modo de ser, de agir e de estar no mundo. Tudo isso é facilitado graças a uma nova postura de cunho fenomenológico, compreendendo as teorias da ciência e/ou da Psicologia enquanto complementares para o serviço psicológico, uma vez que a parentesiação dos pressupostos deve abarcar desde o senso comum até o conhecimento intelectual e vivencial do psicólogo (BORBA; OLIVEIRA, 2019).

Reconduzir ao sentido fundante é voltar às coisas mesmas, tal característica fundamental do método filosófico se trata de uma reformulação do procedimento científico que leva à melhor compreensão do fenômeno vivido para uma possível Psicologia Clínica de orientação fenomenológica. De modo geral, a ciência psicológica passou por aprimoramentos e reformulações, ampliando e discutindo seu objeto de estudo com vias de progredir cientificamente, os conceitos husserlianos clarificam os movimentos da consciência intencional do pesquisador e/ou profissional, a fim de que este possa se aproximar da autêntica relação de encontro e alteridade com a pessoa escutada por meio da *epoché*. Graças

ao método, o psicólogo passa a perceber com atenção a maneira como se constituem os atos e os fundamentos da experiência intersubjetiva, abrindo a intuição para a percepção espiritual, ele se torna capaz de descrever e identificar os elementos da experiência em seus diversos significados: conativos [expressões linguísticas], afetivos ou cognitivos. Através de uma construção reflexiva sobre as implicações da Fenomenologia para o campo da Psicologia, se constata que o cuidado deve ser a temática de importância central nos estudos da área, tendo como ferramenta a escuta ativa da pessoa atendida, o profissional está disposto a se inclinar sobre o vivido do outro, como vivência empática (BORBA; OLIVEIRA, 2019).

O psicólogo tendo clareza da horizontalidade que compõe o mundo da vida distanciar-se-á de um modelo explicativo e mecanicista que não propicia o retorno às coisas mesmas, refém de teorias e de muros que impedem o fluxo do fenômeno e o alcance dos seus sentidos. Ele deve suspender qualquer antecipação de juízo, diagnóstico prévio ou tentativa de definir o outro como um ser doente e não como um ser livre, capaz de, no exercício contínuo da percepção de si mesmo, na relação com o mundo e com o outro, decidir quais os caminhos que deve tomar em suas escolhas existenciais (BORBA e OLIVEIRA, 2019, p. 164).

A análise fenomenológica conduz o profissional do olhar natural para um olhar singular dos vividos, buscando captá-los em sua própria dinâmica. A partir da vivência empática, se torna capaz de lançar luzes aos fundamentos de suas práticas e operando na racionalidade reflexiva, torna possível levantar questões que auxiliem no aperfeiçoamento da sua atuação, assim como das habilidades e dos recursos envolvidos no processo clínico. A Psicologia clínica se modula no tempo e tomando forma de ciência do vivido, desenvolve questionamentos acerca dos métodos clínicos utilizados em Psicologia atualmente, enfatizando a relação dialógica e os fenômenos manifestos na compreensão do vivido como interligados pela intencionalidade da consciência, onde não há cisão total, nem contraposição entre sujeito e objeto (BORBA; OLIVEIRA, 2019).

Os fundamentos husserlianos priorizam absolutamente a *techné*, arte objetivante da consciência, a subjetividade transcendental e a pesquisa qualitativa dos fenômenos do mundo e/ou intersubjetivos, mas nem por isso podem ser associados ao psicologismo, ao subjetivismo ou fenomenismo, por operar enquanto rigoroso método e atitude filosófica que considera o movimento intencional e particular da consciência. Tal atitude se manifesta na maneira como o profissional psicólogo se inclina diante da clarificação dos fundamentos de sua atuação (BORBA; OLIVEIRA, 2019).

A clínica psicológica caso se desenvolva por meio de pesquisas empíricas, necessita de novos conceitos nascidos do interior da Psicologia de orientação fenomenológica. É o caso da “escuta suspensiva”, conceito que surge como ferramenta operacional desta nova

abordagem, este instrumental da Psicologia Fenomenológica põe nos princípios fenomenológicos a pauta da prática clínica como relacionamento interpessoal.

A escuta suspensiva se caracteriza numa operação fenomenológica de subtração do psicologismo, ao parentesear obstáculos psicológicos que confinam a experiência do outro e impossibilitam o acesso às suas vivências por parte do psicólogo. Segundo Barreira (2018), designar a escuta suspensiva é reconhecê-la enquanto reivindicação do aperfeiçoamento da prática clínica em Psicologia e especificação junto às demais práticas e abordagens psicológicas, fenomenológicas e/ou existenciais. Consistindo em uma operação complexa e variada, a escuta suspensiva recorre aos princípios fenomenológicos para instrumentalizar uma relação dialógica na Psicologia clínica, o fundamento desta prática estaria antes na empatia, que é um fenômeno singular originário e guia do processo da escuta suspensiva.

A escuta suspensiva não se delinea como uma fenomenologia da entrevista, mas aponta para o horizonte de operações das vivências, que por estar de acordo com a teoria de base, reivindica uma consistência interna em seu arcabouço literário e prático enquanto entrevista conduzida pela orientação fenomenológica. Essa pode ser uma maneira de lidar com a episteme conceitual neste nexos do estudo fenomenológico, a compreensão é resultado da constituição da unidade intersubjetiva, que é a subjetividade transcendental na comunidade humana global. Já a relação interpessoal se apresenta com uma dupla polaridade, onde um dos polos se abre para a experiência alheia e o outro experiencia a si mesmo numa atenção redobrada posta sobre o composto vivido, que após a apreensão emerge do silêncio à fala como sentido. A apreensão do sentido da fala do cliente por parte do psicólogo é fundamental para acionar articulações que permitem o acompanhamento da fala (BARREIRA, 2018).

Em última instância, a escuta suspensiva funciona como uma ferramenta fenomenológica que suspende todo conteúdo que obstrui ao sujeito o acesso à experiência alheia de maneira compreensiva. A suspensão se atualiza numa dinâmica, subtraindo do circuito os obstáculos psicológicos alcançados através de esforços racionalizantes. A herança do psicologismo e de sua tese de estrutura da consciência humana deve ser desconstruída aos poucos no trabalho clínico, a fim de transcender do mundo natural dos fenômenos psíquicos para se aproximar de uma transcendentalidade das essências psíquicas. A escuta suspensiva uma vez posta em prática, solicita ao outro expressar conteúdos que lhe são próprios com vistas à realização da *epoché*, reduzindo de maneira progressiva e concêntrica o que é de secundário e facilitando o acesso ao essencial na fala do cliente. A estrutura vivencial do fenômeno pode ser explicitada por meio de um exame ou análise intencional dos atos da consciência, evidenciando uma pré-análise empírica e descritiva do acolhimento da

experiência durante a entrevista inicial, uma vez que a consideração incondicional da fala do cliente se apresenta como tarefa principal em detrimento de uma posterior análise propriamente dita. A adequada transposição da *epoché* para o encontro dialógico possibilita maior proximidade de se compreender intersubjetivamente o outro (BARREIRA, 2018).

Uma vez fora do circuito das opiniões rotineiras, se transcende em busca do conhecimento universalmente verdadeiro que é a episteme, uma inteligibilidade pura imbricada no *Umwelt* [mundo da experiência]. Ao demonstrar o funcionamento da *epoché* fenomenológica, Husserl nos possibilitou estabelecer uma passagem entre o nível inferior dos fenômenos psíquicos impuros, que são determinados pela temporalidade e propensos à relatividade da consciência objetiva, para o nível transcendental dos significados apodícticos, verdadeiros universalmente, atemporais, purificados e livres de qualquer realidade contingente. Portanto, o objeto que é designado como meta pela consciência subjetiva se apresenta em seu caráter teleológico, ou seja, enquanto finalidade da visada intencional empreendida pelo sujeito. Refletindo sobre a consciência e seus conteúdos, o indivíduo pode alcançar uma reflexão transcendental que interage de maneira intersubjetiva, considerando o mundo interno do cliente como seu foco último, portanto, a possibilidade de compreensão emana da subjetividade transcendental enquanto reflexão sobre a consciência e seus conteúdos (JAY, 1969/2012).

O método fenomenológico permite o acesso às essências da realidade material, assim como também das realidades eidéticas. Por meio da desconexão de todos os aspectos contingentes do fenômeno psíquico direcionados ao mundo externo, se torna apto a parentesear os resíduos, reduzindo-os ao seu tema central, que não é de caráter indutivo, mas acessa o conhecimento absoluto graças à intuição. A experiência dos fenômenos psíquicos puros, assim como do tempo fenomenológico são de caráter interno, o sujeito não pode representar seu estado psicológico por mera imitação ou por racionalizações externas, pois é a experiência pura o próprio lugar abrangente da consciência e de seu objeto visado, a matriz essencial e determinante de todas as experiências subjetivas (JAY, 1969/2012).

Outro ponto importante que se faz necessário explicitar é sobre a adaptação da análise fenomenológica para o âmbito psicoterapêutico, uma vez que neste contexto, é o cliente quem descreve espontaneamente o que ele experiencia partindo do seu horizonte de percepção. Não cabe ao psicólogo, filósofo ou qualquer pesquisador descrever analiticamente os fenômenos vividos nas sessões de psicoterapia, partindo de uma perspectiva do profissional detentor de um saber fenomenológico. Tudo o que vier à luz da consciência é de interesse da Fenomenologia, sem nenhuma pretensão de se basear em um pressuposto intelectual. O

objetivo do trabalho fenomenológico na Psicologia clínica é de aproximar o psicólogo do horizonte de significantes do cliente, de modo que possa se conectar diretamente na imediatez do momento em que a pessoa experiencia o mundo na própria consciência. Esta abordagem relacional potencializa a transformação da episteme vigente na clínica convencional, considerando o cliente como centro de expressão de sua maneira de estar no mundo, em seu próprio ritmo e tempo (CARDOSO, 2018).

Esta mudança de paradigma desvela a plenitude do ser-no-mundo, pois traz à tona a consciência como norte e guia da bússola psíquica que é ativada pelos fenômenos *a priori* transcendentais. Estar atento às próprias vivências é fundamental para elaborar nossas particularidades, possibilidades de escolha, aspirações, etc. Tudo isso acontece doravante uma ampliação da consciência durante o processo psicoterápico, que permite apreender novos sentidos e novas maneiras de estar no mundo. A atitude fenomenológica se trata, portanto, de um jeito de ser e de se relacionar do psicoterapeuta perante a pessoa que busca atendimento. Nesta perspectiva, o psicólogo exercita o distanciamento do que lhe é anterior à situação do *setting* com a finalidade de se conectar com a descrição do vivido trazida pelo cliente, por esta via se alcança abertura necessária para clarificação dos fenômenos vivenciados pelo cliente e do modo como estrutura a personalidade, através do encadeamento de sentidos que compõe sua matriz de significados. Para isso, o profissional deve ser atencioso em sua escuta clínica, refletir sobre a manutenção da relação psicoterapêutica, tendo um cuidado ético para com o cliente e o vínculo estabelecido entre ambos (CARDOSO, 2018).

Tratando a Fenomenologia da compreensão daquilo que se manifesta e também dos fenômenos que aparecem na consciência intencional, se caracteriza enquanto disciplina psicológica apriorística [Psicologia Fenomenológica] e vai além como uma filosofia transcendental. Designa um novo método de descrição filosófica. O importante para Husserl não são as características do fenômeno psíquico [objeto], mas o significado e também seu sentido latente, o *como se dá* ou se manifesta para em seguida ser captado [intuído] pela consciência. “Logo, a fenomenologia deve ser uma ‘doutrina puramente descritiva das essências das configurações imanentes da consciência’” (BINSWANGER, 2013, p. 110 *apud* GIOVANETTI, 2018, p. 14).

O projeto fenomenológico almeja explicitar as estruturas implícitas da consciência reduzindo a dimensão psicofísica às essências, possibilitando a apreensão do ser essencial das coisas que é o conhecimento das essências. O sentido das coisas corresponde à concepção do conceito de ideia na fenomenologia husserliana, estando a par disso é possível compreender a manifestação da realidade para mim, e também para o outro, conforme estabelecimento de

uma relação empática. O sentido do fato ou ato da consciência é importante conceito fenomenológico, o qual maior aprofundamento em seus estudos pode auxiliar o psicólogo a se envolver mais com o significado da narrativa do cliente, porém jamais tal arcabouço fenomenológico propiciaria uma interpretação ou pressuposição conceitual que viesse a julgar determinada fala. A universalidade de uma possível Psicologia Fenomenológica se expressa na compreensão do sujeito por meio de suas vivências, analisando-as e constatando sua alteridade. Na estrutura transcendental humana, se abre um campo de possibilidade para melhor desvendar o sujeito transcendental ou sujeito puro. Isso significa que a prática clínica de orientação fenomenológica não trabalha com conhecimentos pressupostos e explicações de conceitos, pois mantêm o foco na relação de sentido que surge da visada intencional direcionada ao meio externo (GIOVANETTI, 2018).

Hoje, não há na literatura científica uma obra sistemática sobre a prática clínica de orientação fenomenológica, o que existem são artigos que explicitam questões específicas à aplicação da Fenomenologia na psicoterapia. Se tratando de uma prática de base antropológica, abarca o sujeito em sua amplitude, buscando compreender os fenômenos vividos de maneira mais próxima à essência e holística. O aspecto integral psico-corpóreo-espiritual deve ser valorizado para uma adequada avaliação psicoterapêutica conforme apreensão do jeito de ser do indivíduo em sua integralidade. Evidencia-se como clínica da pessoa, assim como de suas potencialidades e não uma clínica das patologias. Buscar entender a maneira de ser do cliente é vital para a efetividade do processo psicoterapêutico e não apenas seu sofrimento psíquico ou o processo psicológico, tal caráter antropológico da clínica de inspiração fenomenológica garante que esta transcenda o psicologismo vigente nas teorias cognitivas e comportamentais. Apenas com adequado acolhimento e consideração incondicional, aspectos fundamentais da atitude fenomenológica, se pode responder à altura da necessidade do cliente, que é a necessidade de realização de si, em última instância (GIOVANETTI, 2018).

O psicólogo deve questionar, portanto, como o cliente dá sentido aos fenômenos [coisas] em sua vida e também quanto a seus objetivos, incentivando a autonomia para lidar com suas próprias dificuldades de maneira cuidadosa, se reconhecendo no mundo como consciência que exercita e elabora a vida prática. Todavia, se faz importante salientar que a clínica alicerçada na Fenomenologia não se utiliza apenas de perguntas, questionamentos e problematizações, mas principalmente da apreensão do aparecimento de fenômeno (CARDOSO, 2018).

Durante o diálogo nas sessões psicoterápicas, o psicólogo não deve usar da diretividade em suas perguntas, mas sim trazer questionamentos que possam alcançar certa amplitude, para fluir um diálogo com vias de parcial transcendência. Descrever fenomenologicamente a experiência imediata proporciona ao cliente a oportunidade de refletir sobre o que ouve, com a finalidade de que ele se situe na interação terapêutica. A pessoa descreve ao profissional o que sente e experiencia a si mesma, já o psicólogo descreve o que vê e ouve de maneira devolutiva, dando um retorno sobre o que foi experienciado no *setting*. Outros objetivos que devem constar na fala do psicoterapeuta são: de exploração do conteúdo cotidiano, clarificação de emoções, refletir a fala do cliente, exemplificação do que é experienciado, desvelamento de conflitos, responsabilização, de focalização, fala adversativa ou paradoxal, esclarecedora do núcleo intersubjetivo, de aprofundamento nas emoções, de referenciação do centro pessoal, definidora e de tipo provocativa (CARDOSO, 2018).

É necessário considerar que também o contexto cultural e social do cliente, como também suas aspirações íntimas, a fim de compreender a causa da procura por ajuda em uma consulta psicológica, assim como toda sua dinâmica existencial. Explicitar e compreender o sentido do fenômeno é por fundamento o grande objetivo do trabalho fenomenológico e devem ser o guia da intenção psicoterapêutica, esta última sempre direcionada para o questionamento do transcender, o desvelar ou a clarificação do fenômeno. Trata-se, portanto da visada intencional que busca alcançar além das realidades contingentes, tal é o movimento da consciência.

O sentido intencional está em nível primordial para um serviço psicológico pautado nas ideias husserianas, já a manifestação do sentido latente, assim como sua carga inconsciente são aspectos secundários em termos de relevância no processo psicoterapêutico de orientação fenomenológica. Também é de caráter secundário o conteúdo informacional referente ao dia-a-dia do cliente, pois a atenção do psicólogo deve estar voltada primordialmente para a abertura do sentido fenomenal (GIOVANETTI, 2018).

Atentar para as vivências ou os atos intencionais contidos no fluxo do vivido nos faz centrar no essencial do cliente e do processo psicoterápico, que são as revelações advindas da experiência. Há, sem dúvida, que se proporcionar adequado desdobramento para o tratamento de uma pessoa que busca ajuda de um psicólogo, além de considerá-lo incondicionalmente em sua alteridade, pondo fora de circuito pressupostos de julgamento e preconceitos, o psicólogo de inspiração fenomenológica está apto para acolher atenciosamente o conteúdo vivencial do cliente. Ouvindo-o fenomenologicamente através de uma escuta suspensiva, apreende os

significados que são constantes no movimento consciencial do sujeito, assim como os emanados da relação empática.

As intervenções clínicas primam pela não-diretividade, quando o psicólogo vem a dar-se conta da própria existência e de como melhor desenvolver o sentido existencial, buscando compreensões que o auxiliem no desvelar de novas formas de estar no mundo. A atitude fenomenológica na Psicologia clínica se constitui enquanto suspensão dos preconceitos intelectuais e de afeto da atitude natural e cotidiana, possibilitando a emergência daquilo que realmente é e existe no encontro terapêutico, tal como se mostra a partir de si, em sua multiplicidade de sentido (GIOVANETTI, 2018).

O psicólogo observa a existência do cliente a partir do encontro e acessa suas vivências através da relação dialógica. O fenômeno de viver ou estar vivo é o foco da psicoterapia, guiando assim toda a intenção terapêutica que se pauta num crescimento ou desenvolvimento do cliente, assim como de fortalecimento de sua saúde mental e autonomia. Para isso, não é necessário que o profissional interprete os estados psíquicos do cliente por um crivo conceitual que goze de validade científica ou filosófica, mas antes, está aí para apreender a essência, o sentido de ser e estar no mundo-da-vida. Em última instância, desvelar o significado do que levou o cliente a procurar ajuda de um profissional de Psicologia.

Com o intuito de responder a questão sobre qual postura deve ser adotada pelo psicoterapeuta que apoia seu trabalho na perspectiva fenomenológica, Cardoso (2018) nos esclarece que a atitude fenomenológica não se trata de negar as coisas ou sua existência no mundo, mas sim de parentesear aquilo que nos foi repassado antes, possibilitando assim o acesso ao fenômeno que se apresenta à consciência tal como se mostra a partir de si. Tal é o objetivo da redução fenomenológica ou *epoché*. Reza o princípio da intencionalidade que não pode existir objeto sem consciência, nem o inverso pode ser verdadeiro, a fonte do conhecimento está na íntima relação entre sujeito e objeto estabelecida na consciência intencional, uma vez que, é essa intencionalidade que atribui sentido ao fenômeno que se manifesta.

As vivências e as coisas do mundo estão sempre impregnadas da nossa subjetividade, por meio da visada intencional, percebemos os fenômenos em sua pureza e podemos acessá-los de maneira reduzida nos atos psíquicos, que são as vivências. O vivido se trata de uma estrutura da natureza humana e engloba os atos de pensar, falar, lembrar, fantasiar, perceber, etc. Tais atos são de caráter pré-reflexivo e ativam a cada momento de nossa existência. A vivência ou vivido se caracteriza como fundamento da subjetividade transcendental, pois é a partir dele que o indivíduo estrutura a noção de mundo e modifica a própria existência em

experiências elementares que agregam potencialidades ao conceito de si enquanto sujeito (CARDOSO, 2018).

O aspecto ético do acordo psicoterapêutico é algo de fundamental importância para o bom desenvolvimento da terapêutica, geralmente não é nocivo para ambos os intersubjetivados na relação empática que o psicoterapeuta manifeste comoção pelas histórias do cliente, pois isso faz parte do ofício e pode até ser útil no processo psicoterapêutico, uma vez que o terapeuta passa a reconhecer e respeitar consideravelmente os limites estabelecidos na relação. O psicólogo deve ser o “fundo” na relação, possibilitando que o cliente seja “figura”, que é o centro da relação de ajuda, imbricado de conexões vivenciais e de sentimentos particulares advindos da experiência presentificada (CARDOSO, 2018).

A descrição fenomenológica está para a Psicologia clínica enquanto modo particular de organização das situações vivenciadas, promovendo assim uma identidade própria. O suporte psicoterapêutico se evidencia pelo compartilhamento da narrativa com o profissional, dependendo da coesão vincular entre ambos, experimentam a validade da terapêutica pela promoção de crescimento pessoal. O mundo vivido é prioridade para análise fenomenológica e não os pressupostos alicerçados em manuais de psicopatologia. Perguntar sobre definições mais aproximadas ou pelo “como das coisas” é a evidência do trabalho fenomenológico, em detrimento de qualquer explicação ou interpretação de fenômenos psíquicos (CARDOSO, 2018).

Para que o cliente consiga dar-se conta de si próprio é necessário uma reflexão e reorganização da maneira como se relaciona com o tempo, assim como o espaço e seus semelhantes, os outros. A auto-reflexão transcendental é uma característica genuína de auto-exame e auto-cuidado, posta como questionamento reflexivo diante do mundo, auxilia no questionamento da matriz significante do sujeito que se direciona a transcender face a algo externo ou mesmo interno, haja vista o caso dos fenômenos psíquicos manifestos na fala ou em algum pensamento, sentimentos e também no raciocínio lógico (TOURINHO, 2011).

#### **4.1 Operatividade do tempo subjetivo e objetivo na escuta de orientação fenomenológica**

Husserl (1928/2002) apresenta a temporalidade se constituindo em três diferentes níveis essenciais: o primeiro, das coisas experienciadas no tempo objetivo, se distingue em outros três níveis, os de realidade empírica (coisa experienciada pelo sujeito, coisa intersubjetiva e coisa da física). Do segundo nível temporal pertencem as multiplicidades de fenômenos que constituem as unidades imanentes, de caráter pré-empírico; e o terceiro e

último nível está relacionado ao fluxo absoluto da consciência, ou consciência absoluta constituinte do horizonte temporal numa dimensão pré-reflexiva.

Deste modo, se evidencia que o fluxo da consciência de tempo é antecedido e constituído por uma consciência absoluta transcendental, esta é a base para continuidade do aparecer de objetos temporais, pois o contínuo é a permanência do idêntico e além da forma de continuidade, se considera a unidade da sucessão, tal conceito esclarece a inseparabilidade da unidade, do processo que dura até o ato que se sucede. As sucessões se constituem em fases que duram nos pontos de tempo em uma percepção individual, mas podem mudar em uma velocidade determinada pela elaboração dos atos da consciência, todo ser humano tem seu ritmo para mudar e seu modo de encarar a mudança. *“Por principio toda fase de un cambio puede prolongarse como reposo, y toda fase de reposo conducir a un cambio”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 94).

Considerando cada “ponto de agora” como parte constituinte de uma fase do fluxo temporal, é possível verificar que os fenômenos constitutivos do tempo são objetividades correlatas àquelas que constituem a linha temporal progressiva. Com efeito, não faz sentido se trabalhar em uma perspectiva empírica da clínica como Psicologia primeira, se o que a Fenomenologia prioriza são as fases do fluxo constituinte do tempo. O agora está contido no fluxo temporal enquanto objetividade, uma vez que o próprio fluxo é manifestação da subjetividade absoluta, constituindo vários pontos de agora e atualizando os agoras de acordo com a fonte primogênita da experiência em questão. É na vivência da atualidade que alcançamos o ponto fonte da primazia e uma continuidade do momento, lembrando um eco que ainda perdura (HUSSERL, 1928/2002).

A preocupação da Psicologia clínica em torno do conceito husserliano de temporalidade deve se orientar no sentido de distinguir o fenômeno que aparece da recordação imanente, pois o fluxo está para a consciência, assim como o aparecer do fenômeno está para o objeto imanente e também ao objeto transcendente, no caso de quando a imanência não se dá. A consciência é essencialmente subjetiva, pois é obrigatoriedade estar contido nela um conteúdo imanente, já os fenômenos que aparecem no meio externo são de caráter individual e atemporais, transcendem ao meio sem uma necessária participação da consciência auto-reflexiva. Em suma, ato intencional ou vivencial intencional é um fluxo onde se constituem as unidades imanentes ao tempo: o ato de julgar, o desejo, etc. (HUSSERL, 1928/2002).

O fluxo da reflexão é uno, todavia se decompõe em múltiplos fluxos menores, a condição de multiplicidade é neste caso a unitariedade, por paradoxal que possa soar ao leigo, pois só podemos falar de um fluxo temporal se o consideramos um todo unitário. A “forma do

agora” é o modo de aparecer comum a todos os fluxos, proporciona às diferentes fases no tempo uma igualdade generalizada segundo a própria fluência. No campo da pré-reflexão, as múltiplas sensações fluem no tempo decursivamente, são essas sensações originárias que duram e constituem os objetos imanentes, os quais aparecem à consciência por determinados instantes (HUSSERL, 1928/2002).

O tempo imanente é uno e único para todos os objetos e sucessões imanentes dentro do processo de consciência transcendental do sujeito, tal consciência se caracteriza como uma unidade que abarca todo o ser. Engloba inteiramente o conjunto holístico, o ser do devir, constituído pelas atuais sensações originárias que englobam o que precede o ato de sentir. O conjunto, seja a nível pessoal e integral ou interpessoal, é formado por sensações originárias, permanecendo com a característica conjuntiva mesmo depois de decorrido enquanto fenômeno. A distinção entre duas sensações originárias está no conteúdo a elas correspondente, pois apenas o agora é o mesmo, para que assim se possa representar e identificar algum momento passado em alguma fase decursiva temporal. A consciência do tempo sempre tem a forma da consciência de sensação originária idêntica ao ato de sentir do momento em questão (HUSSERL, 1928/2002).

O conceito de modificação na obra husserliana está relacionado às séries contínuas dos modos como transcorrem sensações originárias, de caráter prévio [eidético], ou seja, de consciências anteriores ao agora. Essa maneira de passagem do tempo dá-se de maneira decursiva modificada [sucessiva], enquanto a maneira decursiva em “fases” tem o caráter idêntico que evidencia a continuidade [simultaneidade]. A diferença essencial entre esses dois modos de passagem do tempo é que, um é conceito-chave que embasa a constituição de simultaneidade [contínuo] e o outro serve de base para entendimento da constituição da sucessão temporal [modificação]. “(...) *aun cuando la simultaneidad nada sea sin sucesión temporal, y la sucesión temporal nada sin simultaneidad, con lo que ambas, simultaneidad y sucesión, tienen que constituirse en correlación mutua e inseparable*” (HUSSERL, 1928/2002, p. 98).

Uma fase de consciência do tempo é constituída pelo conjunto de retenções que aí concorrem na atualidade da consciência do tempo ou fase atual. A escolha do nome fluxo está em conformidade com o curso de contínuas modificações, às quais experimentam as impressões originárias da consciência pura, uma vez que o grau de retenção é uma média das retenções que compõem uma fase atual, possuindo toda uma trajetória e um curso unitário de mudanças intencionais. Se alguma fase da duração de um objeto temporal imanente é fase de agora, logo é consciente com uma sensação originária própria doadora de sentido para as

retenções [permanência] que se reúnem em um contínuo e anterior à sensação originária seguinte [modificadora]. A sucessão é um ato do tempo interno manifesta enquanto fato no mundo físico, e as retenções que compõem essa “passagem de fase temporal” possuem um modo de corresponder à distância no tempo até o ponto de agora (HUSSERL, 1928/2002).

A recordação primária [retenção] garante ao fluxo uma aparição unitária do fenômeno à consciência, pois é no fluxo único e uno, onde se constituem a unidade temporal imanente do fenômeno e a unidade do próprio fluxo consciencial. Husserl (1928/2002) estudou a constituição essencial do fluxo, onde se constitui também o objeto imanente retido, uma vez que é a retenção responsável por conservar a consciência de “ainda vivenciar” algo. A fluência do tempo corresponde ao “absoluto passar”, em que a primeira sensação, a originária, se modifica pela retenção de si mesma e esta retenção em retenção de retenção, etc.

*(...) hay que acerse cargo asimismo de que la retención de una retención no solo tiene intencionalidad en referencia a lo retenido de inmediato, sino también en referencia a o retenido en el retener de segundo grado y, al cabo, en referencia al protodato que está prolongadamente objetivado (HUSSERL, 1928/2002, p. 101).*

A unidade do próprio fluxo enquanto ordenação unidimensional é quase temporal, se constitui no fluxo de consciência graças às constantes modificações retencionais, e em virtude de proporcionarem à própria consciência ser uma retenção momentaneamente por alguma circunstância, no caso sendo retenções das retenções que constantemente lhe precedem. O retido é a cauda do cometa, a consciência passada em uma série de fases, na fase precedente e a seguinte, a qual prossegue fluindo na consciência que capta a série decorrida na consciência do que já passou a partir do ponto final [limite] da sensação originária atual. A continuação desta série dá-se no retrocesso da mesma, conforme se incorporam novas retenções e sensações originárias. A visada intencional situa a consciência no fluxo temporal, mantendo-a fixa sobre o momento em que afunda no passado, porém a constituição da unidade de retenção vai mais além e sempre agrega uma novidade (HUSSERL, 1928/2002).

O fluxo da consciência imanente que constitui o tempo é enquanto ser e articula de maneira compreensível uma admirável e necessária produção de autoaparição do fluxo, condição pela qual este se torna captável durante sua fluência. O fluxo temporal da consciência de uma pessoa se constitui por si próprio a partir da intencionalidade, não requer para vias de validação um segundo fluxo como sucessor da autoaparição do fluxo em questão. “Lo que es traído a aparecer en la actualidad momentánea del flujo de conciencia son, en la serie de momentos retencionales del flujo, fases pasadas del flujo de conciencia” (HUSSERL, 1928/2002, p. 103).

Os conteúdos imanentes são por essência as vivências em seu sentido habitual e formatados pela consciência em um nível de protodado ou protoconsciencial, constituinte de objetos temporais. Os sentidos são oriundos dos objetos temporais que aparecem no tempo fenomenológico, são exemplos destes objetos: a continuação de um ato, o enunciar, o desejar, querer, etc., além das modificações que reproduzem tal sentido [fantasias e recordações]. O que caracteriza os conteúdos imanentes é a própria duração dos mesmos, partindo dum ponto atual, despontam para um futuro, apontando para trás [pretérito]. Já a integridade do conteúdo, imanente em sua atualidade é garantida pelas retenções e protensões indeterminadas. As rememorações [recordações de segunda ordem] e as expectativas não se dirigem para nenhuma fase constituinte do conteúdo imanente, mas evocam conteúdos do passado ou do futuro. Tais conteúdos são objetividades individuais durando, têm seu tempo próprio, são unidades de transformação ou de invariância (HUSSERL, 1928/2002).

A temporalidade é condição para existência espontânea de algo, além de estar relacionada também à existência individual, pois esta última encontra respostas na percepção que nos atesta a existência individual num sentido mais estrito, evocando-a por meio de uma recordação primária [contínuo retencional] ou secundária [rememoração]. *“Si se trata, (...), de contenidos inmanentes, y no de cosas empíricas, cabe entonces que el durar y cambiar, el coexistir y sucederse se realicen plena e íntegramente en las percepciones, y con relativa frecuencia están efectivamente realizados”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 104).

É importante ressaltar que as percepções puramente intuitivas são percepções constituintes dos conteúdos que duram ou se modificam, possuem validade apodítica. Tal constatação enriquece a busca em direção ao sujeito transcendental, pois a noção está *a priori* à evidência da percepção interna ou “eu psicofísico”, que encontra seu sentido e significado na extensão temporal, parte conclusiva e final da evidência e do verdadeiro dar-se. Duradouro é o que se estende sobre um trecho do campo de imediaticidade do tempo, a continuidade de uma fase temporal é a identidade daquele tempo decorrido ou época, se tratando de uma característica constituída no interior da consciência, pois os “lugares de tempo” não estão cindidos por atos intencionais, mas se encontram sem rupturas na unidade da percepção, que além de dar prosseguimento ao contínuo da linha temporal, particularizam cada fase diferenciando-as conforme se dão interrupções num ponto de tempo (HUSSERL, 1928/2002).

*Sí subsisten, por otra parte, diferenciais, en tanto en cuanto cada punto de tiempo es individualmente distinto de cada uno de los otros puntos de tiempo, es distinto, sí, pero no está disociado\*. La igualdad indiferenciada de la materia tiempo y la continuidad de la modificación de la conciencia que pone tiempo hacen esencialmente de tal fusión la unidad de la extensión sin ruptura del objeto, y así es*

*como surge primeramente una unidad concreta. Como extendida en el tiempo, llega [...] a ser un individuo concreto* (HUSSERL, 1928/2002, p. 105).

O processo de permanência de algo ou algum trecho de tempo na consciência ou memória se passa com a ajuda de uma sucessão simultânea, a qual permite diferenciar por seções a duração em que discorre o fenômeno, e também identificá-lo perante outros fenômenos que em correlato, acontecem simultaneamente à coisa mesma enfocada na percepção. Quando uma identidade qualitativa de tempo se rompe, ocorre um salto ao ponto temporal seguinte qualificado no mesmo gênero do fenômeno transcorrido, dando origem assim a uma nova vivência, a vivência de mudança, que evidentemente não é possível em todo e qualquer ponto temporal, mas quando se dá, caracteriza uma descontinuidade. Se a duração é uma identidade de tempo sem variação, ao se aumentar a extensão temporal, aumenta também a continuidade do crescimento da diferenciação ou “localização no tempo”, pois a consciência só se modifica paulatinamente se houver um sentimento de distanciamento crescente no curso em que se identifica consigo mesmo (HUSSERL, 1928/2002).

A consciência sem variações é uma consciência constante identificacional e progride sendo consciência homogênea de unidade. Já a consciência de mudança presume uma “alteridade”, uma cobertura ou distância entre a extensão temporal e a essência do sujeito transcendental. A própria consciência de alteridade pressupõe uma unidade, não somente na constante mudança, mas também na abrupta. Mesmo na variação há de existir algo que dura antes ou depois de variar, também assim ocorre com a mudança, uma vez que o fenômeno necessita de algo para sustentar a identidade do que muda ou experimenta variação, remetidos à forma essencial da consciência das pessoas. Por unidade compreendemos a própria indiferenciação das fases limítrofes, às quais desembocando umas nas outras produzem a consciência de unidade propriamente dita. A semelhança entre as fases do fluxo proporciona à transição contínua, uma distância entre fenômenos temporais pertencentes a fases de tempo limítrofes (HUSSERL, 1928/2002).

Geralmente a pessoa quando chega para um atendimento psicológico, se encontra com sua atitude direcionada inteiramente para o modo naturalista, elaborando o próprio psiquismo por meio de algo alheio à sua consciência, ou seja, um sistema de crenças que está engendrado enquanto hábito existencial do sujeito, mas não brota da própria consciência individual de modo originário. Os caminhos da terapêutica podem neste caso, estar dirigido para as recordações que o fazem reproduzir determinado comportamento, e que o impressionaram em determinada fase da sua vida, geralmente por necessidade de aceitação [adaptação]. Quando algum conteúdo delicado do cliente aparece em uma sessão de

psicoterapia, algo que já emergiu volta à tona no *setting* por um propósito de busca de sentido ou busca de si. *“Toda vivencia constituida o es impresión o es reproducción, y, como reproducción, es un evocar, un re-presentar, o no lo es. En todo caso la vivencia es en sí misma un presente [inmanent]”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 108).

As vivências, em sua totalidade, são conscientes por meio de impressões ou já se encontram impressas na consciência, uma vez que o ato de perceber é consciência impressional do objeto e também um presente imanente. Tornar um fenômeno recordativo ou expectado presente é um presentear imanente, que corresponde à modificação reprodutiva, esta última se divide em: re-presentação do perceber, o perceber na fantasia ou perceber na recordação. A impressão em seu sentido mais estrito se encontra por oposição à evocação ou representação, se trata de uma consciência primária que não está encadeada em nenhum outro tipo de consciência a ela dirigida. Já a consciência secundária está relacionada com a re-presentação ou evocação, inclusive as de caráter imanente (HUSSERL, 1928/2002).

Segundo o axioma teleológico da Fenomenologia, o “perceber” está diretamente relacionado ao “pensado”, uma vez que o pensar “vive” no perceber. A apreensão perceptiva moduladora de sentido em princípio é a reflexão, pois está constituída no tempo imanente. Mesmo que algo esteja só no “pensado” ou no plano das ideias, podemos sentir e expressar tal unidade fenomenal que se apresenta e, ainda que não seja algo planejado, ideias surgem espontaneamente e também se manifestam a seu modo. Já *“los contenidos de sensación se constituyen como unidades en impresiones sensibles; las aprehensiones lo hacen en otras impresiones que se entretajan con las sensibles, impresiones de acto. La percepción como fenómeno constituido es, [...], percepción de la cosa* (HUSSERL, 1928/2002, p. 110).

A partir da retenção é possível entender de maneira mais aprofundada a consciência primária de tempo, estrutura do tempo de fundamental importância, porque faz parte da constituição do aparecer da coisa [manifestação] e de sua apreensão enquanto fenômeno duradouro, tanto o invariante como o de mudança. O perceber se constitui especificamente na mesma consciência impressional que a percepção, agregando desta forma o “percebido”. Quanto mais a consciência se edifica em direção à auto-reflexão transcendental, mais passa o ser a agir conforme sua essência, que corresponde uma consciência unitária que transita entre um grau de ordem imanente e outro, de ordem transcendente (HUSSERL, 1928/2002).

*A su esencia pertenece el que una mirada que mienta pueda estar dirigida, ora a la sensación sensible, ora al aparecer, ora al objeto. Esto vale mutatis mutandis a propósito de todos los actos. Pertenece en general a su esencia tener intencionalidad de orden transcendente por medio de algo constituido inmanentemente, por medio de “aprehensiones”, y el solo poder tenerla así. Lo*

*cual funda en general la posibilidad de poner en relación lo inmanente – la aprehensión junto con su contenido inmanente – con lo transcendente. Un poner-en-relación que da lugar a su vez un “acto”, a un acto de nivel superior (HUSSERL, 1928/2002, p. 110).*

Se o “perceber” é um presentear ou tornar presente, também a impressão imanente é uma presentificação, que traz à tona algo para a atualidade. Em um caso, temos um presentear transcendente [perceber] através do fenômeno e do outro, um presentear imanente [impressão]. As manifestações transcendentais enquanto unidades constituídas na consciência interna são tais unidades que constituem outras unidades, a dos “objetos que aparecem”. A apreensão perceptiva se constitui em uma multiplicidade de definições, que se apresentam unificada graças à apreensão temporal. Existe também um curso imanente de “apareceres” determinados pela temporalidade, é onde se constitui a percepção em sentido estrito, em uma sucessão contínua das apreensões no tempo fenomenológico, se trata de uma unidade temporal doadora de sentido para fases posteriores, que dura conforme tal continuidade de apreensões e aparece como fenômeno. Por meio do conjunto de apareceres, a coisa [objeto] se constitui no próprio decurso temporal do fenômeno ou de seus “apareceres”, são unidades imanentes constituídas no fluxo de impressões originárias. (HUSSERL, 1928/2002).

*La cosa que aparece se constituye porque en el flujo originario se constituyen unidades de sensación y aprehensiones unitarias, es decir, conciencia ininterrumpida de algo, exposición de algo, en particular presentación de algo y, en la sucesión continuada, exposición de algo que es uno y lo mismo (HUSSERL, 1928/2002, p. 111).*

Destarte, o tempo fenomenológico, dos dados sensórios e de apreensão das coisas, coincide com o tempo espacial das coisas, ponto por ponto, formando assim um contínuo característico de apreensões constituintes de coisas espaciais. Isso significa que, a cada ponto do tempo fenomenológico, preenchido por conteúdos de sensações e apreensões próprias, se expõe um ponto do tempo objetivo pleno. Um conjunto de pontos temporais forma uma fase de tempo, constituídas na consciência por meio de sínteses intencionais, que vinculam a igualdade de essência entre os seres, aquilo que temos em comum e permite a comunicação de uns com os outros. Com isso, é possível identificar a fase de tempo como durando e destacando-a do fluxo temporal restante pela identificação continuada na sucessão, onde se faz consciente uma identidade duradoura. A manifestação em sentido estrito, de mudança ou invariável, se trata de uma unidade do tempo fenomenológico, a qual é antecedida pela protosucesão dos momentos fenomênicos que a constitui por meio das retenções tempofundantes. (HUSSERL, 1928/2002).

Por meio da percepção de coisas é que aferimos a percepção enquanto constante aparecer perceptivo ou continuidade de apareceres no “agora”, se abstraindo claro, dos tecidos retencionais e protensionais. *“El fenómeno de la cosa, [la cosa en su orientación], la cosa en la exposición determinada en que se da, etc., es algo que dura, no menos que la cosa pura y simple que aparece”* (HUSSERL, 1928/2002, p. 113). Por “coisa em sua orientação” devemos entender “sucessão do aparecer da coisa”, pois continua durando enquanto a orientação não se altera, porém ao modificar o aparecer da coisa em sua essência, se manifesta um curso de constante mudança de fenômenos, dentro de sua específica duração. Com relação à percepção interna, é possível entender tal conceito como consciência interna da unidade do objeto imanente, constituinte da temporalidade; ou enquanto consciência interna de atenção plena, responsável pelo captar de sucessões imanentes, a qual provida de duração própria coincide com a duração do que é percebido de forma imanente (HUSSERL, 1928/2002).

Toda consciência em sentido de individualidade [unidade imanente constituída] tem seu significado doado pela intencionalidade ou “unidade de consciência do objetivo a que se refere”, mas nem toda consciência é consciência de tempo ou de algo temporal, constituinte de um tempo intencional, como por exemplo, a consciência de espaço e a consciência absoluta. Uma coisa, um acontecimento ou um ser temporal representados na fantasia, aparecem à recordação, à fantasia, à expectativa ou retencionalmente, aparecem como presentificados uma vez que são percebidos no presente. (HUSSERL, 1928/2002).

*El juzgar puede tener duración más larga o más breve, el juzgar se distiende en el tiempo subjetivo y puede ser presente o ser re-presentado. Pero lo juzgado no es largo o breve, no dura más o dura menos. Y lo mismo ocurre con lo quasi juzgado al re-presentar el juicio evocándolo. Re-presentado, evocado, es el juicio, no lo juzgado. Si se habla de que un estado de cosas es “meramente pensado”, esto no significa que sea evocado, sino que se ofrece bajo el carácter de una modificación de neutralidad en lugar de bajo el carácter de la creencia* (HUSSERL, 1928/2002, p. 115).

O ser enquanto individualidade doa o significado de sua existência no mundo por meio da autenticidade, que se passa em uma continuidade de fenômenos como exposições deste ser. A constituição do que aparece é doação da autenticidade do sujeito, pois o aparecer em seu sentido mais genuíno, o de trazer à presença, está unicamente no horizonte da presentificação e de suas modificações. Por fim, o estado de espírito de alguém ou de algo [uma coisa] não é propriamente de caráter temporal, apenas persiste ou subsiste por um período de tempo, mas não está localizado no tempo como um objeto [coisa] ou uma sucessão passageira. O estado de coisa não é a causa, mas a consequência da passagem do tempo em algo ou alguém,

portanto, não determina a formação fenomenal, uma vez que é a própria coisa [objeto] ou sujeito que formam uma significativa parte do tempo que transcorre na consciência. Tudo que é percebido como uma alteridade ou como uma sólida constância [consistência] pertence à consciência do tempo e ao que é exposto [manifesto] no mundo da vida (HUSSERL, 1928/2002).

Ao considerar o horizonte mundano da experiência, o tempo surge enquanto constituinte desta totalidade, se apenas é possível perceber algo que está situado no tempo, ele garante à percepção a capacidade do sujeito distinguir entre as objetividades que lhe são próprias e as categoriais [coletivas]. O tema da temporalidade está imbricado também no fluxo da consciência que se autoconstitui e na unidade das vivências abordadas como objetos temporais imanentes, na autoaparição do sujeito transcendental, além de fornecer condições para constituição da intersubjetividade, juntamente com a intencionalidade. Se tratando de um problema unitário, “as determinações da temporalidade mudam na passagem de uns planos para os outros, é a autoconstituição temporal do sujeito que comanda, como fonte primitiva, todos os estratos ulteriores da temporalidade” (ALVES, 2007, p. 146).

A velocidade da luz não difere entre distâncias iguais referentes ao raio de luz, isso implica que, para dois sujeitos, diferem os tempos e o espaço em que cada um vivencia, mede e/ou avalia. Considerando a trajetória dos feixes de luz, constatamos que não pode haver medida igual para duas consciências distintas sem a existência de um referencial validado, tempos e medições de espaços orientados por um referencial. Portanto, medidas conversíveis não podem ser tomadas como tempo estrito ou valores espaciais. Há sem dúvidas, perfeita conexão simultânea entre tempo e espaço, sendo o deslocamento físico ou da consciência, característico do conceito de sucessão. Tempo e espaço são dimensões visíveis experiencialmente falando, se entrelaçam de modo a variarem inversamente suas devidas proporções (ALVES, 2007).

Minkovski (1974 *apud* Alves, 2007) argumenta sobre a unitariedade da estrutura espaço-temporal na geometria dos cones de luz, tratando as duas dimensões como coordenadas de um contínuo quadridimensional e integradas na estrutura tempo-espaço. Todavia, é importante ressaltar que a Fenomenologia da experiência temporal se move em um plano paralelo à teoria física do tempo, uma vez que a tarefa dos fenomenólogos é voltar até as formações intencionais em que o tempo aparece, um verdadeiro regresso à consciência interna do tempo e ao tempo intuitivo que aparece.

Para se falar de uma Fenomenologia do tempo e a constituição do tempo objetivo, necessário é esclarecer o princípio da conexão entre o conhecimento empírico da experiência

pura e o conhecimento do ser objetivo no mundo, assim também como a relação de ambos com o ser do mundo em sentido mais amplo [holístico]. Já o tempo objetivo da natureza, se constitui mediante processo de idealizações fundadoras da experiência do tempo, aquelas deduzidas pela observação da passagem do tempo e dos astros, assim como de sua contagem. Sendo de caráter gnosiológico, a questão da “origem do tempo” [*Ursprung der Zeit*] não se trata de um questionamento acerca das representações do tempo na psique, pois está vinculada diretamente ao regresso [*Rückgang*] do tempo objetivo até a constituição do tempo, dada através de formações intencionais. Tal regresso é dirigido para as formas primitivas da consciência temporal, onde as distinções definitivas e primitivas do ser no tempo se constituem intuitivamente como fontes originárias de todas as evidências sobre o tempo (ALVES, 2007).

Clarificando as formações de sentido onde o tempo se dá, é esclarecida a experiência em que o tempo objetivo aparece. “Se a inserção das vivências no tempo do mundo é, desde o início, excluída pela apercepção fenomenológica, os actos pelos quais o tempo objectivo é visado são, por outro lado, o próprio tema desta inquirição” (ALVES, 2007, p. 153). Perguntando sobre a origem do tempo na consciência, constata Husserl que a ordem fixa do tempo é uma infinita cadeia bidimensional, uma vez que duas medidas de tempo não podem dar-se simultaneamente, com diferentes simetrias, transitando entre um antes e um depois, etc. Trabalhando no intuito de superar o dualismo racionalista, a proposta da Fenomenologia é correlacionar parcialmente o tempo público [objetivo], das coisas e dos processos reais, com o tempo gnosiológico, inquirido na abordagem do método fenomenológico sobre a experiência subjetiva do tempo enquanto constituição originária subjetiva (ALVES, 2007).

Esclarecidos de que a tarefa da Fenomenologia com relação às diversas áreas do conhecimento é de refundação do panorama científico, reconduzindo a questão do ser [*Seinsfrage*], não lhe cabe qualquer fundação científicista por bases de um requisito da subjetividade transcendental, que constitui por princípio o fundamento da *Lebenswelt*. Para Husserl (1905/1966 *apud* Alves, 2007), apenas a Psicologia necessita de uma refundação estrita e mais efetiva, devido aos prejuízos oriundos dos estudos sobre a subjetividade transcendental, sob a égide da abordagem naturalista. A dinâmica: espaço, tempo e matéria, está diretamente relacionada também à noção de realidade [*Wirklichkeit*], pois depende em parte dos atos de constituição objetiva da consciência absoluta. O mundo real é constituído tanto de elementos materiais, como por determinações objetivas, mas se dá apenas enquanto objeto intencional dos atos de consciência.

Uma vez constatada a importância da escuta clínica enquanto evidência obtida da vivência para o início de um processo psicoterapêutico, necessário é averiguar os elementos temporais que situam o modo operatório da escuta suspensiva, própria do método fenomenológico de rigor. Tendo em vista que a escuta é um dos principais meios de ação e investigação do psicólogo, vai para além dos instrumentais técnicos e recursos como os testes psicológicos utilizados na Psicologia de hoje, justamente porque é *a priori* em relação a estes últimos, em última instância, os possibilita e está na gênese do serviço do psicólogo. Importante se faz também ressaltar a distinção entre a audição empírica, “ouvir”, do escutar, que numa relação empática pode alcançar níveis de transcendência. A escuta é um fenômeno psicológico e operativo de caráter não-sensorial, portanto eidético, composta por dois polos: passiva e ativa.

Um mergulho na experiência intersubjetiva que se passa na escuta deverá captar elementos com os quais a temporalidade opera durante seu processo, seus ires e vires, seus impedimentos, suas apreensões e recobrimentos, sua nebulosidade e seu esclarecimento (BARREIRA, 2020, p. 2-3, no prelo).

A inter-afetividade, consistindo em um processo intersubjetivo, registra a ordem em que opera o fenômeno dialógico, possibilitando aos envolvidos na conversa captar sintonicamente a disposição sentimental e a energia de outrem. Intercorporeidade também é um conceito *a priori* à escuta, sendo esta última, o cumprimento da verbalização no corpo ou o próprio emergir da corporeidade como verbo. A escuta está implicada no encontro e conecta operacionalmente toda a organização de sentido do que é expresso, por gestos ou verbalmente. Nada é mais elementar e sofisticado na ciência psicológica que o mecanismo da escuta, sendo necessário propor uma qualificação desta ferramenta dialógica. Concebe-se o outrem na experiência empática como um “outro eu” ou *alter ego* em sua especificidade intersubjetiva, uma vez que ao estar disposto a conversar, o sujeito adota uma postura acolhedora que atrai para si a outra consciência, por estar em posse de “um conteúdo idêntico para as duas” (BARREIRA, 2020, no prelo).

De acordo com Barreira (2020, no prelo), podemos conceituar a escuta como sendo de primeira mão ou de segunda mão. A primeira diz respeito às conversas onde há reciprocidade interpessoal, onde a escuta se volta para a fala de alguém que busca uma intervenção profissional, seja por meio da presença ou de alguma fala. A escuta de primeira mão é suspensiva ou reduzida fenomenologicamente e está diretamente ligada ao diálogo, se tratando de uma importante ferramenta para investigação psicológica e das relações de ajuda em geral. Já a escuta de segunda mão está relacionada com o ato de escutar registros de uma

fala passada, seja em livros, músicas ou audiovisual, recursos que são utilizados em psicoterapia de maneira menos constante que o diálogo.

A duração da fala do cliente constitui o elo formal entre os conteúdos vivenciados e o significado do que é dito, o psicólogo estando a par dos elementos que operam uma duração de fala, acompanha o ritmo da temporalidade que norteia a linguagem do cliente e à qual a escuta está subordinada de modo parcial, pois há limites instituídos pelo padrão de atendimento clínico na profissão de psicólogo. Ritmo é um indicativo não verbal essencial que merece o enfoque do psicoterapeuta, tornado possível uma avaliação das condições psicológicas do cliente, outros indicativos para uma percepção adequada do modo como o cliente se expressa são: a velocidade e vigor, além dos conteúdos, cadência, extensão da fala e o afeto que é impresso em suas palavras e gestos (BARREIRA, 2020, no prelo).

No processo de conexão interpessoal entre psicólogo e cliente há uma simultaneidade entre ambos, que consiste em tecer relações de caráter voluntário e involuntário, operando assim uma conexão motivacional emanada pelo ouvinte, articuladora de sentidos do que é dito em um serviço psicológico. A depender da qualidade da conexão relacional em um processo de ajuda, o psicólogo está mais ou menos imune a interrupções, que geralmente o leva a considerar as solicitações de elaboração ou esclarecimento de alguma fala ou intervenção por parte do cliente. Com isso, constatamos que a distração é um movimento de afastamento consciencial do discurso em voga; de maneira contrária, a palavra que expressa um sentido motiva ambos [profissional e cliente] a prestarem atenção nas formulações elaboradas nesta dialogicidade imposta no agora efetivo, seja gestual ou falada (BARREIRA, 2020, no prelo).

A escuta da atitude natural seria àquela não reduzida que interpreta a fala e a subjetividade do cliente de acordo com enquadres de conceitos psicológicos pré-estabelecidos, utilizada principalmente em atendimentos psicofarmacológicos, onde a droga psicotrópica é a terapêutica principal embasada em manuais para prescrição de diagnósticos. A Fenomenologia enquanto uma epistemologia que transcende o paradigma das ciências naturais propõe uma prática psicológica e psiquiátrica ampliada, priorizando a subjetividade em detrimento da objetivação e/ou patologização de experiências, esta última, própria da escuta reducionista e naturalizada (CALLIERI, 1993 *apud* BARREIRA, 2020, no prelo).

Na escuta suspensiva o sujeito é tratado integralmente e não como um todo fragmentado em cognição, fisiologia e processos psíquicos, consideradas partes da soma, a quem as ciências naturais atribuem o título de sujeito. Porém, o sujeito transcendental guiado pela própria consciência requer uma escuta que leve a cabo uma suspensão fenomenológica, para que se alcance tal nível de compreensão e se realize enquanto plenitude intersubjetiva.

Diante de outra pessoa que procura ajuda, é o psicólogo outro alguém que quer ajudar, este é um ideal ético da profissão, suspensas devem estar todas as teorias e saberes prévios ao que lhe é relatado, assim como em relação aos mecanismos de funcionamento íntimo, subjetivo. À guisa de esclarecimento, a Fenomenologia não pretende que desapareçam da mentalidade do profissional todos os conteúdos estudados num curso de graduação em Psicologia ou em uma residência médica em Psiquiatria, por exemplo, mas assume que estes saberes devem ser colocados entre parênteses temporariamente, a fim de encontrar uma compreensão da fala por meio de uma percepção mais próxima à do cliente (BARREIRA, 2020, no prelo).

De maneira simultânea, o profissional também expressando seus atos de consciência está direcionado a problematizar as experiências vividas, se trata de uma reorientação da escuta do psicólogo que promove perguntas minimamente facilitadoras de processos intersubjetivos das modificações da atitude natural do cliente, visando uma atitude eidética fenomenológica, mais próxima da transcendência. Essa atitude também é denominada por Husserl de atitude personalista, mas também se pode bem chamar de atitude fenomenológica, onde a fala se orienta pela própria experiência do sujeito, contando e expressando suas vivências ao psicólogo, buscando uma formulação de sentido do assunto tratado (BARREIRA, 2020, no prelo).

Se a orientação de quem fala é personalista, no âmbito da elaboração original do conceito, o de investigações sob premissas da fenomenologia clássica, a orientação de quem escuta é empático-psicológica, isto é, suspende também o próprio posicionamento pessoal em favor do acompanhamento de quem fala e dos esforços de compreensão de seu sentido (BARREIRA, 2020, p. 8-9, no prelo).

A temporalidade analisada nos estudos husserlianos pretende uma elevação ao plano superior por meio da suspensão, buscando alcançar assim um horizonte de pureza subjetiva, alicerçando tal fundamentação na intuição do espaço como presunção de um fato. A teoria da multiplicidade remete à interdependência entre tal espaço intuitivo e a noção de autoconstituição somática [*leiblich*] da subjetividade. O espaço na visão fenomenológica está contido em nossa intuição, o qual pode se submeter a uma análise fenomenológica que desvele seus estratos de sentido e que apresente os processos pelos quais se alcançam as formalizações superiores de “espaços”. Portanto, Husserl prossegue seus estudos considerando a consciência de espaço como uma autoconstituição somática da subjetividade. Todavia, com relação à temporalidade, a tendência é seguir com o estudo da consciência temporal enquanto intuição subjetiva do tempo ou temporalidade da consciência. O tempo

objetivo se constitui por meio da correlação global com os atos conscienciais em que o tempo intuitivamente aparece (ALVES, 2007).

Uma adequada descrição da intuição do tempo ou de sua manifestação, àquela que se direciona a um objeto temporal [*Zeitobjekt*], se centra em dois fenômenos de fundo: a configuração modal de orientação do tempo [passado, presente e futuro] e a doação da “fluência”, que é a consciência de sucessão. Em resposta à Alexius Meinong (1853-1920), afirma Husserl que a percepção momentânea não é a mesma percepção de um objeto temporalmente distribuído, por estar relacionada no fluxo temporal como percepção do tempo, que implica evidentemente a temporalidade da percepção. O antes e depois são a continuidade da série temporal de relações da ordem entre pontos temporais, determinam certa “direção” do tempo, que passa numa série unidimensional infinita. O tempo imanente se autoconstitui na corrente de consciência [fluxo], e também enquanto vivência do agora, portanto, este tempo é *a priori* à experiência do tempo objetivo (ALVES, 2007).

Sobre a constituição do tempo objetivo, podemos atestar que esse conceito envolve uma longa mediação pela autoconstituição da temporalidade imanente presente no fluxo de consciência e pela constituição intersubjetiva de comunidade. O tempo objetivo se constitui enquanto unidade transcendente da posição temporal no mundo, não se trata de um dado intuído, pois é produzido a partir de idealizações que operam em conjunto com as intuições temporais. Ao elaborar um processo de lembrança ou rememoração, o sujeito requer parcial acesso aos dados que formam a continuidade do tempo, portanto, a idealização é utilizada como recurso teleológico para levar ao limite a possibilidade da constituição de uma contínua série temporal (ALVES, 2007).

Considera-se o tempo objetivo então, como idealizado por momentos que ultrapassam a experiência de intuição temporal, é a figura manifesta de um tempo constituído como série linear de posições fixas no tempo. A realidade é o preenchimento deste tempo natural puro, que mantêm um fundo conectivo de causas entre o real, tendo por objetivo “preencher” os pontos temporais. O tempo objetivo é constituído por homogeneização dos pontos de tempo e mantido pelas idealizações, estas últimas formam uma série totalizante de momentos, cada um posicionado a rigor na série objetiva temporal. Aprioristicamente, o tempo está estruturado como intuição do tempo manifesto num fenômeno de fluência, fundamentado na ideia de conexão causal em relação ao transcendente. O fluxo do tempo é doador dos modos temporais, que altera o tempo objetivo conforme se modifica a corrente do fluxo, os modos de doação de sentido, a partir deste mecanismo, o fenômeno temporal aparece para o sujeito (ALVES, 2007).

O correlato essencial do tempo objetivo ou tempo do mundo empírico é a subjetividade absoluta transcendental, a mesma que doa sentido para a intuição do tempo fenomenológico, este último responsável por exhibir os atos constitutivos de manifestação do aparecer dos objetos eidéticos, os dados essenciais. A temporalidade visada de maneira ampla alcança todos os acontecimentos que se inserem no eixo de um determinado ponto temporal, qualquer alteração ou modificação repercutirá no seguimento de outro ponto temporal da mesma linha do tempo. A percepção do sujeito está dirigida por sua apercepção, pela qual aparecemos como nós mesmos aí e “agora presente”, tal percepção do agora é constituinte dos pontos temporais em uma única ordem ontológica de tempo que interliga o percebido ao ato de perceber. O tempo do perceber faz parte da temporalidade imanente subjetiva, enquanto o tempo do acontecimento diz respeito ao tempo do mundo [objetivo], geralmente ocorrem de modos diferentes e raramente são sincronizados ou simultâneos (ALVES, 2007).

A temporalidade é própria e interna à consciência, uma vez que dois sujeitos podem apresentar diferentes processos de vivência temporal, o cliente busca expressar sentido naquilo que vive, enquanto ele se dirige intencionalmente para compreendê-lo. A operação temporal imanente ao fenômeno da escuta suspensiva decorre de uma condição momentânea de cliente que projeta e tenta alcançar o próprio sentido do fenômeno vivido, que emerge e se manifesta na fala. Já o profissional se encontra num horizonte de temporalidade caracterizado como uma operação onde aguarda a fala do cliente e reconhece o sentido que se desvela; em um segundo momento operando de modo mais reflexivo, o psicólogo se encontra em condição de apreensor do sentido da experiência alheia, ajudando o cliente a elaborar o conteúdo vivencial por meio de conexões e articulações características da atitude de abertura à experiência do outro (BARREIRA, 2020, no prelo).

No decorrer da narrativa acontecem encadeamentos históricos, de complexidade da fala e experienciais. No fluxo temporal em que o relato é ouvido pelo psicoterapeuta e também pelo cliente, este ensaia uma escuta de si próprio, se desvelam possibilidades para que o sujeito se dê conta das ações advindas da própria consciência e que constituem o seu viver. O dar-se conta manifesta-se como momento de clarificação, onde a consciência enxerga com uma visada límpida o tema central de suas vivências, suspendendo hábitos de pensar introjetados pelo modo de operar naturalista, exteriores à consciência intencional e seu raio de desejo, reduzindo-os à memória. A compreensão no diálogo interpessoal se alcança no acompanhamento das motivações do cliente, que clarifica e esclarece seu estado de vivências, assim como seu encadeamento experiencial, objetivando clareza nos sentidos que

transcendem a experiência empírica e o entendimento de seus elementos vivenciais, se aproximando de uma descrição genuína da própria subjetividade.

O vínculo intersubjetivo deve prevalecer como rigor ético sob qualquer noção conceitual que venha a ser discutida num atendimento em Psicologia clínica, para que a coisa seja compreendida enquanto vivência, deve se aproximar da ligação com a particularidade do fenômeno, facilitando assim que o sujeito entre em contato e mergulhe nas suas questões mais íntimas e profundas, que podem ou não apresentar sintomas patológicos (BARREIRA, 2020, no prelo).

Conforme o cliente se harmoniza consigo mesmo e galga uma atitude personalista, se encontra aberto para falar da própria experiência, motivado pela escuta atenta do profissional que considera incondicionalmente a experiência alheia, se perfilando numa atitude congruente. Barreira (2020, no prelo) nos alerta para os obstáculos psicológicos que podem dar-se em um processo clínico de psicoterapia, são eles: os devaneios, o desinteresse na conexão interpessoal e ansiedade advinda de articulações sem a devida elaboração psíquica. O psicólogo estudioso do método fenomenológico empreende esforços para suspender pensamentos oriundos da interpretação causal, próprios da ciência natural, tais racionalizações são postas fora de circuito quando comparecem na mentalidade do profissional. A questão temporal aí envolvida tem a ver com o aproveitamento máximo do tempo efetivo [objetivo] em uma sessão de atendimento clínico, prevenindo o desperdício desse tempo cronológico em abstrações.

A operatividade temporal da escuta é determinada pela retenção que conecta sentidos e, se não antecipa possibilidades de sentido, presumindo onde essa chegará e o que significará, se constitui também pela protensão, *expectativa de* ou apenas devir, tensionamento à apreensão de um sentido global, de uma compreensão total da experiência que vem se expressando pela fala alheia (BARREIRA, 2020, p. 10, no prelo).

A totalidade da escuta psicológica deve ser compreendida se forem consideradas as diferentes perspectivas existentes na literatura, que orientam a atuação do profissional no enquadre contextual, uma psicoterapia, atendimento em plantão psicológico ou análise estrita de um caso. Somente com exame rigoroso dos pré-requisitos teóricos, se torna sólida uma prática embasada no processo experiencial de interlocução com o cliente, sendo esta a principal tarefa em termos de experiência profissional. A evidenciação das operatividades particulares às tarefas psicológicas passa pela compreensão das leis que esquematizam as racionalidades implícitas em diferentes abordagens, contextos de acolhimento e de pesquisa.

A tarefa da Fenomenologia se encontra ancorada na Psicologia enquanto arqueologia fenomenológica e antropológica, pois remetem às profundezas da intimidade do cliente, almejando assim acessar através da escuta a esfera da pré-reflexão, onde se constituem as experiências exploradas (BARREIRA, 2020, no prelo).

Diante do exposto, há necessidade de estudos empíricos da escuta, assim como da temporalidade, abrindo possibilidades para estudar o método fenomenológico em sua essência e na atitude personalista do psicólogo clínico. Embora a operação do tempo objetivo na escuta desponte como tema ainda a ser estudado no país, se pode introduzir por meio da bibliografia consultada. Por ser um tema importante tanto para a Fenomenologia quanto para a Psicologia, é imprescindível dissertar sobre o tempo objetivo e a experiência do tempo na consciência, com o intuito de entender como o sujeito opera na *hylé* [matéria subjetiva que compõe a percepção] falando e escutando, por meio da investigação da temporalidade objetiva com foco na experiência temporal do sujeito.

Conforme apresenta Alves (2007), o tempo na visão husserliana não é uma evidência fenomenológica, pois diz respeito a uma dimensão universal particular da consciência absoluta. Em última instância, a temporalidade que constitui o tempo objetivo não pode ser medida, pois não se relaciona com referenciais e estruturas fixas do saber natural, não sendo condicionada por qualquer que seja o processo material. A teoria transcendental fenomenológica está fundamentada na experiência pura, constituinte de objetividades na passagem da subjetividade a um “invariante intersubjetivo”. O tempo cronológico se diferencia do tempo intuitivo por essência, mas é por ele precedido e se transforma em tal tempo matemático a partir dele.

(...) o tempo objectivo não se passa num tempo mundano que suprima a conexão com a experiência subjectiva do tempo, mas que, ao invés, só há algo como um *tempo objetivo* enquanto tal tempo está radicado na experiência subjectiva do “presente”, do “agora” e da “passagem”. Numa palavra, aquilo que Husserl chamara a “ocasionalidade” das expressões que designam o temporal (o “agora, o “antes”, etc.) não é ultrapassável por expressões “fixamente determinadas”, que produzam uma determinação unívoca das relações de tempo (ALVES, 2007, p. 175).

Idealizações de tempo dizem respeito precisamente à fixação de fronteiras limítrofes entre os conceitos de “ponto temporal” e de “porção de tempo”, tais idealizações constroem verdadeira ponte entre o tempo fenomenológico e o tempo matemático. “Enquanto série de pontos temporais com uma relação fixa [antes depois] e uma direcção de conjunto [a ‘flecha’ do tempo] poderão, então, ser exibidas as propriedades formais do tempo” (ALVES, 2007, 176). Apoditicamente se verifica que a questão central do íterim entre o tempo objetivo e o

tempo subjetivo, está relacionada à compreensão do modo como o tempo intuitivo passa em nossa experiência para uma matematização do tempo, a partir das objetividades advindas na experiência temporal. O alerta está dirigido para o processo constitutivo, pelo qual o tempo vivido desemboca no tempo mundano, uma vez que o desvelamento atribui significado às operações aí envolvidas como realizações [*Leistungen*] subjetivas (ALVES, 2007).

Já elucidadas as diversas formas de manifestação da temporalidade na Psicologia e na clínica, se abre a possibilidade de pormenorizar o estudo da relação entre tempo e método fenomenológico.

## 4.2 Tempo e método

A Fenomenologia é uma ciência orientada para a funcionalidade do sentido intencional, constituindo através do método, a vivência intencional da consciência de modo transcendental. A Psicologia contemporânea se purificando, ressignifica sua epistemologia em uma análise fenomenológica estrita, renovando assim a racionalidade científica dessa área do conhecimento. Em sentido fenomenológico, a tarefa da razão passa a ser de restituir o sentido originário de unificação do espírito com a natureza, considerando o Mundo da Vida base de reflexão axiológica para fundação do conhecimento (SENRA, 2020).

O sujeito vive em um meio cultural que opera pela propagação de informações, reflete sobre si e sobre o mundo graças à consciência, possibilidade cognitiva de operação reflexiva frente a um objeto. O fenômeno não se encontra localizado na consciência, mas é presentificação na consciência de algo percebido, lembrado, representado ou imaginado, se apresentando à consciência cada uma a seu modo. A Psicologia, priorizando a consciência carece de problematizações acerca do mundo interno, relacionados às funções psíquicas superiores, de maneira que possa tematizar racionalmente o mundo interno. Para isso é sugerido um exame fenomenológico dos atos intencionais para resolver assuntos psicológicos de ordem interna (SENRA, 2020).

A atenção flutua pelos pontos de seu próprio campo em um movimento de concentração [aproximação] e dispersão [afastamento]. Por meio da experiência de momento, se pode situar a interrupção relativa à experiência anterior na atenção presentificada. A experiência total do ser em relação à humanidade não é momentânea, mas absoluta, constituindo a momentaneidade do antes e do agora, operando assim uma perpétua antecipação do porvir. Em última instância, retenção e protensão representam a identidade

entre percepção e cognição, logo, a retenção se trata de uma categoria perceptiva, enquanto a protensão projeta o anterior na intuição que antecipa a expectativa (SOUSA, 2018).

Sendo a expectativa uma fantasia sobre o “como poderá ser” dos fenômenos, o futuro pode ser ressignificado no enredo existencial pelo estabelecimento de novas propriedades relacionais no devir do sujeito que se dirige à mudança. Tal operação existencial demora tempo considerável e um esforço empreendido para o êxito, a própria realização do sujeito. Por meio do exercício da concentração, se desenvolve capacidade de atenção plena presentificada, tal fenômeno depende de uma apurada captação da percepção momentânea. No presente se localiza a temporalidade, que é percebida enquanto se percebe o tempo de forma absoluta, se estendendo em um antes e depois, doa significado ao pensamento, o qual tem por fonte primordial a experiência (SOUSA, 2018).

É possível constatar assim que: consciência de objeto, consciência do outro [empática] e consciência do mundo são três perspectivas distintas da dimensão intersubjetiva da temporalidade. O pensamento captura o presente já passado que é projetado em direção ao futuro, os quais por sua vez estão imersos em vivências de passado e de futuro que determinam o sentido vivencial do fenômeno. A identidade entre sujeito e objeto já idealizada passa à retenção ou protensão pelo mecanismo do pensamento, unificando instersubjetivamente duas consciências ou mais. “O desejo é a substância da experiência e da temporalidade; mas é, principalmente a do sofrimento. A natureza do sofrimento é temporal. Ele é formado por dois componentes básicos: medo e frustração” (SOUSA, 2018, p. 198).

Sendo a consciência de caráter ontológico, não é possível se aprofundar no tema por meio da ciência natural, pois ela está na gênese da própria significação da vida psíquica e de tudo que se conhece como pressupostos. Fenômeno e consciência funcionam na Fenomenologia enquanto correlação interdependente, mas é tarefa da consciência de mundo definir o fenômeno como dado manifesto à pessoa na esfera de sua vivência psíquica, intelectual, valorativa e imaginativa. A experiência da consciência evidencia o conhecimento no sentido fundante do conhecimento das coisas por meio de um ato originário intuitivo, porque uma adequada justificativa do conhecimento se encontra pautada na fundação do conhecimento em três níveis entrelaçados: o ato do conhecimento, o conhecimento estrito e o modo de significação (SENRA, 2020).

Já a experiência empírica, encontra sua validade a partir da depuração do conhecimento experienciado, por sua vez, o percebido apenas passa ao nível da reflexão na medida em que se torna dado puro da consciência. A presença da coisa ou pessoa que se manifesta, aparece em sua corporeidade preenchendo a intenção, fornecendo significado no que se refere à

maneira própria do fenômeno enquanto objetividade, também estabelece o nexo intencional entre objeto e evidência intuitiva (SENRA, 2020).

No método fenomenológico, a experiência deve dar início ao processo de conhecimento. A definição de consciência, em Husserl, encontra ecos da filosofia kantiana. A implicação da tese kantiana de que o Eu deve poder acompanhar todas as suas representações na medida em que são representações de um mesmo Eu, acaba se tornando atualizada no método fenomenológico de Husserl (SENRA, 2020, p. 135).

Atestamos assim que, a presentificação é o caminho pelo qual se pode elucidar a relação cognoscitiva com a objetividade, que opera na estrutura enquanto direcionamento da consciência fenomenológica universal. Já a imanência consciencial contrasta com a transcendência do objeto, ou o que é pressuposto no significado objetual. Tal aproximação entre as polaridades acima citadas estão sob responsabilidade da atitude indagadora do pensamento, com vias para clarificar as problematizações subsequentes. A Fenomenologia se apresenta à Psicologia como possibilidade de superação do dualismo cartesiano estático na ciência teórica e aplicada, se aproximando cada vez mais da natureza da experiência consciente e também evitando reducionismos, assim como buscando agregar conhecimentos neurofisiológicos que possam alcançar a consciência (SENRA, 2020).

No início dos estudos filosóficos sobre temporalidade, Santo Agostinho acreditava existir apenas o tempo presente, enquanto grandeza matemática, desprovida de extensão e divisível ao infinito. Com a finalidade de esclarecer a extensão temporal, se averigua que o tempo não é material, não possui um corpo, nem solidez. Embora exista conceituações acerca do tempo físico ou objetivo, ontologicamente independente do sujeito, que atua sobre o espírito. O tempo objetivo em verdade, se situa na *hylé*, fazendo parte do processo noemático empreendido pela consciência, nada tem de abstrato (SOUSA, 2018).

É possível abstrair o tempo objetivo e torná-lo cronológico, representando-o na forma de uma linha reta ou imagetivamente como um fluxo que pode ser medido por alguém consciente-de-si na experiência subjetiva. “Para a experiência ser temporal, é necessária uma ação a tornar passado e futuro presentes. Esta é a ação de uma atividade cognitiva – ou de uma das funções gerais da cognição – denominada ‘atenção’” (SOUSA, 2018, p. 10).

Já a duração da experiência, se constitui na simultaneidade da aparição do antes e do depois à percepção subjetiva. Em Kant, tal temporalidade subjetiva está relacionada à forma de experienciar o ser temporal, reduzindo seu conteúdo à condição de coisa-em-si. Todavia, os estudos husserlianos demonstraram a importância da retenção, que dirigida ao passado

imediatos, opera no sujeito enquanto percepção de presente, abrindo assim, um leque de possibilidades para o estudo da extensão temporal. Uma das principais questões apontadas pelas investigações na área almeja esclarecer o presente fenomenológico, memória e expectativa em uma relação de interdependência entre tais instâncias da dimensão temporal, as quais tem potencial de auxiliar na solução do paradoxo entre duração e instante [momento]. A pesquisa qualitativa na área busca a explanação do horizonte fenomenológico, com bases na observação experiencial e na análise dos conceitos (SOUSA, 2018).

Sendo a percepção da sucessão uma problemática central no estudo da Fenomenologia da temporalidade, se elencam a memória e a expectativa enquanto presentificadas, momentaneamente, no passado e futuro imediatos. Tal ato presentificativo é realizado pela atenção, a fim de que sejam evitadas pressuposições. A presentificação reforça o caráter tético [existencialidade] do método fenomenológico aplicado na clínica, elucidando a atenção como conceito essencial operante na percepção de sucessão. O estudo do tempo objetivo se mostra necessário nas ciências que trabalham a existência do ser e do mundo externo, por exemplo, a Psicologia e a Antropologia, que extraem daí seus dados e baseiam suas teorias neste ínterim, entre sujeito e meio ambiente. Todavia, segue sendo a temporalidade subjetiva e autônoma em sua essência primordial (SOUSA, 2018).

O primeiro mérito de Husserl é ter reconhecido, no presente fenomenológico, a antecipação do futuro imediato como contrapartida à retenção, embora esta “protensão” (para utilizar a expressão do autor) tenha pouca relevância em seus escritos. Seu segundo mérito é, portanto, não ter negado a participação da retenção e protensão na percepção do evento presente. E o terceiro consiste em tentar mostrar como retenção e protensão podem ser perceptivas (SOUSA, 2018, p. 15).

As ideias oriundas da atitude fenomenológica projetam um horizonte de sentido, onde tais ideias são fundadas ontologicamente na consciência pura e não são resultados de manipulações ou pressuposições. Visando o objeto intencionalmente, voltamos às ‘coisas mesmas’ “e no limite fenomenológico ‘ver-se a si próprio’, alargar a consciência a ponto de tornar-se ‘autociente’, justificando a razão da universalidade ou intersubjetividade” (SENRA, 2020, p. 140).

A individualidade de uma psique não é justificada pela dimensão espaço-temporal, mas antes, pela razão de ser alcançada pelo conhecimento elementar de si, buscando o melhor modo de vir a conhecer algo. A subjetividade não pode ser reduzida à funcionalidade do aparelho biopsíquico, uma vez que tal melhoramento cognitivo não pode ser medido por escalas valorativas da Psicometria. Reconhecendo que a psique está para além das habilidades

intelectuais e do funcionamento cognitivo, se evidencia a necessidade de maiores investigações sobre a temática do sujeito transcendental, que por vias de transcendência, desvela novos conceitos auxiliares na compreensão do mundo da vida e de nós mesmos (SENRA, 2020).

Tendo a ciência inicialmente seu estilo temporal, investe no saber epistemológico para alcançar um patamar supratemporal, que vale para as pessoas de todas as épocas, algumas tarefas são necessárias a partir daí segundo o referencial fenomenológico como, superar a ingenuidade do naturalismo objetivante, desmistificando assim a cisão total antiquada entre corpo e consciência [natureza e espírito]. Após uma análise guiada pela *epoché* fenomenológica, o sujeito encontra possibilidades para reconstruir seus próprios valores e normas, sem uma dependência iminente da exigência alheia, que é o mundo exterior ou a realidade dos fatos (SENRA, 2020).

Eu obtenho algo que tem certos predicados. Os predicados são palavras a que chego segundo uma regra determinada. Isso se relaciona com as coisas do mundo dado na intuição. Para cada coisa posso encontrar palavras e proposições que sejam sempre verdadeiras – mas estas também são verdades, fórmulas verdadeiras, resultados de cálculos verdadeiros com estes símbolos em relação ao método técnico, no qual eu, ao manejar as coisas, sempre encontro e espero poder encontrar sempre estes símbolos. Mas por quanto tempo? E assim como as outras pessoas? Ora, nós julgamos, qualquer conhecido examina encontra no método o mesmo – mas como há cem anos? (HUSSERL, 1934/2009, p. 661).

A mudança na consciência do tempo se dá primeiro partindo de uma modificação retencional das impressões primordiais recentes que são percebidas, embora a impressão primordial atual não se modifique, pois aí se encontra o momento presente. Portanto, a retenção se constitui na sequência de precedentes impressões primordiais. A duração cronológica de uma retenção estendida é sempre discreta, semelhante ao que ocorre no ato de apreensão dos dados, que opera fenomenologicamente em conjunto com a impressão primordial. A extensão temporal ganha sentido por meio da “cauda de cometa” que acompanha cada impressão primordial e segue em uma crescente gradação de retenções (SOUSA, 2018).

Uma vez que as protensões antecipam possibilidades, cabe à consciência decidir entre elas. Unificam, portanto, o ato e o conteúdo, ambos são unificados numa cadeia simultânea de sucessões. Já a cauda do cometa, diz respeito ao percebido que permanece presente mesmo após cessar o estímulo neural, se modificando, aparece transformado como passado imediato. “As modificações temporais não se produzem por estímulos, e não são sensoriais. O estímulo produz o evento presente. Uma vez cessado, o evento passa, gerando de si representações

fantasista com determinação temporal modificada” (SOUSA, 2018, p. 73). Depois de cessado o fenômeno, o evento passa, assim como sua representação, a qual gera outra, esta nova representação está anexada à que lhe precede e segue gerando outra nova, assim sucessivamente *in infinitum*.

O passado se torna presente a partir de sua entrada na esfera da intuição originária do tempo, sendo, portanto, o momento temporal “passado” um momento presente na experiência da passagem do tempo. A depender da apreensão dos atos da consciência, é ela quem determina se a consciência vigente em um *setting* é constituída pelo agora, pelas fases passadas do fenômeno em questão ou se trata da consciência de fases que ainda virão. Uma vez que os conteúdos são desprovidos de qualquer determinação de tempo, apresentam seu sentido por meio de um caráter atemporal, são materiais para construção da apreensão de constituições temporais (SOUSA, 2018).

A matriz retencional é a essência constituinte da experiência direta de permanência e duração, elo que serve de base para a experiência de sucessão. Já que a impressão primordial dá conta apenas do fenômeno de momentaneidade, discreto e efêmero com relação à linha temporal. São as memórias do sujeito que representam o passado vivido, enquanto as retenções presentificam o passado em sua imediatez, fornecendo subsídios para que o fenômeno seja percebido enquanto coisa ela mesma. Cabe à imaginação, constituir fantasias e/ou imagens memorizadas; e os conteúdos vividos tanto na experiência retencional como na rememorativa, se misturam uns aos outros no decorrer do percurso no contínuo de retenções do tempo, tornando-se distinguíveis apenas por fases de tempo, as quais se pode também denominar de fases intencionais da consciência temporal (SOUSA, 2018).

Retenção é uma espécie de memória fenomenológica enquanto representação da consciência original pretérita na imediatez em que o fenômeno se dá à percepção. Já a memória é a representação do passado retido, que outrora fora imediatamente percebido. Em delongas, retenção na terminologia husserliana é percepção do passado. Percepção neste caso, não nos remete à sensação, porque diz respeito ao material captado pela consciência original. O ato perceptivo apesar de unificado é distinto na maneira de se dar em três níveis básicos da dimensão tempo, são eles: o presente [impressão primordial], retenção [passado imediato] e a protensão [antecipação do futuro imediato]. A validade da duração da consciência interna do tempo se evidencia em cada ponto da duração de um objeto temporal e sua retenção como consciência “do que apenas acaba de ser” (SOUSA, 2018).

A vivência original pretérita é retenção enquanto memória primordial, a retenção é produto da reflexão sobre a percepção. Todavia, a percepção do fenômeno que sucede outro é

distinta da percepção de algo dado no espaço. A intuição referente ao tempo ou espaço será determinante para a clareza objetual que se dirige à completa apreensão. A intuição sensível permite ao objeto apreendido se dar por inteiro à percepção, apresentando-se assim com clareza, porém, tal intuição pode também alcançar níveis transcendentais, onde se torna doadora de sentido. Fenomenologicamente falando, algo intuído está claro, e algo não intuído é o que ainda jaz na obscuridade (SOUSA, 2018).

A percepção da sucessão possibilita a apreensão do evento presente por parte do sujeito, que sintetiza o objeto temporal juntamente à imediatez do dado. O objeto retencionado não é somente algo possível de lembrar ter sido percebido, mas se estende até o momento do agora e se manifesta como ainda existindo no presente. Na retenção, o presente não se dá ao lado do passado imediato, mas estão ambos unificados. A percepção da unidade é que permite uma percepção total, tal ato perceptual do todo é uma unidade temporalmente distribuída entre passado e presente. O que se designa por evento retido diz respeito a um objeto temporal percebido anteriormente, que pode vir a ser recordado na consciência presente [relembrado], já o evento fantasiado na imaginação não é percebido, nem rememorado por vias de recordação secundária (SOUSA, 2018).

A intuição dá o objeto inteiro à percepção. Para cada parte ou propriedade sua, há o ponto de vista mais adequado. No *continuum* dos pontos de vista há, em cada caso, o mais satisfatório. Trazer um objeto à intuição é apreendê-lo *sucessivamente* pelos pontos de vista mais satisfatórios. A representação obscura formada a partir de um único ponto não é intuição, mas pode servir de base para a síntese intuitiva (SOUSA, 2018, p. 82).

São atos psíquicos puros que constituem a consciência transcendental, assim como os atos temporais puros constituem a consciência absoluta do tempo, todavia, estes atos são desprovidos de conteúdo, pois assumem a forma de consciência constitutiva do tempo. A doação de sentido que denota a unidade temporal da consciência é fornecida pela consciência absoluta temporal, enquanto as fases do fluxo são simples consciências purificadas do objeto manifesto no tempo imanente. “Para Husserl, não somos conscientes de fases passadas e futuras da experiência, mas de sua unidade com a do presente. Na percepção está contido o passado imediato e a antecipação de possibilidades imediatas, não sendo possível discerni-los na experiência em ato” (SOUSA, 2018, p. 86). O enunciado fenomenológico estático não vai além da experiência imanente, mas se caracteriza antes pelo discernimento reflexivo em um processo reflexivo operacionalizado sobre o dado fenomenológico.

A consciência é o objeto filosófico por excelência, porque na Fenomenologia é sinônimo de razão. Tendo uma origem universal, o método fenomenológico não é

incompatível com investigações naturalistas, mas requer um redirecionamento da “visada” para uma redução do problema a ser questionado. Tal consciência é definida pela intencionalidade, está para além dos estados mentais e fenômenos psíquicos, a *psique* neste caso, é tratada como *intentio*. Consciência e temporalidade são conceitos de operação da base do método fenomenológico, de modo a ajustar os enunciados numa descrição que contemple os atos intuitivos e intencionais. O psicólogo é coparticipante na função de elucidar o sentido ou *eidos* universal, objetivo da vivência consciencial (SENRA, 2020).

Apreendendo essências através da intuição, se capta o sentido da relação apriorística do ato enquanto dado do conhecimento. Uma vez que a Fenomenologia se apresenta como ínterim da equação entre racionalismo e empirismo, supera o dualismo sujeito-objeto na maneira de expressar a aparição do fenômeno [didaticamente], pois a experiência só pode ser considerada consciente se tal concepção de consciência for pautada na ideia da apreensão cognitiva particular. Por meio de uma indagação cognitiva, é possível representar a formação do objeto com tal propriedade, que seja compatível com a validade formulada e enunciada racionalmente. Procurando esclarecer a consciência como atividade reflexiva, partindo de seus atos intencionais até os sentimentos e emoções emanados na relação vincular da clínica, se promove uma conversão do modo que percebemos o mundo natural e sua relação com o mundo espiritual (SENRA, 2020).

A intencionalidade é a direção pura ao passado retido [da recordação secundária] e também ao futuro antecipado. Possibilita se pensar a temporalidade como conceito estrito e constitui o agora percebido. Enquanto a retenção ou recordação primária é percepção do passado imediato que repete a percepção do presente imediatamente prévio, o passado e o futuro distantes só entram na percepção por meio de um ato volitivo da evocação ou de uma expectativa. Em última instância, a retenção retém objetividades dadas a partir da percepção intencional do mundo, objetividades são conteúdos intencionais, sentidos ou significados do que acaba de passar. Retenção, protensão e impressão primordial são parte da estrutura noético-noemática do ato de estar ciente (SOUSA, 2018).

Logo, se a percepção da sucessão dura um segundo ou mais e a fenomenologia da temporalidade husserliana dela dá conta, não há nada mais a ser explicado. Porquanto a percepção da sucessão é contínua, não havendo sem ela temporalidade, se ela estiver “amarrada”, todo o “fluxo de consciência” também estará. [...] A fenomenologia da temporalidade a dar conta de um segundo explica a totalidade do tempo (SOUSA, 2018, p. 91).

Na multifacetada noção husserliana de temporalidade, a retenção representa a memória, mas também se apresenta de modo imediato; a sensação é atemporal e restrita ao

agora [impressão primordial], assim como se torna temporal estendendo-se ao longo dos três níveis da consciência temporal: retenção, protensão e impressão primordial. Assim, o passado e o futuro presentificam uma maneira de dar-se que é apreendida pela percepção no presente discreto. A sucessão de “agoras” enquanto dado fenomenológico está determinada pela atenção operante no exercício de concentração no aqui-agora. Husserl descreve o tempo subjetivo do presente como “unidade imanente da duração constituída numa série de fases retencionais”, deste modo, a temporalidade fenomenológica está orientada para o presente discreto, que não é possível medir por vias cronológicas, porque constitui pré-empiricamente o tempo objetivo (SOUSA, 2018).

Todo esse horizonte temporal nos vem à consciência por meio da percepção, a experiência sensorial cotidiana atesta que, se prestar atenção, logo se é consciente daquilo, todavia não se presta atenção em todo fenômeno dirigido à nossa consciência. “Estritamente falando, não existem desejos inconscientes. Somente as relações entre desejos ou entre um desejo e um medo, por exemplo, podem ser inconscientes” (SOUSA, 2018, p. 156).

Se a atenção determina a diferenciação do fenômeno percebido, a cognição no método filosófico significa o mundo já consciente, abrangendo todo o conteúdo consciente. A cognição opera por meio da atenção e trabalha com os estímulos sensoriais a fim de alcançar sentidos, assim como significados oriundos da atividade do pensamento ou atos da consciência. O sentido fenomenológico de crescimento, por exemplo, está relacionado à gênese do sujeito. A partir do nascimento, o bebê se transforma em um ser adulto com o intuito de alcançar a realização de si mesmo. A adaptação do sujeito a outro jeito de ser demonstra que, se encerra um ciclo em suas vivências no fluxo temporal à medida que supera desafios, perigos e dificuldades. Cresce espiritualmente conscientizando-se de seu devir no mundo, promovendo mudanças no sentido de identidade para a pessoa (SOUSA, 2018).

A angústia enquanto mola propulsora do crescimento e também do sofrimento humano, tem como característica essencial uma intuição temporal da vivência que não faz mais sentido no presente, impulsionando o sujeito a buscar outros sentidos vivenciais mais ajustados à sua consciência atual. A percepção do tempo é uma das funções da cognição, uma vez que na esfera temporal já opera a cognição de tempo. Consciência denota um “estar ciente” que espelha um objeto ou outra consciência através da intencionalidade, a atenção se dirige do sujeito transcendental ao objeto temporal enquanto atividade intencional. Percepção e atenção operam somente na cognição, portanto é por meio desses conceitos gnosiológicos que podemos compreender a consciência pelo vetor da atenção, determinante primeiro da dinâmica temporal (SOUSA, 2018).

[...], a análise da relação entre atenção e consciência não pode se restringir ao sensorial; é necessário analisá-la relativamente à atribuição de sentido. Por esse viés, esclarecemos a percepção sem consciência e sem possibilidade de evocação mnêmica posterior. Com efeito, o sensorial é relativo à percepção, e a atribuição de sentido à cognição. Na atenção, faz-se a identidade entre percepção e cognição (SOUSA, 2018, p. 163).

A natureza do tempo é subjetiva e independe de qualquer objetividade, apenas analisando as relações entre “anterior” e “posterior” é possível esclarecer a orientação da temporalidade para um estado de mudança. Portanto, o conteúdo do que se relembra em uma sessão de psicoterapia ou qualquer atendimento psicoterapêutico tem um caráter relacional, que contrasta em correlato com o aparelho sensorial, é retido e antecipado conforme designações do fluxo. Antecipação é um reflexo condicionado que se desenvolve na experiência transcendental, porém, opera em um sentido independente a esta (SOUSA, 2018).

Identificar e distinguir o que são nossas questões e quais são os *modus operandis* alheios, independentes de qualquer intervenção, requer uma visada depurada alicerçada na plena atenção voltada aos atos intencionais da consciência. O afastamento reflexivo nos auxilia nessa tarefa e a relação empática nos garante maior convicção na psicoterapêutica exercida em serviço, tais enunciados estão entrelaçados também ao conceito de linguagem, por onde é expresso o pensamento e se desenvolve em simultâneo, ideias que assim também estão referenciadas a determinado modelo linguístico (SENRA, 2020).

A presentificação se evidencia adequadamente para eliminar o pensamento recorrente de frustração com todo o passado sendo posto em parênteses, todavia não significa uma não utilização do conteúdo retencional do cliente para fins de análise, mas antes uma orientação para o nível do presente momento, categoria de potencial expressivo para uma elaboração psíquica que demande uma ressignificação do universo pessoal. Na experiência ordinária se evidencia a percepção do presente velado pelo passado, por projeções e anseios. A vivência de passado e de futuro são constituintes da consciência de percepção do presente momento. É importante ressaltar ainda que o passado retido é um conjunto de eventos pretéritos, não sendo, portanto, o passado retencionado *per si* (SOUSA, 2018).

É sabido até então por meio dos estudos fenomenológicos que a temporalidade corresponde a um fluxo ou linha, que se estende temporalmente na experiência de tempo e lhes doam sentido para fins de descrição. Se o único presente da realidade é temporal e dinâmico, então para haver tal noção de tempo se faz necessária uma consciência, apesar de, no momento presente, fenomenologicamente momentâneo, a duração se operar de maneira

distinta da real duração medida através do tempo físico [cronológico]. A partir da experiência transcendental, há um empreendimento do sujeito para alcançar um mundo das essências de valor intersubjetivo, pois o conceito de sujeito requer parâmetros de compreensão ontológicos que transcendem o mundo material dos organismos e das células em direção ao mundo fundamental da espiritualidade, intrínseca à natureza humana (SOUSA, 2018).

Por qual critério a atenção se pauta para diferenciá-la de forma correta? Nenhum além dos estabelecidos pela própria subjetividade. Esta diferenciação não atende ao comando voluntário; não atende à subjetividade *pessoal*, obedecendo apenas à *impessoalidade* da subjetividade idêntica em todo sujeito. Logo, obedece apenas à subjetividade universal, pertencente a mim, a você, a todos, *livre* para fundamentar a realidade. A subjetividade obedece apenas a seus critérios na diferenciação e sequenciamento dos momentos da consciência (SOUSA, 2018, p. 206).

A partir do conceito de mundo da vida [*Lebenswelt*], o sujeito estudado em Husserl, transcende a categoria de solução lógica, se tornando também base de reflexão axiológica e ética. Tal conceito não tem a ver com a realidade externa, pois é uma intelecção espiritual pura, apriorística às ciências factuais. O mundo da vida se trata de uma cosmovisão estrutural compartilhada por uma comunidade de sujeitos. A representação desta comunidade se dá pelos atos intuitivos que convocam à consciência “a instituir uma versão sobre a *res extensa*. Na intersubjetividade os valores e juízos sobre o mundo são ensinados, divididos e solidificados nas comunidades familiares, nacionais ou supranacionais” (SENRA, 2020, pp. 152-153).

O que se denomina mundo objetivo ou natural é na verdade, produto de elaboração espiritual operante no mundo da vida, que é apriorístico à realidade material e oriundo da subjetividade transcendental, fundante da objetividade que oferece significação à consciência. Visto que o saber fenomenológico deve se bastar a si próprio enquanto apriorístico, sem apoio de saberes naturais posteriores, alcançando autonomia perante à atitude naturalista, se supera o objetivismo e se avança no desenvolvimento de saberes próximos às questões espirituais, considerando a consciência uma crítica restituidora da autenticidade, da autonomia e do sentido legítimo de vida humana. Autônomo e pleno, o sujeito transcendental retorna ao esclarecimento das coisas por elas mesmas através de uma depuração da visada intencional, e busca o sentido de sua vida na reconciliação entre a objetividade científica e o aspecto valorativo do *Lebenswelt* (SENRA, 2020).

A consciência é o fundamento intencional do universo representado no *logos* do sujeito transcendental e a recíproca também é verdadeira. Já os conceitos de sujeito e objeto, são codependentes numa relação ontologicamente fundada. A noção de subjetividade

transcendental é uma noção conceitual alicerçada no entendimento de que todos os sujeitos são idênticos para a ontologia, existindo, portanto uma unidade no conjunto de seres humanos. “E isso basta para defendermos a tese sobre a subjetividade e a autonomia da temporalidade”, uma vez que o organismo e/ou cérebro não abarcam a totalidade da subjetividade humana para almejar pretensões de fundamentá-la (SOUSA, 2018, p. 211).

A subjetividade transcendental busca alcançar a sucessão temporal dos fatos de acordo com os atos da consciência, em total sintonia e coerência com o significado expresso pelo fenômeno que se manifesta, tal sucessão temporal é de caráter subjetivo, mas está fora do controle cronológico da subjetividade individual. Os fatos ordinários do cotidiano são as evidências elaboradas a partir dos atos puros, os quais são intuídos pela consciência pura, para então manifestar tais objetividades como fatos. Estas últimas representam a realidade objetiva percebida pela consciência temporal, também referente ao que é imaginado. A imagem mental adequadamente fenomenológica do tempo diz respeito a um fluxo ou uma linha temporal, assim se apresenta a essência do esclarecimento sobre a temporalidade (SOUSA, 2018).

“Quem faz a identidade e a desfaz em diferença é a consciência. Da identidade feita diferença decorre a percepção da sucessão” (SOUSA, 2018, p. 227). As evidências afirmam que a fundamentação ontológica do tempo fenomenológico pode ser aprofundada através de estudos que engendrem uma nova perspectiva para as pesquisas sobre a consciência interna do tempo. O vazio existencial que procede de um sujeito carente de si e também evidencia que ele se relaciona intersubjetivamente de modo precário, aí reside a raiz do sofrimento. A partir do momento em que o cliente passa a conviver em seu ambiente de maneira significativa para si e para os outros, alcança estrita superação da cisão ingênua, que é a noção de separação total entre si e as coisas naturais, aderindo quantas vezes forem possível uma postura fenomenológica para melhor entendimento do que é vivenciado.

Somente pela via da atenção plena se pode encontrar uma verdadeira superação da dicotomia material empírico-racionalista. Na fenomenologia da temporalidade, o sujeito transcendental realiza suas íntimas intenções se relacionando com os outros, daí a necessidade de um estudo do tempo fenomenológico para compreender a relação entre sofrimento e atenção. “Especificamente sobre Fenomenologia da Temporalidade, o maior de todos foi Husserl, indubitavelmente. É de impressionar o esforço do autor em tentar traduzir o intangível. [...]. Difícil apreendê-la mesmo pela reflexão” (SOUSA, 2018, p. 228).

Se a representação comum da experiência temporalmente estendida é uma linha direcionada a um sentido, tal fluxo sai de uma gênese para se realizar e concluir em uma fase do tempo, como um rio que corre para a foz. A consciência pura do tempo que encontramos

na experiência psicológica diz respeito à duração cronológica de um momento fenomenológico, independente de quanto tempo o fenômeno dure. A subjetividade encarnada na cognição é temporalmente estendida desde a memória recente até a expectativa, antecipando e retencionando o tempo fenomenológico com a finalidade de manifestar a duração temporal no momento presente que é captado pela percepção. A consciência se temporaliza na relação entre sujeito e objeto, dando forma à própria intencionalidade (SOUSA, 2018).

### 4.3 Aspectos clínicos da fenomenologia do tempo

Até aqui já se faz importante esclarecer que trabalhando com a Fenomenologia em uma investigação genética do quadro clínico de um cliente ou grupo psicoterapêutico, foi aprofundada a dimensão afetiva e racional por meio da consciência pré-reflexiva, que sedimentada por retenções, expectativas e desejos, se constitui enquanto consciência temporal histórica. Por meio da articulação dinâmica entre as consciências envolvidas no processo psicoterapêutico, o profissional se torna capaz de descrever fenomenologicamente os níveis dos conteúdos experienciados pelo sujeito, promovendo uma investigação da gênese do processo psíquico responsável pelo estado atual do Eu (SOUSA, 2014).

Para Husserl, o *self* nunca é estático, absoluto e definido, antes está situado num *Living Present*. Isto significa que o *self* está ininterruptamente para além do momento presente, influenciado pela sua história passada, condicionado pelas suas expectativas, implícitas ou explícitas, futuras. A consciência intencional nunca *está* apenas no momento presente, habita nesse paradoxo de ser-aí presente, que vivencia a sua existência através de um fluxo temporal que é concomitantemente um estar-no-aqui, um estar-aqui-já-não-é e um estar-aí-que-está-para-ser (SOUSA, 2014, pp. 22-23).

O processo de “tornar-se” ou “vir a ser” é abordado pelo fenomenólogo enquanto constituição do tempo que também se constitui no tempo, considerando a pessoa como centro de um mundo físico que a circunda; uma vez que o sujeito monádico e o ambiente externo se correlacionam em uma condição de interdependência, se percebe o meio através de uma visada própria, “um mundo para mim”. O vivido é o código genético identitário do sujeito transcendental e não é captável em sua totalidade, apenas de maneira parcial é possível analisar uma subjetividade alheia. A intersubjetividade se constitui pelo horizonte de sentido da pessoa que doa significados aos objetos e aos outros, de modo a se reconhecer através do espaço intersubjetivo. A constituição temporal estando diretamente relacionada com a

intersubjetividade alude também à constituição do mundo e o dar-se conta do Eu integral, operando em uma sistemática de forma interdependente e simultaneamente (SOUSA, 2014).

A Fenomenologia husserliana aborda ainda, temas relacionados à memória, motivação, influência dos afetos e das emoções, se trata de uma vasta fonte de investigação do método fenomenológico em relação ao sujeito transcendental. É possível investigar as profundezas da existência subjetiva por meio do método genético. O sentido constituído no tempo possui caráter histórico e a ele se remetem todas as experiências vividas, pois o princípio da investigação se encontra na gênese dos significados oriundos de motivações intencionais, tanto as pré-reflexivas como as elaboradas pela razão. Deste modo, o método fenomenológico está direcionado em sua essência para a depuração dos conteúdos significativos, os quais estão sedimentados na consciência e que influenciam intersubjetivamente o “jeito de ser” ou a personalidade de alguém e suas respectivas experiências (SOUSA, 2014).

A teoria da consciência interna do tempo tem como objetivo fundamentar o projeto fenomenológico com o intuito de compreensão da subjetividade transcendental e suas possibilidades, constituintes dos entes do mundo da vida enquanto se constitui a si mesma. O objeto em sua extensão temporal é captado pela percepção, que por sua vez está direcionada para o fenômeno, seja uma melodia ou a manifestação da consciência refletindo sobre si mesma. Já a retenção, enquanto “momento que passou agora a pouco”, nos possibilita acesso ao momento presente e simultaneamente “afunda” no pretérito; enquanto a protensão se define pela intuição do momento que virá a acontecer (SOUSA, 2014).

Assim, na consciência interna do tempo, a retenção e a protensão não são, nem passado em futuro, em relação à impressão primordial, mas dadas em agregado com esta última. Os termos impressão primordial – retenção – protensão, expressam o modo como a consciência apreende situações de mudança, por exemplo objectos temporais, apreensão essa que não decorre no tempo empírico no qual se encontram os objectos (SOUSA, 2014, p. 26).

A totalidade da extensão temporal se caracteriza pela percepção do objeto temporal como um agora, e, no entanto, decorre em um contínuo [fluxo], portanto, tais consciências de momento se conectam no presente, possibilitando assim se ter uma noção da extensão temporal do objeto nesse contínuo. Retenção e protensão são “atividades passivas que ocorrem em uma acção intencional”, logo, o sujeito não tem sobre tais conceitos uma atividade consciencial ou contributo ativo da consciência. Por outro lado, a rememoração

[recordação secundária] e a antecipação são intencionadas enquanto atos independentes, que dependem apenas parcialmente da ação do sujeito ou de sua voluntariedade (SOUSA, 2014).

A Filosofia científica apriorística, que possibilita um nexos unitário entre as ciências físicas e do espírito declara a necessidade do método fenomenológico para análise rigorosa do fenômeno, ao ponto em que a descrição pudesse elucidar a maneira mais aproximada de como realmente se deu a manifestação da objetividade na consciência pura. A Fenomenologia transcendental fornece bases para o alicerce de uma Psicologia Fenomenológica, incluindo todos os estratos da existência enquanto possibilidade de ser. Todos os juízos de valor e de existência são suspensos em suas conotações temporais e espaciais, com a finalidade de alcançar um nível mais alto de certeza científica nos resultados de suas investigações. A redução fenomenológica objetiva o estabelecimento das condições genéticas, necessárias para autêntica apreensão dos conteúdos descritos nas análises fenomenológicas de maneira pura, inicial, originária (MELO, 1980).

Vivência é o vocábulo que abarca todas as experiências internas vividas, tudo que ocorre no âmbito da consciência de um sujeito. Caracterizadas ainda como os próprios conteúdos imediatos da consciência individual ou da realidade que cada um percebe, representa ou idealiza. Uma experiência vivenciada se designa no sentido de *Erlebnis*, que significa vivência ou experiência interna [subjéctiva]. No ato da compreensão dinâmica ou genética, não estamos preocupados com as relações causais dos fatos, mas sim, em pôr tais relações mundanas entre parênteses com o intuito de alcançar as profundezas dos nexos vivenciais, ao descrever seus elos de conexão significativa, doadora de sentido. Reconhecendo a “coisa mesma” ou a essência do fenômeno, se pode então identificar o fio que conduz o acontecer consciencial (MELO, 1980).

“A compreensão meramente intelectual de um pensamento, símbolo, figura, tipos de pessoas ou situações, problemas, significados, valores [...], representa nada mais que um meio de conduzir à sondagem profunda e à penetração real, efetiva, na vida anímica” (MELO, 1980, p. 171).

Se toda compreensão em sentido eidético é sempre eminentemente *einfühlend* [empático], oriunda de um contato interpessoal, então a relação empática com o *alter ego* [outros] tem conotação direta com a organização da vida anímica, assim como a desorganização do meio em que vive o sujeito pode explicar um desajuste de sua parte, numa relação empática com a intersubjetividade no mundo da vida, onde o sujeito sofre interferências do ambiente e simultaneamente também influi nos acontecimentos externos. Em suma, toda compreensão psíquica ou existencial requer necessariamente um caráter

empático. Para isso, se alicerçou no método fenomenológico como caminho para uma pesquisa adequada e fundamentada numa ciência rigorosa. A noção de fenômeno está relacionada com a base do conceito de intuição em sua imediatez própria, que doa ao processo intuitivo o caráter fenomenológico, se distinguido da percepção em sua circunscrição eidética. A intuição se dá, portanto numa dimensão pré-reflexiva anterior à percepção, inclusive fornecendo as condições para o desencadeamento do estágio perceptivo na consciência (MELO, 1980).

[...] se verifica na *reflexão fenomenológica*, eminentemente descritiva e ateorética, voltada para a captação da compreensão de estruturas e modos de organização intencional da consciência. [...] a essa *reflexão fenomenológica*, está adjudicado o conceito de *redução (epoché)*, [...], ao qual se vincula estreitamente a distinção capital e necessária entre *fato e essência* (MELO, 1980, p. 178).

A teoria da consciência interna do tempo está diretamente interligada com a formação da subjetividade. A evidência de o ato tem sempre de estar dotado da intencionalidade é compreensível, porque apenas desta maneira é possível que algo diferente de si, se manifeste à consciência, ao mesmo momento que tal ato se constitui a si enquanto fenômeno vivido. Sendo o fluxo da consciência e o ato intencional partes indissociáveis, se integrando na retenção, evidenciam assim sua intencionalidade duplicada. Tal teoria se estabelece como estudo da temporalidade ao mesmo passo em que investiga a noção de identidade presente no tempo, num presente que é abertura de possibilidades para análise fenomenológica das vivências subjetivas. “O fluxo da consciência temporal é o nome de uma consciência pré-reflexiva e esse fluxo [...] não é um acto intencional, um objecto interno ou uma unidade temporal, mas uma dimensão permanente e básica da consciência humana” (SOUSA, 2014, p. 30).

A essência se caracteriza pela atualidade e o ato é a vivência intencional, uma “atualidade temporal presente”, se distinguindo em: atos imanentes, aqueles referentes à própria consciência, e atos transcendentos, os quais estão direcionados para o meio externo, sem necessariamente estar vinculada a uma realidade empírica. Ao se verificar as vivências intencionais inatuais, se evidencia o valor da possibilidade enquanto algo intencional na periferia ou às margens do horizonte da consciência. O objeto apodítico na Fenomenologia é alcançado por meio das reduções e de rigoroso esforço de depuração do instituído, para assim descrever uma consciência absoluta enquanto verdade aferida na própria consciência. Se por acaso existe uma verdade, Husserl exige que tal seja universal e humana, produzida por

diálogo e oriundas de intercomunicação entre as consciências envolvidas no processo intersubjetivo (MELO, 1980).

“Relativamente ao problema do *tempo fenomenológico*, [...], é ele, para Husserl, aquela propriedade imanente da consciência, que empresta *unidade e conexão à corrente de vivências*, [...]. Está visto que cada vivência isolada possui sua duração intrínseca” (MELO, 1980, p. 182).

As três dimensões temporais: retenção, impressão primordial e protensão, concorrem no fluxo do tempo em constante continuidade, todas operadas a partir da intencionalidade da consciência, unem-se em uma só dimensão, a de atualidade [retencional e prospectiva], evidenciando assim a temporalidade enquanto dimensão imanente à consciência pura. As experiências que percebemos ter no mundo e com outras pessoas se encontram em um nível pré-reflexivo, no fluxo temporal da consciência íntima; tal perspectiva não pode ser captada por meio de temas racionalizados factivamente, pois estão mergulhadas em potencialidades, em um horizonte de possibilidades. Trata-se, portanto de um eu interno à consciência do tempo, originário e primordial, que engloba a dimensão perceptiva da fluência e da permanência dos estados psíquicos, formando uma unidade temporal, ou seja, um fenômeno para além da relação entre sujeitos, todavia tendo seu porquê, ou significação doado justamente pela intersubjetividade em questão (SOUSA, 2014).

A facilitação de acesso à consciência subjetiva da pessoa se dá pela ligação direta dos fenômenos experienciais à perspectiva própria de significado de mundo, sistema que opera graças à dimensão primordial, pré-objetiva à constituição do sujeito e atemática. Estando o eu experiencial diretamente ligado à identidade, agem ambos em relação de codependência, sendo objetos do processo psicoterapêutico enquanto tematizações reflexivas apropriadas para análise do eu real [momentâneo] e suas pretensões para alcançar um ideal, em contrapartida à percepção de si. A captação das vivências alheias está no núcleo da análise fenomenológica em psicopatologia, sendo necessário descrever, delimitar, distinguir, precisar e apresentar com o maior rigor possível e da maneira mais clara os fenômenos que se passam na experiência do cliente.

Para essa captação das vivências mórbidas alheias, mister se faz que o psicopatólogo não apenas se limite a registrar os dados objetivos e subjetivos, direta ou indiretamente obtidos, pela observação e o interrogatório. É necessário que ele se ponha conscientemente em jogo, de forma a confrontar, mercê de sua capacidade de ressonância empática, o que é revelado pelo enfermo com o que de si próprio sabe, por intuição ou por experiência. Apreenderá assim o compreensível dos fenômenos psíquicos mórbidos, suas variações de quantidade e qualidade, suas conexões de parentesco e derivações, não-causais, mas motivacionais (MELO, 1980, p. 178).

A partir de então, é possível melhor compreender as características essenciais da Psicologia pura e da subjetividade transcendental, tema da sessão seguinte.

#### 4.4 Psicologia pura e a subjetividade transcendental

Na prática da Psicologia clínica, o cliente narra suas experiências conflituosas, fornecendo ao psicoterapeuta um “dado fenomenológico bruto”: a vivência a ser analisada. Se apropriar do dado fenomenológico e desenvolvê-lo é tarefa do profissional que facilita o processo psicoterapêutico, extraíndo da escuta conteúdos que podem ser analisados em uma perspectiva contemporânea e holística. A fala devolutiva do que foi escutado pelo cliente se faz essencial no processo, pois se trata de uma devolução-espelho da experiência de escutar a vivência relatada e de forma elementar, experienciar o vínculo terapêutico. O psicólogo atento questiona o sentido das devolutivas em coparticipação com o cliente e sonda junto com ele a possibilidade de encerramento das sessões. O sentido vivencial da experiência do cliente deve estar em conformidade com a perspectiva de primeira pessoa, para que a análise fenomenológica possa ser útil e as intervenções eficazes no solo apodítico das evidências. Revelando o sentido da vivência, o profissional se depara com a atitude de ajuda em prol do desenvolvimento eurístico e da capacidade de esclarecimento do cliente, além de sua autonomia (SOUSA, 2018).

A psicoterapia esclarece a experiência do vínculo entre psicoterapeuta e cliente(s) a partir da própria experiência temporal dos atos intencionais da consciência. Enquanto psicólogos e fenomenólogos, é compreensível a temática do dado fenomenológico como pauta das investigações clínicas em Psicologia, se restringindo ao arcabouço teórico científico de rigor elaborado por Husserl e seus contemporâneos, assim como os colaboradores. “Logo, o dado fenomenológico bruto deveria ser resolvido apenas pelo dado fenomenológico refinado [...]. Isso não significa invalidar *a priori* o trabalho científico ou outras abordagens filosóficas” (SOUSA, 2018, p. 237). Tais abordagens psicológicas serão postas em seus devidos parênteses sob a égide da *epoché*, uma vez que se tem como principal pretensão, esclarecer a temporalidade em campos fenomenológicos de compreensão da consciência e seus atos intencionados na experiência temporal.

O anúncio da consciência íntima do tempo como fundamento fenomenológico da consciência temporal para alcançar evidências apodíticas, se dá por meio de pesquisas que englobam o horizonte temporal, o qual se constitui enquanto fluxo de vividos e se manifesta

nas três dimensões temporais: passado, presente e futuro. Uma vez já debatidas aqui algumas questões acerca do eu puro, foi constatado tratar de uma subjetividade eidética manifesta no fluxo de vividos, que abrange todas as vivências e formas de imanência deste ego transcendental. Tal subjetividade absoluta é de caráter atemporal e, no entanto, se constitui para nossa percepção por meio do seu exercício de autonomia em sua gênese significativa, a qual reside no princípio da temporalidade, no fluxo temporal. Designamos, portanto, que tempo é o próprio modo de desdobrar-se de uma unidade absoluta subjetiva (THOMÉ, 2008).

A subjetividade enquanto núcleo perceptivo de qualquer referencial de juízo se manifesta apenas por meio de sua entidade constituinte, a temporalidade. Nesse sentido Thomé (2008, p. 13) argumenta que: “[...] a auto-aparição do fluxo absoluto se dá propriamente nos horizontes infinitos de abertura do temporal, porque é só a partir dos horizontes de passado e futuro que vida subjetiva pode retomar-se e anteciper-se”. Deste modo, se demonstra a necessidade de estudos da temporalidade, para dar cabo de uma investigação mais ampla da subjetividade absoluta enquanto unidade e de seu processo autoconstitutivo no fluxo temporal.

A análise fenomenológica em um trabalho psicoterapêutico ou filosófico tem seus pilares, os quais são: na vivência, no significado [sentido] e no objeto (THOMÉ, 2008). Tudo que vive neste mundo é presentificado no momento determinado em um fluxo de modificações temporais. Tais modificações que acontecem ao longo da vida de um sujeito, se dão no fluir dos “agoras” e constitui o *Leben*, unidade da vida no ego puro. Descrever tais modificações é função do psicólogo, independente do tipo de trabalho psicoterapêutico instaurado, por estar diretamente relacionado com a ferramenta da escuta, e esta, por consequência, com a consciência temporal.

A problematização da subjetividade enquanto constituinte de si própria e do percebido no limiar da reflexão, transcendendo o mecanismo de ação e reação, propõe ao olhar clínico, a possibilidade de se dispor por meio da espontaneidade, um ambiente propício para eclosão do universo de significados do cliente. Subjetividade e tempo são dois lados da consciência que unifica todas as vivências, a consciência absoluta transcendental. Husserl reconhece no estudo do tempo, proeminente núcleo fenomenológico, o qual engloba a sucessão, a duração e alteração, que se manifestam na consciência temporal. O dado fenomenológico é, pois, marca do caráter sucessivo da temporalidade, conceitualizado na modificação temporal (THOMÉ, 2008).

Uma vez que o objeto temporal se constitui na consciência íntima do tempo, compreende uma relação originária entre a noção de sujeito e a temporalidade imanente.

Estando dotados de extensão temporal, os objetos temporais são fonte esclarecedora de estudos fenomenológicos e/ou psicológicos, devido ao conceito mais complexo de sua estrutura, participam diretamente em uma ampliação do conceito de objeto na ciência geral. São em sua essência, dados e apreensões de tempo imanentes aos vividos já reduzidos fenomenologicamente. Em termos psicológicos, a cognição está relacionada ao objeto temporal transcendente, consequência última no mundo empírico do objeto temporal imanente, que se encontra na esfera da consciência (THOMÉ, 2008).

Os fenômenos que ocorrem no fluxo das vivências são partes constituintes do tempo fenomenológico, no modo como tais fenômenos se dão para a consciência temporal, doando sentido e aparecendo no momento presente. É chamado também “momento de agora haver percebido”, o qual se distingue do agora perceptivo, que por sua vez é parte exclusiva do processo da percepção (THOMÉ, 2008, p. 64). O agora perceptivo se caracteriza enquanto relação entre a percepção e a consciência, à qual o objeto está referido e que para ela aparece.

Para Husserl (*apud* Thomé, 2008), modificamos nossa percepção da manifestação dos objetos temporais a partir da modificação da apreensão que temos deles. Se entende por aparição ou manifestação, a esfera em que visualizamos a forma em que as coisas se dão para nós, que é a própria vivência imanente.

O movimento irruptivo da vida se dá em uma dinâmica dos “agoras fluentes” que se desdobram para o passado e futuro, no constante fluxo de vividos. Vida é vivacidade presente, por conseguinte, unidade do fluxo perpétuo que emerge da consciência originária enquanto consciência temporal. Se considera a proto-impressão o conceito que funda absolutamente a produção do tempo, tal como fonte originária da fluência dos agoras, já a retenção se caracteriza como consciência originária de passado. Neste contexto, ambas, retenção e proto-impressão se unem em uma consciência originária que se manifesta enquanto unidade viva. Tal é o conteúdo essencial do trabalho descritivo do profissional, alcançar a essência das condições que possibilitam a modificação da consciência ou mudança da personalidade, por meio da descrição das visadas intencionais de tempo, do modo como o fluxo temporal se modifica, assim como seus conteúdos (THOMÉ, 2008).

Os conteúdos percebidos e os conteúdos recordados se distinguem pela intencionalidade que os constitui, ou seja, a diferença da visada intencional capaz de modificar qualquer conteúdo imanente. A efetividade da percepção se encontra justamente na estrutura originária constituída pela apreensão. Em outras palavras, as apreensões de passado, presente e futuro estão relacionadas à temporalidade porque antes se percebe a constituição fenomenológica desta cadeia nos atos que engendram o contínuo de atos apreensivos, que

caracterizam o fenômeno em sua aparição. A percepção trata, portanto, de um puro agora [*reine Jetzt*], e a recordação engloba o conjunto de fases da continuidade do agora (THOMÉ, 2008).

A Psicologia Fenomenológica enquanto estudo descritivo das vivências psíquicas singulares e coletivas, utilizando o método filosófico com o intuito de retornar à experiência do sujeito para descrevê-la de maneira mais aproximada, considerando o horizonte vivencial do cliente e o vínculo terapêutico que se estabelece num serviço de psicoterapia, requer do profissional autenticidade e transparência para consigo mesmo. Parte daí um esforço fenomenológico para voltar-se ao sujeito transcendental e esclarecer o ego cartesiano, em sua atualização husserliana de um ego mais profundo, transcendental. Este último constitui os objetos que lhe aparecem na experiência transcendental, atingindo o âmago da vivência ao estabelecer, a princípio, uma estrutura *a priori*, o caráter ideal da experiência. Por meio da suspensão dos preconceitos, se supera a dicotomia que cinde o elo entre fato e essência, contribuindo assim para a dinâmica do emergir de um sentido, advindo da sensibilidade de determinado sujeito (DEPRAZ, 2011).

Por meio do arcabouço fenomenológico, se evidenciam as vivências singulares que dão forma à consciência imanente, sendo os estados vivenciais e os conteúdos, assim como os atos da consciência mecanismos agregados à estrutura da experiência vivencial propriamente dita. As vivências podem ser de tipo: empática, lógica ou de percepção, averiguando que apesar de sua imanência, não é estritamente interna à consciência, pois está contemplada pela primícia da intencionalidade. Se tornando ato de consciência, a vivência anima a matéria sensível, atuando enquanto *noese*, uma vez que visa um objeto correlato, seu *noema*. Buscamos assim esclarecer a operatividade da vivência intencional, se baseando no retorno às “coisas mesmas”, pois toda intuição doadora e originária é considerada fonte segura para o conhecimento (DEPRAZ, 2011).

Em termos de essência, o acesso às profundezas da consciência do sujeito se dá por iniciativa dele próprio somente quando converte transcendentalmente sua realidade, suspendendo-a, e passando a considerar apenas os “resíduos” monádicos ainda restantes da *epoché* radical: a consciência pura ou eu puro. “Também o gesto da *epoché* não é somente inaugural e terminal ao mesmo tempo, ele é igualmente total. Eu me ponho a mim mesmo em suspenso enquanto *ego* natural absorvido no mundo” (DEPRAZ, 2011, p. 40). O *ego* transcendental é o renascimento do sujeito, que aniquila uma identidade de modo fictício para experimentar a plenitude da consciência pura, ou ao menos se esforça em direção a tal

perspectiva por meio da mudança ou de uma melhora de qualidade de vida, hábitos e de sua saúde integral.

Por meio da redução transcendental, suspendemos o *ego* da realidade natural com o intuito de ampliar os horizontes de significados sobre as coisas, as pessoas, o mundo e a si mesmo. A constituição do ser temporal está dotada do sentido emanado pela percepção de mundo ou “vivência particular dos fenômenos”, uma vez que o mundo está dado para mim, sobretudo em vias de significação e não em sua existência estrita enquanto conjunto de coisas mundanas. Portanto, o modo de ser das coisas se determina pelo sentido que lhe é atribuído, elas estão dispostas conforme uma configuração consciencial que opera em termos de potencialidade intersubjetiva, a qual é manifestação das relações interpessoais em geral, cuja à matriz denominamos consciência ou subjetividade absoluta (DEPRAZ, 2011). A relação de ajuda que caracteriza um atendimento terapêutico está diretamente ligada à maneira como encaramos o mundo e a vida enquanto existência de uma inteligência egóica, que encontra sua plenitude em propósitos coletivos ou que exigem o mínimo de cooperação de uma consciência alheia. Seus resultados e eficácia dependerão exclusivamente de uma cristalização benéfica da relação psicoterapeuta-cliente, desde o material de descrição até a contemplação de modos alternativos de manutenção do bem-estar na sociedade.

Refundar filosoficamente uma Psicologia pura é tarefa da Psicologia Fenomenológica e a ciência que daí resulta equivale ao saber transcendental, ampla área do conhecimento e verdadeira tecnologia filosófica ao dispor dos psicólogos clínicos e/ou comunitários. O *ego* transcendental em sua amplitude abarca uma infinidade de objetos mundanos, o qual advém dos atos intencionais, por meio da visada fenomenológica que antecede o desvelar ou tornar-se. Tais atos se caracterizam como de percepção, imagéticos, de empatia, de juízo ou volitivos. “O ato perceptivo, a esse respeito, é para Husserl o ato de base de toda edificação dos atos de consciência” (DEPRAZ, 2011, p. 46). A partir do ato perceptivo se origina uma possível rememoração [recordação secundária] do objeto, em seguida, a imaginação do mesmo, e por último, a possibilidade de uma consciência alheia alcançar tal percepção, a seu modo.

O fenômeno que funda uma experiência subjetiva é aquele requisitado no polo objetivo [material] para constituição da alteridade consciencial. Pela referência a algo ou alguém [objeto], um fenômeno pode se dar para nossa percepção enquanto fenômeno referencial. É importante a essa altura ressaltar que, são os fenômenos e a intencionalidade os fios que conduzem a uma motivada descrição fenomenológica do vínculo psicoterapêutico, e consequentemente, resultados que estejam de acordo com o quadro clínico do cliente, que são

decorrentes da aproximação entre horizontes vivenciais em uma relação de ajuda. O ato da visada intencional está diretamente relacionado ao início dos estudos sobre a *epoché* fenomenológica, processo atencional onde o foco se move do objeto para o ato da visada, tratando a descrição como gênese da vivência objetual, com a finalidade de alcançar a consciência. A partir do desenvolvimento dos estudos sobre o método fenomenológico, se comprovou que a possibilidade de uma Psicologia Fenomenológica é a mais adequada alternativa, por oferecer uma reflexão de base sobre o método filosófico das reduções (DEPRAZ, 2011).

A noção de horizonte na fenomenologia nos aponta para a evidência de que o futuro se constitui enquanto presente vivo. A integralidade de uma vivência se encontra no horizonte de expectativa para que assim sejam constituídas puras possibilidades, as quais se modificam constantemente no fundo e vazio horizonte do fluxo temporal, possibilitando que o presente vivo se manifeste. A pura compreensão do fluir parte do esclarecimento do fluir enquanto horizonte de fundo ainda não preenchido, onde o objeto temporal flui segundo as intenções que lhe norteiam o surgimento e duração, ou seja, a fluência que compõe o fundo temporal onde emerge a unidade da consciência temporal (THOMÉ, 2008).

Segundo a descrição fenomenológica genética, a temporalidade se origina através de um fluxo absoluto de vivências, é também a origem do eu puro e começo da vida subjetiva, absolutamente em relação ao que se expande enquanto temporalidade vivida. Embora em sua origem, dotada de um caráter atemporal [*zeitlose*], o fluxo se temporaliza no momento após seu surgimento, na posição de “último e verdadeiro”. Sendo assim, a possibilidade de irrupção de um fluxo constitutivo de tempo está diretamente associada à condição de liberdade de existir numa subjetividade absoluta, constituída por vividos do eu puro (THOMÉ, 2008).

Segundo Depraz (2011) é de interesse da comunidade de estudiosos[as] da Fenomenologia estar a par da impossibilidade da Psicologia Fenomenológica se adequar ao método genético da Fenomenologia, este desenvolvido em estudos avançados e que devem constar como objeto de pesquisa no campo da Filosofia, a princípio. Os temas da consciência, as vivências, são, em última instância, objetos imanentes à própria consciência, não transcendendo, portanto, às camadas genéticas da relação estabelecida pré-reflexivamente. Uma vez que a principal tarefa da Psicologia Fenomenológica na clínica é apreensão de unidades essenciais, conducentes ao sentido que se instaura através da percepção de modo imanente. “Crisol sensível da doação subjetiva de sentido, o mundo tem por virtude concretizar o sujeito, o qual então se nomeia com o termo leibniziano de *mônada*, temporal, e habitual, formado pela história e atravessado pela comunidade” (DEPRAZ, 2011, p. 53).

A *epoché* utilizada na clínica psicológica deve considerar primeiramente a desconstrução de nossas associações mentais, que são elaborações deveras racionalizantes e rotulantes, ideais de vida e bem-estar, assim como de sociedade. Tal método sugere uma imersão no horizonte do outro, por meio da instauração de uma relação empática como motor que impulsiona o processo psicoterapêutico para seus fins de tratamento psíquico. Por meio da suspensão dos preconceitos, esposamos o mundo, sem nele se absorver, em virtude de uma subjetividade à flor do mundo, partindo da lógica de predicados que lhe é imanente (DEPRAZ, 2011).

O tempo objetivo já reduzido, não possui mais uma dimensão psicológica, ao passar para o estrato fenomenológico das modificações temporais, estruturas que corresponderão à fluência do presente vivo e que se manifestam sob o modo de cadeias de proto-sensação, as quais começam e findam em plena constância. A modificação temporal se trata de uma lei que opera na forma comum do agora, único fluxo da consciência com o qual trabalha a fenomenologia genética, que trata da gênese temporal. Destaca-se, portanto, a intencionalidade como estrutura fundamental para compreensão e descrição do fluxo temporal em seu caráter unitário. O fluxo é apodícticamente de caráter inalterável, não acontece qualquer modificação em sua estrutura fundamental, há sim modificações com relação à sua constituição íntima temporal, conforme os processos de impressão, retenção e protensão (THOMÉ, 2008).

Com relação à constituição do tempo e dos objetos temporais na consciência interna da temporalidade, podemos distinguir em três níveis seu modo de doação e significado: o tempo empírico, de caráter objetivo e experimental; já o segundo nível, se refere aos fenômenos que constituem o tempo imanente enquanto percebido; e o último, determina todos os outros, é constituinte de toda espécie de fluxo temporal, o terceiro nível, da consciência absoluta. Se evidencia assim, a codependência do estudo simultâneo da subjetividade em conjunto com o tempo, para correta compreensão da relação essencial entre essas duas temáticas em solo husserliano. A consciência é instância eterna em sentido transcendental, dinâmica em relação à dimensão eidética que se encontra sob a forma de amplitude temporal, plena e distendida no fluxo do tempo (THOMÉ, 2008).

Se a atualidade do agora não é uma posição essencial, e sim parte atuante do fluxo imanente da consciência a qual cria expectativas sobre o futuro, que recorda o passando, tematizando-o, então é a partir desta fluência que a vida se manifesta em um refinado processo de reflexão, constatando sua posição temporal, assim se estrutura a possibilidade vivencial. O tempo tem um papel catalisador enquanto agente de aberturas significativas da

consciência que autoconstituem a subjetividade, pois o tempo se constitui no processo autogenético da subjetividade. Estudar o conceito de tempo na fenomenologia husserliana é tarefa essencial para detecção da irruptividade da vida efetiva e da subjetividade absoluta, enquanto esfera ideal (THOMÉ, 2008).

É importante também ressaltar que em matéria de estudos husserlianos, nenhuma subjetividade absoluta pode ser apreendida como objeto por qualquer profissional sério que utilize o método fenomenológico de rigor, pois o sujeito e toda sua alteridade não pode ser coisificado [objetificado] por nenhuma técnica que intervenha em si próprio, no caso da psicoterapia mais precisamente, em sua personalidade. Compreendendo o tempo fenomenológico em seu caráter transcendental, imanente à esfera da consciência, se evidencia a si mesmo pelo processo de passagem ou transcorrer, temporalizando e abrindo horizontes para o passado e o futuro, assim como o presente vivo. Esclarecendo, portanto, o fato de o tempo não ser uma transcendência, mas o próprio transcender-se da consciência (THOMÉ, 2008).

Evidenciado o caráter originário da subjetividade absoluta enquanto instância que aparece como unidade no fluxo de emergências de novas proto-impressões. Tratar-se-á da constância do fluxo temporal, onde se constitui a unidade temporal imanente e também o caráter unificador do fluxo, onde também se esclarecem as fases da extensão temporal que são tidas por intencionalidades do fenômeno, em qual cada uma possui seu raio retencional correspondente. A continuidade destas mônadas ou unidades no fluxo englobam uma multiplicidade de objetos temporais vivos e dinâmicos, portanto, a partir do gradual afundamento no passado, as vivências se alteram constantemente sem perder sua identidade de mônada, por ser vivência contida em um fluxo (THOMÉ, 2008).

É importante esclarecer ainda que o fluxo sempre é aberto em sua liberdade de constituição, uma vez que é a totalidade articuladora das vivências temporais. Tendo em vista que o processo constitutivo da unidade de um objeto temporal e do caráter unitário do próprio fluxo, acontecem concomitantemente em um único e mesmo fluxo, resta ainda tarefa árdua no estudo de como se constitui a temporalidade imanente pela ação da subjetividade absoluta, doadora de formas e transcende a imanência estrita [pré-imanente]. O fluxo temporal absoluto é esfera prévia, possibilitador de qualquer manifestação, porém está condicionado à auto-aparição na unidade da vida subjetiva, por ser instância geradora da unidade vivencial, a consciência absoluta aparece para si própria como “tendo-se” e “vendo-se” temporalmente, pois é na visada intencional que o fluxo intemporal [*unzeitlich*] deve aparecer para a consciência (THOMÉ, 2008).

A possibilidade de captação do fluxo temporal está condicionada pela forma de unidade subjetiva que aparece no tempo, a visada intencional acompanhada de uma reflexão, apreende ou capta a estrutura da *Erinnerung* [recordação], em contínua busca por esclarecimento ou busca de sentido em seus estratos constitutivos. Refletindo, o sujeito volta os questionamentos sobre si mesmo, se enxergando enfim como uma obra incompleta, ainda por se definir na unidade do fluxo infinito, que é apreendida no sentido de idealidade kantiana. O ser do mundo de vividos busca aperfeiçoar o proceder perante a si e aos outros, com a finalidade de tornar mais plena suas vivências, amenizando sofrimentos psíquicos oriundos das dificuldades e desafios característicos da existência, por isso, através da *epoché* purifica o dado e a percepção que apreende o conteúdo, tornando-o, portanto, um dado puro captado por uma percepção reduzida fenomenologicamente (THOMÉ, 2008).

Ao retomar a compreensão kantiana de ideia como progressão ilimitada de idealidades, focamos na essência do conceito de ideia, sua constante progressão ao infinito, fragmentando suas definições e por fim, indefinindo-se. A totalidade da subjetividade absoluta diz respeito ao nexos essencial do horizonte de vividos, o nexos articula a totalidade da consciência subjetiva enquanto abertura vivencial com os vividos singulares. O horizonte ideal é condição para que alguém busque tornar a personalidade mais saudável, pois a plenitude do ser está diretamente relacionada à abertura da consciência para as essencialidades do horizonte sadio, que se destina ou se aproxima. Tendo em vista que o sujeito “se faz” no constante exercício de retomada dele mesmo, por meio das retenções; e se projeta no meio através das protensões, as realizações de uma individualidade ou de uma subjetividade transcendental são sempre efetivações de idealidades, se efetivando enquanto uma realização parcial da ideia ou tema central (THOMÉ, 2008).

A análise husserliana da temporalidade está embasada na vivência do sujeito consciente que experiencia a ação e a transcendência. A partir da constatação de que o instante pontual é na verdade dotado de uma extensão dinâmica de “agoras”, o tempo presente passa então a ser conceituado de maneira fenomenológica, adicionando a referência da continuidade temporal, que são os atos vividos, os quais Husserl nomeia retenção e protensão. A percepção temporal da qual trata o filósofo, vai além daquela oriunda dos sentidos, que estão direcionadas ao meio externo, pois retenção na Fenomenologia corresponde à consciência do sujeito e os atos que lhe são próprios. Husserl alude à percepção da passagem do tempo objetivo como uma dinâmica da passagem contínua de impressões a retenções, já o tempo subjetivo é percebido em sua constituição mesma ao cabo da redução fenomenológica e transcendental (DEPRAZ, 2011).

Seja qual for o nível da experiência vivida pelo sujeito, da ínfima à marcante, tal percepção está relacionada de modo imanente à temporalidade, que mantém sua estrutura tripartite: impressão originária, retenção e protensão. Constituído por uma dimensão genética, o fluxo temporal absoluto é originariamente afetivo em todas as suas formas de dar-se. A experiência do tempo acontece de modo originário, considerando a síntese da totalidade absoluta de objetivação e o sujeito transcendental que doa sentido à percepção objetiva. “É porque o fluxo originário e absoluto do tempo me afeta tanto, senão mais, que eu sou capaz de afetá-lo. [...] assim aparece o papel constitutivo da *hylé* {materialidade afetiva} a respeito da temporalidade vivida (DEPRAZ, 2011, p. 71).

O pensamento, se configurando enquanto apreensão do fenômeno que se manifesta à consciência empresta fragmentos à percepção quando assistimos passivamente à chegada de formações imaginativas, recompondo o ato perceptivo por meio de um entrelaçamento, intrincando-se à percepção. A evidente correspondência entre o percebido e o imaginado destaca a co-originalidade e o entrelaçamento de ambos, além do caráter de continuidade. A função da imaginação é um tanto metódica se considerarmos a possibilidade de aparição das idealidades, que são possíveis atos intencionais, em detrimento da empiria, objetiva e material. Assim como a *epoché*, o ato imaginativo também suspende a realidade atual para que a consciência transcenda aos estratos de significação dos atos da consciência (DEPRAZ, 2011).

A imaginação como ato, não de tornar presente o ausente, mas de se deslocar mentalmente ao lugar ocupado por outrem, corresponde ao método imanente do próprio ato empático. Ela é, além de lembrança, um ato de consciência que desdobra o ego em um eu efetivo e um eu imaginado. Diferente do ato de rememoração, que desdobra o ego em um eu presente e um eu passado, mas insiste sobre a unidade essencial do primeiro (DEPRAZ, 2011, pp. 78-79).

A meta de esforço da humanidade é efetivar a ideia como abertura de possibilidades a serem realizadas, uma vez que a ideia é passível de ser intuída, nos é dada espontaneamente, ou seja, também aparece para nós além dos mecanismos reflexivos, a ideia não se restringe apenas à possibilidade de pensamento, mas se resignifica também em sentimentos, emoções e vivências de cunho espiritual. Acompanhando o caráter próprio de progressão à infinitude, a ideia, apesar de sempre indefinida, é apreendida como um “dado absoluto e indubitável”, por meio de uma visada intencional da unidade do fluxo. É de interesse da Fenomenologia também, o modo de dar-se dos objetos temporais, sejam eles finitos ou infinitos; a atualidade do potencial constitui a união entre o que é percebido enquanto fático e os de caráter eterno,

entre o empírico e o transcendental; distinguindo concomitantemente tais dimensões conforme a *epoché* envolvida na suspensão fenomenológica que se evidencia, configurando a atualidade da concretude empírica e efetiva da vida mortal, e a atualidade potencial da infinitude, que é a ideia da vida ou subjetividade absoluta (THOMÉ, 2008).

Deste modo, o que a relação entre infinito e finito vem mostrar de mais profundo é que para compreender esta relação de modo radical, deve-se voltar para o “lugar” onde se dá propriamente a sua separação, que é também o lugar de sua fundamental união. É necessário, portanto, voltar-se ao movimento genético de eclosão de tempo: a dinâmica de abertura do *presente vivo*. Pois é aí que a subjetividade se auto-origina como atualidade do potencial e é também aí que a atualidade do efetivo tem a sua origem, enquanto é efetivação [mesmo que parcial] da fluência do *presente vivo* (THOMÉ, 2008, p. 93).

Na relação empática que decorre entre os envolvidos em uma relação de ajuda, em um *setting* da clínica psicológica, lidamos com dois *egos*, o próprio e o do cliente. O ato empático de maneira nenhuma nos faz pensar como o outro ou adentrar em qualquer identificação com o cliente, uma vez que promove aprendizado imaginativo ao evocar o descentramento da figura do psicólogo ou psicoterapeuta como especialista detentor do saber hegemônico. Deste modo, ampliamos o próprio *ego* até por algum momento esquecer que o outro é um diagnosticado ou desvalido, todavia, o profissional da escuta não pode se tornar o outro, este se aproxima ao menos de seu universo simbólico e de significação, sem destruir a unidade singular que é a subjetividade do terapeuta (DEPRAZ, 2011).

A relação empática se instaura logo no início do encontro interpessoal com o cliente, pois a intersubjetividade se caracteriza primeiramente pelo seu aparecer precoce em relação a outros fenômenos, também sendo de extrema constância. O *ego* transcendental é o ápice de integração do sujeito relacional, que interage com o mundo de modo consciente, suspendendo os preconceitos ilusórios e retificando crenças impuras. A posição avançada desse *ego* último constitui todo objeto que se apresenta com um sentido unificado, incluindo o estranho e alheio, que é o outro [cliente], autônomo e de caráter constitutivo. A teoria da transcendência nutre a Fenomenologia de um olhar mais amplo se comparada à egologia, pois é por meio do contato com o choque da singularidade que se constitui o outro, possibilitando acesso à esfera transcendental (DEPRAZ, 2011).

“Constituímo-nos um pelo outro e um com o outro segundo o modo de uma síntese passiva. Além das percepções, das sensações comuns, a experiência empática se apresenta originariamente como uma prova interafetiva, onde cada um recebe do outro afetos” [...] (DEPRAZ, 2011, p. 84). A constituição da vida psíquica e/ou intersubjetiva de alguém se dá através dos afetos, atestamos tal princípio apodítico pela descrição do início da

interafetividade, desde quando as vivências são compartilhadas até o período prévio à alta do cliente. Porque na historicidade do vínculo terapêutico se experimenta também maior profundidade no horizonte particular alheio, se configurando como mecanismo de aproximação ao outro na relação de ajuda característico da intersubjetividade.

Ao interrogar a gênese das experiências conflituosas do cliente, o psicólogo ou psicoterapeuta media uma possibilidade de emancipação da consciência alheia do meio externo através da *epoché*, com o intuito de alcançar um processo vivencial adequado à tomada de consciência da situação experienciada pelo cliente e sua própria alteridade egóica, ou simplesmente sugerir o encaminhamento, caso o profissional enxergue qualquer impossibilidade para constituir o *rapport* [vínculo], essencial para o desenvolvimento do trabalho psicoterápico, conseqüentemente para a evidência de uma terapêutica eficaz. O *ego* transcendental buscando uma atitude fenomenológica equilibra os polos objetivo e subjetivo, integrando-os na práxis do método filosófico, portanto, estar atento, consciente e vigilante a si e aos outros são sinais de saúde mental relativas à *egos* lúcidos, que buscam conhecer a si mesmos, pois aceitam e se constituem também sob o referencial da estranheza, pelas diferenças [alteridade] daqueles que nos são análogos na comunidade de sujeitos (DEPRAZ, 2011).

#### 4.5 Possibilidade de uma clínica psicológica pura e o fluxo temporal

A partir do desvelamento do *ego cogito* é possível acessar o sentido doado pela consciência do sujeito, e em última instância, se almeja alcançar a esfera transcendental, onde a subjetividade individual encontra os significados originais da doação imanente. Enquanto fundamento absoluto do conhecimento, o *ego* estudado na Fenomenologia está diretamente ligado ao âmbito filosófico do eu, uma vez que é a Filosofia condição de conhecimento anterior a todo e qualquer conhecimento objetivo. Portanto, se evidencia na relação intersubjetiva uma ligação não cindida entre *ego* e mundo dos fenômenos ou da vida. Para descrever fenomenologicamente o outro [cliente], é necessário de maneira indefinida não se limitar à consciência individual alheia, mas ao infinito campo da consciência absoluta, onde flui o eterno “presente vivo” (THOMÉ, 2008).

“[...] o retorno às *cogitationes* intencionais {os atos puros da consciência} do eu traz à tona o tempo imanente como o lugar originário de constituição por parte da subjetividade absoluta em relação a mundo e sentido” (THOMÉ, 2008, p. 104). Se constituindo pelo fluxo absoluto da consciência, o tempo articula tais *cogitationes* [pensamentos] por meio de uma

ligação transcendental entre o pensar e o pensado [percebido]. Husserl (2001) denomina síntese passiva, o modo como se dá esse elo oriundo da transcendência, através de sua descrição temporal, abre um leque de possibilidades para que a subjetividade autoconstituída possa se revelar na vida temporal.

Tal elo transcendental é a forma de ligação pertencente à esfera da consciência pura, que doa identidade e unifica o objeto intencional. O modo de identificação do objeto temporal se dá pela aparição que flui no decurso temporal, sintetizados em sua essência, portanto, se identificando com ele mesmo enquanto objeto [fenômeno] único e particular. Por mais que seja possível notar diferentes aspectos do fenômeno em diferentes intervalos de tempo, ainda assim, ele assegurará sua unidade enquanto objeto total, se unificando em suas múltiplas maneiras de fluir. A síntese oriunda da relação entre o sujeito e o mundo determina o sentido deste último, e também compreende a forma original da consciência, de modo que estabelece originariamente a relação subjetividade, mundo e temporalidade (THOMÉ, 2008).

A unidade da consciência, uma vez apreendida como aparição no fluxo temporal, evidencia a constituição da consciência unificada, estrutura na qual todas as vivências mantêm-se fluidas no tempo absoluto com suas multiplicidades periódicas. É na síntese original de unificação temporal que, impressão de agora, o agora a pouco que passou e o porvir, são percebidos na linha do tempo com uma fluência dotada de identificação, onde se percebe a unidade do contínuo temporal. Todas as sínteses unificadoras se manifestam referencialmente à forma fundamental da síntese universal: a consciência imanente do tempo (THOMÉ, 2008).

A fonte primitiva do fluxo temporal é uma impressão originada na proto-passividade, dimensão da consciência que não está relacionada com os desejos, nem com interesses egóicos. Somente a duração é apreendida e percebida de modo unificado por meio de retenção da impressão em dois níveis de recordação, tal possibilidade de reproduzir o fenômeno imaginativamente é garantida pela dinâmica que unifica os “agoras” em um fluxo imanente único. Portanto, toda vivência temporal é uma impressão original ou está ligada a uma pela síntese reprodutiva, que presentifica a consciência do passado enquanto possibilidade ideal. A intencionalidade é o mecanismo que a rigor, doa unidade e identidade ao objeto temporal, o qual é recordado iterativamente, a fim de verificar o que foi antes percebido, recuperando assim algo de sua essência original (THOMÉ, 2008).

Cada estado de consciência possui um ‘horizonte’ que varia conforme a modificação de suas conexões com outros estados e com as próprias fases de seu decorrer. É um

horizonte intencional, cuja característica é remeter a potencialidades da consciência que pertencem a esse mesmo horizonte (HUSSERL, 2001, p. 62).

Para se compreender um objeto como o mesmo na passagem do tempo é necessário primeiro perceber sua intencionalidade, que garante a permanência do mesmo no tempo e espaço, estando o objeto implicado com a possibilidade essencial de existir. Sendo sempre consciência de algo ou alguém, a característica intencional da consciência permite diferentes visadas de um mesmo objeto, antecipando-o ou o recuperando pela recordação. Ao se abrir inteiramente para experienciar seu horizonte intencional de vivências, o sujeito dá-se conta de si mesmo como dotado de vida consciente, se relacionando de maneira intencional consigo mesmo (THOMÉ, 2008).

Considerando o eu transcendental como o fundo infinito em que flui o presente vivencial, é constituído a partir dos atos sintéticos da consciência enquanto subjetividade de caráter intencional por essência, fonte de todos os atos que sintetizam o processo de identificação. As alterações decorrentes do *ego* emergem dos próprios atos operados na consciência deste por meio do fluxo temporal, uma vez que o eu transcendental flui constantemente, vindo a se reconhecer na própria fluência do tempo interno à sua consciência, onde se articulam as totalidades referentes aos estados de vivência que atestam a continuidade da permanência do sujeito aberto à experiência vivencial. Tal abertura corresponde às disposições do sujeito para experienciar seu modo de ser autêntico, constituindo assim seu jeito de ser no mundo a partir do lugar do eu absoluto [comunitário], única instância na qual se constituem os modos de ser do *ego* transcendental, que se configura de modo absolutamente fluídico (THOMÉ, 2008).

A permanência do *ego* revela o eu transcendental sob as múltiplas sínteses duradouras na continuidade do fluxo que constitui a identidade do sujeito pela possibilidade de dar-se conta, de se reconhecer a si mesmo. Ao se reconhecer como pessoa, o sujeito é paradoxalmente marcado pelo traço essencial que liga o *ego* monádico ao *ego* absoluto, fluente e de caráter temporal. Pela recordação se pode empreender uma retomada de si e pela protensão, o sujeito se projeta no mundo de maneira plena em um constante processo de sedimentação de seus atos intencionais, sejam afetivos e/ou intelectuais. O próprio reconhecimento de si também como um eu empírico, passa pela relação fundamental do polo transcendental com o empírico, o sujeito enquanto pessoa está no ínterim destes dois polos, constituindo assim, uma unidade empírica individual (THOMÉ, 2008).

O primeiro passo do trabalho de consecução desta tarefa universal dá-se pela descrição de uma eidética transcendental enquanto método que visa descrever a região dos *princípios*. Pois, há um alcance da descrição transcendental que é liberada pela *epoché* e que é encaminhada ao *eidos*: uma esfera de descrições de extensão unicamente ideal, de conceitos universais, que abrange todas as idealidades da consciência como “puras possibilidades” (THOMÉ, 2008, p. 121).

Em uma dimensão experiencial, todas as vivências são eminentemente subjetivas, tal é a questão que fundamenta a teoria fenomenológica da consciência, implicando a estrutura da consciência subjetiva alheia de maneira imediata e pré-reflexiva. Assim sendo, toda pesquisa fenomenológica em Psicologia deve considerar como premissa a interação entre a experiência temporal subjetiva do *self* e o meio que o circunda [espaço]. Galgar maior entendimento sobre este tema é o objetivo principal da psicoterapia de orientação fenomenológica. O horizonte de possibilidades é o “local” de realização da experiência vivida pelo sujeito internamente, na consciência interna do tempo, numa posição para além dos temas e de caráter potencial. Consta-se então, que o vivido temporal do *self* é originado na consciência interna do tempo e tem características genéticas, que dão origem ao fluxo absoluto das consciências (SOUSA, 2014).

Ao se aprofundar no estudo da consciência interna do tempo, aparece o desvelamento do fluir e também da permanência enquanto uma única consciência temporal. A subjetividade encontra sua concretude na identidade pessoal, mas se personifica em múltiplas experiências diferentes que mudam no fluxo permanentemente, e constituem sua alteridade. O “presente vivência” está para o *self* de maneira simultânea, se dá em primeira pessoa e flui em uma dimensão invariante mantida pelas múltiplas experiências vividas. A manifestação da subjetividade estrita dá-se pela possibilidade da consciência interna do tempo constituir novas experiências que identificam o *self* no fluxo de vividos. “O aspecto crucial é a ligação directa entre os fenómenos experienciais e a perspectiva da primeira pessoa, no qual existe já uma dimensão primordial, não temática, pré-objectiva do *self*” (SOUSA, 2014, p. 34).

Ao psicólogo que se orienta por uma via husserliana de estudos fenomenológicos, é exigida uma postura descritiva que viabiliza investigações sobre a relação empática mantida pelo vínculo terapeuta-cliente, em que presumidamente, se evidencia que a consciência imediata não apreende todas as perspectivas experienciadas em suas vivências. Analisando a origem dos fenômenos existenciais do sujeito, se encontra o último grau do método fenomenológico, alcançando um nível que abarca as profundezas da vida subjetiva. Importante ressaltar que para viver em relativa plenitude, o sujeito não deve apenas se conhecer a si próprio profundamente, mas também é exigido de cada ser humano um

desenvolvimento pessoal capaz de interagir de maneira assertiva no horizonte social e cultural, pela intersubjetividade, se encontrar genuinamente com o Outro, constituindo assim o centro de sua identidade pessoal (SOUSA, 2014).

Ao campo das puras possibilidades pertencem as diversas formas de subjetividade, enquanto ao campo empírico pertencem os fatos da existência real, as vivências do eu empírico. Partindo da experiência elementar, se apresenta ao mundo uma percepção das possibilidades puras, a estrutura apriorística da percepção estrita e última, a qual tem por função intencional descrever os aspectos fenomenológicos que se manifestam na visada do objeto intencional. A *epoché* nos revela o conteúdo intuído por *eidos* [essência] e se encontra estruturado universalmente pela transcendência dos atos, que se apresentam como correlatos da consciência intuitiva. A realização ou não das puras aspirações está diretamente relacionada ao modo de ser do sujeito e de sua atuação no mundo empírico, uma vez que justamente por se tratarem de possibilidades, não propõem uma necessidade de realização concreta (THOMÉ, 2008).

Descrevendo a essência do *ego* transcendental é possível o acesso através do desvelamento, aos princípios apodícticos da egologia geral. Se elucida assim tanto a estrutura universal do eu transcendental, quanto o eu empírico [psicológico], sendo este primeiro, abrangente de todo ato empírico possível e apriorístico a qualquer fato contundente, portanto, até mesmo a realização do eu empírico não passa de pura possibilidade da experiência. O horizonte transcendental das essências se caracterizando enquanto vasto campo de estudo, fornece subsídios que fomentam a existência das ciências empíricas [positivistas], uma vez que, tendo estas o fato como seu objeto de estudo, dependem da fundamentação oriunda do fenômeno puro, garantindo a possibilidade, a inteligibilidade e a cientificidade do universo ôntico e empírico de conhecimentos sobre a natureza humana, pois à essência das coisas pertence também o sentido delas, o qual é anterior e condição para existência de qualquer objeto (THOMÉ, 2008).

A característica do modo temporal fundamental do vivido opera pela multiplicidade de sistemas intencionais. Articulados pela consciência do sujeito transcendental, o vivido obtêm sentido no transcorrer temporal, que é sua própria fluência. Tal articulação doa sentido à “unidade de gênese universal do *ego*”, permitindo assim adequada compreensão do outro enquanto sujeito histórico, constituído por vivências significativas que lhes são imanentes. Em última instância, todo estudo da gênese eidética do sujeito está alicerçado na doação do sentido de caráter estritamente temporal. Tudo o que está sedimentado na consciência sob a forma do fluxo de vividos, assim como a formação de sentido, está condicionada pelo

entendimento do desdobramento temporal de si próprio enquanto sujeito pertencente à comunidade humana universal (THOMÉ, 2008).

Investigando rigorosamente a origem da temporalidade, a subjetividade absoluta enquanto origem constitutiva de si mesma e também do tempo, se entende que o processo de autogênese da subjetividade é o mesmo onde se origina a temporalidade, esta última, forma universal da origem transcendental dos objetos intencionais, se caracterizando também como um modo de desdobramento dimensional de caráter subjetivo. Em suma, a subjetividade absoluta se evidencia em sua fluência própria, ampliando os horizontes de visada do sujeito, por meio de uma abertura ou dar-se conta de si mesmo passando no tempo. Já que não há *ego* sem tempo, nem tampouco tempo sem *ego*, se evidencia, portanto a relação de coparticipante entre as duas instâncias, pela interdependência fenomenológica explicitada em seu caráter de estrutura e origem, por mais que em última análise, a subjetividade transcendental seja em sua máxima clareza caracterizada pela intemporalidade. Dito isto, se verifica que na Fenomenologia a subjetividade é revelada como fluxo infinito em que o tempo se constitui (THOMÉ, 2008).

[...] Se a apreensão do fluxo infinito constitutivo de tempo só é dada como *ideia em sentido kantiano* – como um absoluto inapreensível na sua plenitude, mas que é parcialmente realizável –, é essencialmente o tempo {enquanto originariamente constituído pelo fluxo infinito} que pode parcialmente realizar a infinitude da vida subjetiva (THOMÉ, 2008, p. 126).

Conforme se manifestam os fenômenos psíquicos, surgem também os traços de memória associados ao passado imediato ou recordação primária, pelo ato mental se mantêm em continuidade temporal a vivência experienciada momentos antes. Com isso, se sabe que o momento presente é dotado de uma duração, a qual auxilia na assimilação dos sucessivos atos perceptivos, entendendo a consciência de duração como uma validação da proposta de Husserl. Se, portanto, uma percepção pode ser imanente durante suficiente tempo para que seja garantida sua descrição fenomenológica, também se faz necessário uma descrição das “sensações de duração”. Por meio da *epoché*, a visada intencional atinge a estrutura da consciência, que por sua vez se encontra dispersa no tempo. Dito isso, se pode discriminar sinteticamente três maneiras utilizadas por Husserl para explicar a temporalidade e o fenômeno temporal: a primeira diz respeito aos objetos temporais transcendentais, outra referente aos atos intencionais constitutivos da experiência, e por último, a experiência temporal de unificação do ato intencional (OLIVEIRA; ZILIO, 2006).

Atos intencionais são objetos temporais que existem no tempo subjetivo, mas que se constituem no fluxo absoluto da consciência interna do tempo, esta dimensão última e primordial do significado para as experiências, elucidando-as como objetos temporais situados no tempo imanente. Toda percepção se trata de uma “coisa” percebida, constituída pela consciência enquanto objeto temporal, que aparece à consciência no fluxo de vividos, além disto, a percepção não é um ato constituinte, mas antes, o fundamento pelo qual a constituição interna do tempo se manifesta. A percepção também está dotada de duração e ocorre no tempo imanente, coincidindo geralmente com o transcendente percebido de maneira imanente. A percepção de um fenômeno e sua estrita ocorrência no fluxo de vividos se correlacionam graças à constituição da consciência interna do tempo, pois o modo de ser da percepção é exatamente o jeito de ser do seu correlato fenomênico (OLIVEIRA; ZILIO, 2006).

É necessária uma postura consciente do profissional enquanto facilitador do processo psicoterapêutico, confrontando desta maneira o que lhe é revelado pelo cliente sobre ele próprio por intuição e/ou experiência temporal, também estando a par da análise fenomenológica do vínculo entre ambos, fruto da capacidade de ressonância empática do psicólogo. Relacionando as compreensões mútuas e penetrando cuidadosamente no horizonte processual das complexidades psíquicas do cliente, se participa conscientemente do processo psicoterapêutico por meio de nossa subjetividade investigativa, apreendendo as vivências de sofrimento do cliente, assim como as de alegria e contentamento. Tais posições fenomenológicas evidenciam por si exímio valor para a clínica psicológica e/ou psiquiátrica (MELO, 1980).

Temos como base que todo encontro autêntico propicia uma relação transcendental entre os seres humanos, ao se presentificarem de maneira mútua, cliente(s) e terapeuta(s) atuam em todos seus modos de ser, buscando um equilíbrio existencial saudável em termos ambientais e sociais também. Por meio de uma abertura da estrutura temporal subjetiva ocorre o processo de autogênese, em que o sujeito perpetua sua melhor forma de se constituir fenomenologicamente ao seu eu empírico, visando alcançar o eu transcendental. O fluxo constitutivo do tempo abre a estrutura eidética do tempo, se caracterizando por ser intemporal, pois a subjetividade absoluta é a fonte de toda constituição de sentido, tempo e de ser. No fluxo se dão as vivências que tendem para o futuro ou passado, porém, o viver absoluto é sempre presentificado, se manifestando sempre vivo. “A descrição da *absolutes* da subjetividade foi revelada mediante a descrição da dinâmica de auto-gênese da subjetividade

enquanto dispersão da vida subjetiva no visar a temporalidade imanente; [...] enfim, elucidação do ‘absoluto último e verdadeiro’” (THOMÉ, 2008, p. 127).

A subjetividade é parte constitutiva do fluxo infinito no qual o tempo se constitui, tal é a essência genética da essência individual. O tempo pode ser marcado pelos limites de sua efetivação, constituído pelo eu singular, uma unidade concreta pertencente à esfera de origem da subjetividade, campo do “absoluto, último e verdadeiro”. Portanto, a Fenomenologia genética do eu, diz respeito à descrição da origem da subjetividade em seu processo de autoconstituição e doação de sentido aos objetos temporais, enquanto possibilidade de realização da Filosofia contemporânea, a subjetividade absoluta constitui concomitantemente o mundo, tempo e sentido. A descrição fenomenológica genética é aquela que visa descrever o universo de possibilidades puras da consciência autocompreensiva do sujeito. Ao se descrever como a subjetividade do cliente é constituída em meio à relação empática com o psicoterapeuta e com o mundo, se alcança a possibilidade de descrever a subjetividade enquanto estrutura constituinte (THOMÉ, 2008).

A pretensão fundamental da Fenomenologia de Husserl foi a de possibilitar uma descrição das vivências da consciência, por meio da *epoché* e pela experiência eidética enraizada na evidência oriunda da intuição. A estrutura da percepção é entendida a partir do campo perceptivo integrado, e não pelos conteúdos admitidos pelas sensações de maneira isolada, pois a forma ou modo de ser é dotado de sentido existencial. O método fenomenológico em suas multiplicidades é antes de tudo uma atitude, uma postura, um fazer que nos leva a exercitar concretamente a observação atenta do mundo, operando em si mesmo a realização dos sentidos imanentes e transcendentais, com vias de alcançar o salto ou talvez um voo transcendental reiteradamente (DEPRAZ, 2019).

Diante do exposto, é demonstrada a carência de estudos empíricos sobre a escuta psicoterápica e temporalidade, pois há necessidade de aprofundamento na essência do método fenomenológico e na atitude personalista do psicólogo. Estudos sobre a operação do tempo objetivo na escuta é tema ainda a ser estudado no Brasil, se pode apenas introduzir no presente texto a temática consultada. Dissertar sobre o tempo objetivo e a experiência do tempo na consciência se evidencia como de suma importância para o futuro da Fenomenologia e da Psicologia. Entendendo como o sujeito opera na *hylé* (matéria subjetiva que compõe a percepção) falando e escutando, se investiga a temporalidade objetiva, a fim de descrever a experiência temporal do sujeito.

Os resultados encontrados dizem respeito à contribuição do estudo da temporalidade para os psicólogos(as) e fenomenólogos(as) do Brasil, em busca de um olhar mais atento e

depurado para os cuidados com a saúde psicológica a nível clínico. Principalmente com relação aos quatro conceitos-chaves da dissertação: Tempo fenomenológico, Consciência temporal, Psicologia Fenomenológica e Intencionalidade. Se discutiu ainda o aprimoramento da Psicologia clínica de orientação fenomenológica por meio dos resultados obtidos pelo estudo da operação da temporalidade na escuta clínica, e do estudo da temporalidade via Fenomenologia transcendental husserliana para uma contribuição ao “saber fazer” psicoterapêutico em sua atitude intersubjetiva, assim como contribuir com a formação nos cursos de Psicologia, enquanto atualização do conteúdo fenomenológico dentro dessa área de pesquisa e atuação, em virtude da utilização do método fenomenológico para a clínica.

Os principais conceitos encontrados foram: as contribuições da consciência para a constituição da percepção temporal, ideia de retenção e protensão, intencionalidade, intersubjetividade, síntese e constituição do sujeito transcendental. Ao compreender tais conceitos os psicólogos ganham subsídios teóricos para o aperfeiçoamento da prática clínica, por meio do entendimento da temporalidade no universo husserliano, assim como da importância do método fenomenológico para a prática científica, possibilitando também o surgimento de pesquisas na área psicológica que relacionem a prática empírica à subjetividade eidética por meio do elo espaço-temporal de ambas dimensões, *apriori* e *posteriori*.

Para que uma experiência subjetiva aconteça, se faz necessário um fenômeno fundante desta. O requisito do polo objetivo [material] para constituição de uma alteridade da consciência passa pela referência a algo ou alguém [objeto], é um fenômeno que se manifesta para nossa percepção enquanto possibilidade de um fenômeno referencial. Os fenômenos e a intencionalidade são fios que conduzem a uma descritiva fenomenológica adequada do vínculo terapêutico, e também resultados oriundos da aproximação entre horizontes vivenciais nas sessões psicoterápicas. O ato da visada intencional marca o início da compreensão de uma *epoché* fenomenológica, operando pela atenção, o raio intencional vai do objeto para o ato da visada, descrevendo fenomenologicamente a gênese da vivência para chegar à consciência do objeto. Está comprovado que a possibilidade de uma Psicologia Fenomenológica é a mais adequada alternativa, por oferecer uma reflexão de base sobre o método fenomenológico das reduções (DEPRAZ, 2011).

Ao descrever a essência do sujeito transcendental se tem acesso aos princípios apodícticos, ao desvelar o ser enquanto autenticidade de existir. A estrutura universal do sujeito transcendental e do sujeito empírico [psicológico], transcendental significa aprioridade referente a qualquer fato contundente decorrente de um ato empírico, portanto, a realização do eu empírico não passa de pura possibilidade da experiência. O horizonte transcendental

abastece de subsídios essenciais as ciências empíricas [positivistas], pois ao estudar o fato, carecem do entendimento fundamental de subjetividade pura, garantindo a inteligibilidade e a cientificidade do universo ôntico, pois à essência das coisas pertence também o sentido delas, que antecede e condiciona a existência de um objeto (THOMÉ, 2008).

A facilitação do acesso à consciência subjetiva da pessoa se dá pela ligação direta dos fenômenos experienciais à perspectiva própria de significado de mundo, sistema que opera graças à dimensão primordial, pré-objetiva à constituição do sujeito e atemática. Estando o eu experiencial diretamente ligado à identidade, agem ambos em relação de codependência, sendo objetos do processo psicoterapêutico enquanto tematizações reflexivas apropriadas para análise do eu real e suas pretensões para alcançar um ideal, em contrapartida à percepção de si. A captação das vivências alheias está no núcleo da análise fenomenológica em psicopatologia, sendo necessário descrever, delimitar, distinguir, precisar e apresentar com o maior rigor possível e da maneira mais clara os fenômenos que se passam na experiência do cliente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando pela leitura do filósofo e teólogo medieval Santo Agostinho, foi possível compreender um primeiro empenho para entender o tempo de modo amplo e metafísico. Muitas centenas de anos após a morte do erudito bispo foram necessárias para que Immanuel Kant se aproximasse de uma estética transcendental do tempo, apresentando as formas puras da intuição sensível e tornando possível acessar, pela racionalidade, o rascunho do que viria a ser o sujeito transcendental, conceito até hoje bastante discutido em sua conceitualização estrita, alguns o consideram espírito, outros colaboradores preferem conceituá-lo enquanto *persona*, anuindo aos pormenores de suas objetualidades.

Apresentado breve discurso sobre os pensadores que auxiliaram Edmund Husserl a conceituar o tempo fenomenológico, assim como o tempo objetivo em suas rigorosas investigações sobre o método. Por vias de considerações finais, aponto que o tempo subjetivo, dito fenomenológico é de importância elementar e primeira, com relação aos atendimentos psicoterápicos na clínica psicológica, assim como em sua amplitude interinstitucional. O tempo objetivo, por sua vez, também possui valorosa contribuição para humanidade no uso do tempo cronológico e requer certa flexibilidade na questão de atendimentos. Quando se lida com uma existência fragilizada, dependendo do nível de sofrimento e do potencial de ajuda psicoterapêutica, a extensão do tempo de atendimento deve se efetivar.

Concentrando o estudo nas obras husserlianas e em seus comentadores mais fiéis, podemos concluir que tal área de conhecimento carece de pesquisas em temas específicos da clínica, assim como requerendo aplicações práticas para pesquisas clínicas em campo/*setting*. Deste modo, a pesquisa teve a intenção de algum modo contribuir parcialmente para ampliar e retificar discussões filosóficas sobre a temporalidade na Psicologia, tema de importância salutar e apriorística para o estudo da subjetividade sadia, enferma, e também da intersubjetividade.

Clarificar os conhecimentos sobre a visada intencional é essencial para a aproximação da atitude fenomenológica na escuta clínica, principalmente para os profissionais da Psicologia que desconhecem o método fenomenológico, pois ao se deparar com a escuta suspensiva, buscam primeiramente uma compreensão mais empírica dos fenômenos, e por isso a importância do projeto de uma Psicologia Fenomenológica empírica, capaz de introduzir psicólogos(as) e profissionais da saúde no universo husserliano de pesquisa. Portanto, ao se orientar pela atitude fenomenológica, o psicoterapeuta suspende seu conhecimento científico advindo de qualquer espistemologia, teoria e metodologia, e também

do senso comum, para realizar então o salto eidético, suspendendo a atitude naturalista, podendo assim, operar com a escuta suspensiva, conforme ensina Barreira (2018).

Estudar a temporalidade partindo do tempo objetivo, subjetivo ou dos objetos temporais, nos remete à duração dos fenômenos, passagem do tempo. Tal cronometria está diretamente relacionada ao processo de mudança, conceito elementar para a restituição da saúde do cliente. O humano assim pode mudar a si mesmo no tempo, pois a personalidade se altera em direção à sua essência, pelo menos é o que geralmente ocorre em um processo psicoterapêutico. A pessoa atendida sai de um estado ingênuo para experimentar suas próprias vivências sendo genuíno e *sem máscaras*, atitudes ingênuas e naturalizadas são enrijecedoras da subjetividade, não possibilitando ao sujeito fluir para uma alteridade possível, muito menos alcançar níveis transcendentais. O elo entre a consciência temporal do sujeito, que percebe a mudança em um serviço de ajuda profissional, ou onde seja, e a Fenomenologia, são pretensões levadas a cabo nesse trabalho, tentando alicerçar degraus para o entendimento da Psicologia clínica de orientação fenomenológica husserliana.

A Psicologia pura, entendida por Husserl como uma superação do psicologismo, é eminentemente eidética, e traz à tona as críticas tecidas por este pensador em um passado recente. Se o furor da segunda guerra mundial e a fama heideggeriana no Brasil não permitiram que tal projeto de uma nova ciência psicológica caísse no gosto dos psicólogos brasileiros, é necessário fazer justiça ao tomar consciência de tamanha contribuição, pouco comentada nos bancos acadêmicos e instituições que tratam da Psicologia, mesmo nos lugares onde se estuda a Fenomenologia com toques de Existencialismo, principalmente baseando-se em leituras de Sartre (1905-1980).

O descaso e não conhecimento das obras husserlianas por parte dos psicólogos pode ter atrasado epistemologicamente esta área, fazendo todos os olhares voltarem para as neurociências, sem desmerecer a sua importância, e trataram de deixar de lado uma filosofia psicológica tão complexa, problematizadora, ramificada na Europa e até mesmo arcaica, na opinião de alguns que priorizam o tecnicismo. Todavia, o conhecimento filosófico é o único capaz de reformular uma ciência, independente da episteme envolvida, a Fenomenologia veio claramente lançar bases para as ciências puras, as quais são de fato embrionárias. A Psicologia ganha seu grau de importância nesses meados críticos em que atravessa a civilização, atolada em bioameaças, no consumo desenfreado ou em uma resistência angustiante aos fenômenos da globalização.

O que possibilitou tal investigação foi a escolha em utilizar a Fenomenologia como método e como atitude de rigor na análise da temporalidade no cogito transcendental, em sua

relação intersubjetiva e com o mundo. Ao suspender o conceito de tempo cronológico, diferenciando-o do tempo fenomenológico, se torna possível realizar uma análise das contribuições deste fenômeno para a Psicologia clínica de orientação fenomenológica (HUSSERL, 1913/2006).

A parentesiação, pôr entre parênteses, é outra maneira de denominar o conceito de *epoché* fenomenológica proposta por Husserl, sua intenção reside em pôr o mundo natural entre parênteses para acessar imediatamente a essência do fenômeno, sem que haja distração com os pensamentos automáticos que compõe e constituem o fundo e a abrangência do fenômeno, mas focando a atenção no núcleo do que se apresenta por meio de uma consciência efetiva de tempo e espaço. O propósito do autor é descobrir um novo domínio da ciência por meio deste método, dito fenomenológico (HUSSERL, 1913/2006).

Considerando o tempo uma dimensão constitutiva, portanto *a priori* em relação à subjetividade, deparei-me com a evidência apodítica de que a consciência é o elo entre a racionalidade do mundo-da-vida e o “mundo interior”, tal elo é mantido graças ao raio intencional da consciência, o qual muda de direção conforme as circunstâncias espaciais e as fases dessa mudança, ou até mesmo de uma duração, porque até as mudanças duram um tempo e logo dão vez à arte de viver, é a vivência que impulsiona o processo de subjetivação e a experiência concretiza, realiza. Para falar sobre dados de tempo, se tem que voltar às origens de sua constituição, encontrada em uma destilação minuciosa das últimas ideias de Husserl. A última “gota” do funil é a transcendência, o que muitos pesquisadores de nossa época alegam ter ficado inacabado, não explicado ou passando apenas de mero projeto, o tal sujeito transcendental, condição espiritual e primária para a constituição das essências da subjetividade.

A análise fenomenológica da temporalidade pautada no arcabouço husserliano abre caminhos para a elaboração de pesquisas que abordem a atitude e o método fenomenológico nas diversas áreas de atuação da Psicologia e das Ciências Humanas. Neste trabalho mostrei um esboço do exercício fenomenológico de desvelar a origem e constituição do tempo conforme as lições de Edmund Husserl publicadas em suas obras de maior destaque, elucidando os principais aspectos que remetem à passagem do tempo enquanto duração e o tempo fenomenológico, relativos à subjetividade, tema central na Psicologia clínica.

O fluxo opera na abertura de possibilidades em sua liberdade de constituição, totalidade articuladora das vivências temporais. Os processos que constituem a unidade do objeto temporal e o caráter unitário do próprio fluxo transcorrem no mesmo tempo, no único fluxo identitário, resta tarefa árdua para concluir como se constitui a temporalidade imanente

pela ação da subjetividade absoluta, instância que doa formas e transcende a imanência estrita [pré-imanente]. O fluxo temporal absoluto enquanto esfera prévia é requisito de qualquer manifestação possível, estando condicionado somente à auto-aparição na unidade da vida subjetiva, tal instância gera a unidade vivencial. A consciência absoluta tem a si mesma e vê a si, se manifestando para si na temporalidade, uma vez que o fluxo intemporal [*unzeitlich*] aparece para a consciência na visada intencional (THOMÉ, 2008).

Embora o entendimento da operatividade temporal na clínica psicológica não abarque a totalidade das diferentes versões de clínicos dos sujeitos, pois se caracterizarem pela multiculturalidade. Ao menos auxilia na compreensão de modo mais próximo à essência do fenômeno, que remete à amplitude dos contextos vivenciados pelos sujeitos que buscam um atendimento psicológico, independente de haver ou não psicopatologia urgindo nos quadros clínicos. Se faz necessário compreender as diferentes formas de atuação do psicólogo(a) clínico(a), a fim de esclarecer as normas [esquematismos da racionalidade] que conduzem à uma efetiva terapêutica, além de motivar os profissionais da Psicologia a praticar uma escuta não-naturalista, uma vez que voltar às coisas mesmas significa voltar às experiências vividas.

Trabalhar no rigor da experiência facilitadora em uma relação de ajuda, evidenciando os efeitos subjetivantes obtidos nos quadros clínicos que se manifestam ora como sadios, ora adoecidos, disso se trata a arte da psicoterapia de orientação fenomenológica. Se tendo clareza das normas que regentes do serviço prestado em Psicologia, se tem maior segurança para suspender [reduzir] parcialmente o caráter presumido do encontro, a fim de alcançar o nível das essências. A Psicologia Fenomenológica pode esclarecer o valor das normas/regras em um serviço psicoterapêutico, que interligam e anexam a esfera psicofísica ao/no nível eidético.

É evidente até aqui que, a possibilidade de chegar a uma Fenomenologia sobre a clínica psicológica capaz de analisar interlocuções, a escuta atenta, o ato empático, a reciprocidade do vínculo e as demais características vivenciadas unicamente no encontro psicoterapeuta-cliente. A Psicologia necessita do momento transcendental para se desenvolver enquanto ciência de rigor, pois são os momentos que dão sentido às coisas [vivências]. Para que venha emergir um efeito terapêutico capaz de orientar a pessoa no mundo, se tem de trabalhar com a ordem dos sentidos [significados] e não apenas com a parte lógica [racional] do sujeito.

A questão norteadora formulada foi alcançada mediante rigoroso estudo dos materiais que endossaram a realização da pesquisa, ao elencar e analisar as contribuições da noção de temporalidade em Husserl para a Clínica Psicológica de orientação fenomenológica. Dentre

os mais importantes: a consciência intencional, o tempo fenomenológico, a intencionalidade e o sujeito transcendental.

As contribuições do estudo da temporalidade foram apresentadas com esforço empreendido no entendimento do conteúdo das obras husserlianas, atentando para as partes mais dedicadas à Psicologia, com vias de promover formação de conhecimento interdisciplinar para a área da clínica de orientação fenomenológica. As principais influências dos pensadores que contribuíram com Husserl no estudo do tempo foram identificadas, se problematizou a análise fenomenológica do tempo enquanto constituição dos atos da consciência e de seus objetos, também foi possível compreender a concepção de tempo vivido na Psicologia Fenomenológica husserliana, reforçando o entendimento da temporalidade na clínica psicológica.

Os riscos e limites da pesquisa se referem à restrição da pesquisa aos idiomas português e espanhol, o que limita o alcance da contribuição da pesquisa a profissionais que tem outras línguas estrangeiras como idioma primeiro ou com relação aos que não falam nem leem em português ou espanhol. Houve disposição para assumir o risco, uma vez que a Fenomenologia husserliana é considerada original e necessária para contribuir com a carência de estudos sobre Edmund Husserl na Psicologia clínica. Outra limitação diz respeito à não verificação, através de pesquisa de campo, dos dados coletados, via salutar para afirmar as evidências citadas neste trabalho. Os resultados desta pesquisa são capazes de embasar estudos futuros sobre a temporalidade na clínica psicológica se baseando em estudos husserlianos.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DE HIPONA. Livro XI: O Homem e o Tempo. In: AGOSTINHO E HIPONA. **Confissões (397)**. Trad. J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultura, 2004, p. 235-257.
- ALVES, Pedro M. S. Tempo objectivo e experiência do tempo: a Fenomenologia husserliana do Tempo perante a Relatividade Restrita de A. Einstein. **Phainomenon**, Lisboa, n. 14, p. 115-142, out. 2007.
- BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. Escuta Suspensiva. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS: PESQUISA QUALITATIVA NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA EM DEBATE, 5, 2018, Foz do Iguaçu. Artigo (**Anais**). Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2018. P. 1-12.
- BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A Operatividade Temporal na Escuta Suspensiva. *Universidade de São Paulo*. No prelo.
- BORBA, Jean Marlos Pinheiro; OLIVEIRA, Thayane Cristine Amaral. Contribuições da Fenomenologia Husserliana para a Psicologia Clínica. **Revista Nufen: Phenomenologia e Interdisciplinaridade**, v.11, n. 3, p. 154-169, set./dez. 2019.
- CARDOSO, Claudia Lins. Apontamentos sobre a utilização do método fenomenológico na psicoterapia. In: GIOVANETTI, José Paulo (org.). *Fenomenologia e Psicologia Clínica*. Belo Horizonte: Artesã; 2018.
- CARVALHO, J. Prefácio, In: HUSSERL, Edmund. **A Filosofia como Ciência de Rigor (1911)**. pp. 5-58. Coimbra: Atlântida; 1965.
- CASTAÑON, Gustavo Arja; CORMANICH, Eduardo Luis. O Conceito de Psicologia Fenomenológica na obra husserliana e suas implicações para a Psicologia. **Revista Nufen: Phenomenologia e Interdisciplinaridade**, v. 10, n. 3, p. 143-165, set/dez. 2018.
- DESCARTES, René. **Discurso do método (1637)**. Trad.: Maria Ermantina e Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Trad. Fábio Creder. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIOVANETTI, José Paulo. Fenomenologia e prática clínica. In: GIOVANETTI (org.). Belo Horizonte: Artesã; 2018.
- GOMES, Amandio. Uma ciência do psiquismo é possível? A Psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 17, n. 1, p. 103-111, jan/jun. 2005.
- GOMES, William B. **Os últimos filósofos da antiguidade e a Psicologia dos teólogos cristãos**. 2014, p. 25-30. Nota de aula. Impresso. Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/cogvila/dischistoria/Gomes4.pdf>.

GOTO, Tommy Akira. **A (Re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl**. 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontífica Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

GOTO, Tommy Akira et. al. Husserl e o Artigo para Enciclopédia Britânica (1927): Projeto da Psicologia Fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 629-640, out./dez. 2016.

HELENO, José Manuel. Husserl: Tempo e Ego. **Phainomenon**. Lisboa, n. 8, p. 31-54, abr. 2004.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia (1907)**. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **A filosofia como ciência de rigor (1911)**. Trad. Albin Beau. Coimbra: Editora Atlântida, 2 ed., 1965.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica (1913)**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental (1936)** Rio de Janeiro: Forense, 2012.

\_\_\_\_\_. **Lecciones de Fenomenología de la conciencia interna del tiempo (1928)**. Trad. Agustín Serrano de Haro. Editorial Trotta, 2002.

\_\_\_\_\_. **A filosofia como ciência de rigor (1911)**. Trad. Albin Beau. Coimbra: Editora Atlântida, 2. ed., 1965.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica (1913)**. Aparecida: Ideias e Letras; 2006.

\_\_\_\_\_. El Artículo “Fenomenología” de la Enciclopedia Británica. **Antología Edmund Husserl, Invitación a la fenomenologia**, p. 35-73, 1927/1992.

\_\_\_\_\_. **Lecciones de Fenomenología de la conciencia interna del tiempo (1928)**. Trad. Agustín Serrano de Haro. Editorial Trotta, 2002.

\_\_\_\_\_. A Ingenuidade da Ciência. **Scientle Studia**, v. 7, n. 4, p. 659-667, 2009.

\_\_\_\_\_. **Meditações Cartesianas (1931)**. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

JAY, Martin. O mundo da vida e a experiência vivida (1969). In: DREYFUS e WRATHALL (orgs.). Fenomenologia e Existencialismo. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KANT, Immanuel. **Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência (1783)**. Trad. E notas de Antônio Pinto e Carvalho. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Pura (1781)**. Trad. J. Rodrigues de Mereje. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

\_\_\_\_\_. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”. In: **Textos seletos (1783)**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. Parte primeira da teoria elementar transcendental: Estética Transcendental. In: **Crítica da Razão Pura (1781)**. Trad. J. Rodrigues de Mereje. Editora Ediouro, 1995.

MELO, Augusto Luiz Nobre de. Fenomenologia e Análise existencial em Psicopatologia. Em: **Psiquiatria I**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980.

OLIVEIRA, Caio Maximino; ZILIO, Diego. A experiência subjetiva de tempo em Husserl e Brentano: contribuições das neurociências. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 110-117, ago. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180658212006000200012&lng=PT&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180658212006000200012&lng=PT&nrm=iso)>. Acesso em 03 dez. 2020.

ONATE, Alberto Marcos. **Ficção e tempo na filosofia de Edmund Husserl**. Tomo I. Porto Alegre: EdPUCRS, 2016, 198p.

\_\_\_\_\_. **Ficção e tempo na filosofia de Edmund Husserl**. Tomo II. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, 174p.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. In: HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

PASCAL, Georges. **Compreender Kant (1977)**. 9 ed., Petrópolis: Vozes, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. A percepção do tempo em Husserl. **Trans/Form/Ação**. Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia, v. 13, p. 73-83, 1990.

PERES, Savio Passafaro. O Desenvolvimento do Projeto de uma Psicologia Fenomenológica em Husserl. **Psicologia em Pesquisa – UFJF**, v. 8, n. 2, p. 221-229, jul./dez. 2014.

SENRA, André Vinicius Dias. **Husserl e as Ciências: a Fenomenologia e os paradigmas atuais da Epistemologia**. Curitiba: CRV, 2020.

SIEMEK, Marek. Husserl e a herança da filosofia transcendental. **Revista de Filosofia Síntese**. Belo Horizonte: v. 28, n.91, p. 189-202, 2001. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/download/555/978>>.

SOUSA, Daniel. Psicoterapia existencial: análise genético-fenomenológica da existência. In: **Fenomenologia e Práticas Clínicas**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2014.

SOUSA, Daniel Grandinetti Rodrigues de. **A Consciência do Tempo: Princípios de Fenomenologia da Temporalidade Dinâmica**. 2018. 247 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

STEIN, Edith. La antropologia como fundamento de La pedagogia. In: ***La estructura de la Persona humana***. Biblioteca de autores cristianos, 1. ed., 2002.

STRUCHINER, Cinthia Dutra. Psicologia Fenomenológica: Uma Perspectiva Husserliana. In: Conferência Internacional sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia, 6, 2003, Brasília. Anais/Trabalhos Completos.

THOMÉ, Scheila Cristiane. **Subjetividade e Tempo na Fenomenologia husserliana**. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

TOURINHO, Carlos Diógenes C. A filosofia como ciência rigorosa, a crítica ao psicologismo e a autoreflexão da consciência transcendental. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.1-144, out. 2010/mar. 2011. Disponível em: <[https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/a\\_filosofia\\_como\\_ciencia\\_rigorosa.pdf](https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/a_filosofia_como_ciencia_rigorosa.pdf)>. Acesso em 30 mai. 2019.